

**JOÃO RENATO AMORIM**



O livro conta a história desde os tempos em que um sapateiro introduziu o futebol na cidade. Ele também seria o responsável por fundar o mais antigo e tradicional clube da cidade, o União Futebol Clube, que teria como grande rival o Vila Santista, outra grande potência entre os anos 1950 e 1906. Sem esquecermos do Atlético, do Ypiranga e dos outros clubes que escreveram páginas de glória no futebol local. Essas e muitas outras coisas, você encontrará nesta obra que resgata o passado do futebol local.



*Dedico este trabalho antes a Deus, por me dar forças,  
ânimo e esperanças nas difíceis batalhas da vida*

*Aos meus pais, Ismeralda Cristina e José Rivaldo, por  
serem sempre exemplo de amor, de dedicação, de sacrifício  
e de caráter*

*A todos os meus parentes e amigos que de alguma  
maneira deram estímulo em prosseguir nesta jornada*

*In memoriam de Thomas Mazzoni e Isaac Grinberg,  
grandes memorialistas do futebol brasileiro e da história  
mogicruzensense, respectivamente*

*E principalmente, a todos aqueles que de alguma maneira  
ajudaram o futebol a ser o esporte mais popular no país  
cinco vezes campeão mundial*

# PREFÁCIO

Amigo torcedor-leitor,

Aviso de antemão que o livro a qual tem em mãos, ainda não teve fim. Tratar de um tema tão delicioso e ao mesmo tempo tão trabalhoso é algo prazeroso. Ainda mais quando esse tema é algo totalmente inédito. Por inúmeras razões alheias, o futebol em Mogi das Cruzes, independente da turbulência que atravessa, é um universo rico, ao mesmo tempo pouco explorado.

Infelizmente, devido à falta de preservação, boa parte da história do futebol local se perdeu no tempo. Porém, do que sobrou, muito material teve que ficar de fora deste livro, que vem a ser como uma espécie de base para a sua preservação. Não bastasse isso, a obra pode ser considerada como o início do resgate de uma história totalmente perdida.

Mogi das Cruzes pode ser considerada um ponto fora da curva no que se refere a introdução das práticas do futebol, talvez no Brasil, nos primeiros anos do século passado. Enquanto na maioria das cidades, e dos estados, os pioneiros foram pessoas de alto poder aquisitivo que regressavam aos seus locais, vindos de centros mais industrializados, seja aqui no país ou fora dele, em Mogi, já se praticava um jogo similar ao futebol, mas praticado por crianças nas velhas e estreitas ruas onde passavam apenas cavalos, charretes e carros de boi.

Porém, um humilde sapateiro, Alfredo Cardoso, o Alfredão, ficaria responsável por ser o Charles Miller local. Mais do que ser apenas mais uma pessoa simples, outro fato chama a atenção pelo tamanho pioneirismo de Alfredão: ele era negro. Em um tempo em que a elite endinheirada vetava sob qualquer circunstância a entrada de pessoas que não fossem brancas e ricas no football, ele quebrou barreiras e foi um dos grandes fomentadores do esporte nos primeiros anos. Depois de algum tempo, ganharia a admiração e o respeito, inclusive da classe mais abastada da cidade.

Esses clubes não alimentaram apenas rivalidades entre si, muitos times de fora de Mogi, seja da região

do Vale do Paraíba e também da capital paulista. A história de alguns desses confrontos farão parte do capítulo “As Rivalidades”.

Além do pioneirismo de Alfredão, há também toda a origem e desenvolvimento dos principais clubes de futebol da cidade, com destaque para os quatro que disputaram campeonatos profissionais do estado a partir dos anos 1950: o União Futebol Clube (tradicional e que quando foi criado em 1913 tinha Alfredão como um dos fundadores), o Vila Santista Futebol Clube, o Clube Atlético Ypiranga e o Clube Atlético Mogi das Cruzes, o caçula de todos.

Os anos de desmando e desordem, fizeram com que o futebol na cidade, assim como em outros centros tradicionais de futebol no estado de São Paulo, entrasse em um processo de fortíssima decadência. Há muito tempo os clubes da cidade fazem campanhas pírias, amargando as últimas divisões no futebol bandeirante. Um capítulo dedicado ao tema será apresentado, apontando soluções para que a realidade seja diferente em um futuro não muito distante.

Pela exiguidade de tempo e de espaço, várias histórias não puderam ser publicadas nessa edição, mas, a intenção é que a obra sirva de alicerce para os amantes do futebol, sejam mogianos ou não. Que a obra possa ganhar frutos e se tornar uma referência de um assunto extremamente rico, mas ao mesmo tempo esparso. Que as próximas linhas possam satisfazer a você, leitor, razão final para a produção deste material.

O Autor

# INTRODUÇÃO

O futebol como conhecemos, tem a sua “data de fundação” como sendo em 26 de outubro de 1863, pois na Inglaterra, era criada federação inglesa de futebol, a The Football Association (The F.A.), responsável por organizar os campeonatos locais. O dia é considerado como sendo o Dia Mundial do Futebol. Vinte anos depois, em Manchester, também na Inglaterra, era criada a International Football Association Board (IFAB), cuja a missão seria regular as regras do jogo. Ela ainda fica responsável por isso até hoje.

Antes disso, povos primitivos nos mais variados lugares praticavam variações do futebol, como os chineses com o tsu-chu, os gregos com o epyskiros e os italianos com o calcio fiorentino. Povos das américas, como os astecas no México e algumas tribos indígenas da Amazônia já disputavam algo parecido também.

Porém, o futebol começaria a ganhar impulso apenas em 1904, quando em Paris, na França, representantes de seis países fundariam a Fédération International de Football Association, a FIFA, única entidade responsável por entrar no esporte. Os ingleses só entrariam um ano depois com duas condições: que metade da sigla tivesse o nome de sua federação (The Football Association) e que a IFAB ficasse responsável por organizar as leis do jogo. Assim se fez.

Ainda falando na Inglaterra, um paulistano, filho de pais britânicos, que estava lá para estudar, regressaria de Southampton, no ano de 1894 e traria para São Paulo coisas na bagagem que causariam uma transformação radical no país com o passar das décadas: duas bolas, uma bomba de ar, dois uniformes e um livro de regras de um estranho esporte.

A colônia inglesa na capital paulista estava mais interessada em saber do cricket, esporte puramente fidalgo. Somente um ano depois, no dia 15 de abril de 1895, na Várzea do Carmo, perto do centro de São Paulo, aconteceria o primeiro jogo de futebol no Brasil. A equipe do Gas Work Team, da companhia de gás da cidade, enfrentaria o São Paulo Railway, time da ferrovia que liga Santos a Jundiaí, muito usa-

da naqueles anos para escoar a produção de café do interior. Miller jogaria pelo time da ferrovia, marcando dois gols na vitória da sua equipe por 4 a 2.

A partir daí, aos pouquinhos, o football, chegaria a cada lugar do interior através de pessoas que tinham contato com o jogo na capital. Caso de Alfredo Cardoso, um sapateiro, que de alguma forma, conheceu aquele esporte esquisito, mas interessante à época. Ele levou aquela novidade para a então pacata Mogi das Cruzes, com uma população que girava em torno de 10 mil habitantes, que já conhecia algo parecido, mas que era jogado por crianças.

No ano de 1906, nasceria de fato o futebol na cidade, em uma partida amistosa entre o time “branco” e o “azul”. Depois, ele cresceria até fazer parte da vida dos mogianos. Na década seguinte nasceria vários clubes, entre eles o União, capitaneado pelo mesmo Alfredão. Além dele, surgiria o Vila Santista, outro que deixou sua impressão no futebol da cidade.

Glórias, fracassos, alegrias e tristezas iriam se alternar ao longo dos anos no futebol de Mogi das Cruzes. A intenção é mostrar cada um desses momentos de uma forma clara e direta, que faça com que o leitor entenda o tamanho da importância do futebol tem na cidade, apesar de não ser um forte protagonista.

# SUMÁRIO

**CAPÍTULO 1 - QUANDO O FUTEBOL GIRAVA EM TORNO DA BOLA 5**

ORIGENS DO FUTEBOL MOGIANO 6  
OS PRIMEIROS CLUBES MOGICRUZENSES 18

**CAPÍTULO 2 - AS RIVALIDADES 10**

RIVALIDADES REGIONAIS 10  
OS GRANDES CONFRONTOS 12

**CAPÍTULO 3 - UNIÃO FUTEBOL CLUBE, A SERPENTE DO ALTO TIETÊ 17**

“ONDE HOVER DISCÓRDIA, QUE HAJA UNIÃO” 17  
OS PRIMEIROS ANOS 18  
TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO E NA BOLA 21  
O UNIÃO NO CAMPEONATO DO INTERIOR 24  
O PRIMEIRO TÍTULO A GENTE NUNCA ESQUECE 25  
O INÍCIO NO PROFISSIONALISMO 29  
UNIÃO SE ESCRIVE COM S. DE SAUDADE. 31  
O RETORNO. PARA VALER. 33  
QUIPROQUÓ PARA LÁ DE BEIRUTE 34  
TENTATIVAS NA SEGUNDA DIVISÃO 37  
OS ANOS 90 E O COMEÇO DA DERROCADA 39  
BAGUNÇA PAULISTA FUTEBOL CLUBE 40  
O INÍCIO DA QUEDA... 42  
CORINTHIANS O X 1 JUVENTUDE 42  
ANOS 2000: O FUNDO DO POÇO 43  
EM MEIO AO CAOS, A GLÓRIA MAIOR 43  
ASCENSÃO PARA A A3 E QUEDA PARA O FUNDO DO POÇO 46  
ANOS 2010: NO CALVÁRIO DA QUARTA DIVISÃO, OUTRA VEZ... 48

**CAPÍTULO 4 - ATLÉTICO, O CAÇULA ALVI-ANIL DE MOGI 51**

O TIME QUE NASCEU DO SONHO DE UM GAROTO 51  
HISTÓRICO DAS CAMPANHAS DO ATLÉTICO 51  
DESAFIOS E FUTURO DO ATLÉTICO 53

**CAPÍTULO 5 - DEMAIS CLUBES MOGIANOS 55**

VILA SANTISTA FUTEBOL CLUBE 55  
O VILA SANTISTA NO PROFISSIONALISMO 55  
BREVE ESTÁGIO NA SEGUNDA DIVISÃO 57  
CLUBE ATLÉTICO YPIRANGA, O “CLUBE-FANTASMA” - 57  
OUTROS CLUBES 59

**CAPÍTULO 6 - O FUTURO 60**

**DESAFIADOR, ORGULHOSO E GRATIFICANTE 61**

# CAPÍTULO 1

## QUANDO O FUTEBOL GIRAVA EM TORNO DA BOLA

Facebook “Mogi por Chico Ornellas”.



Atual Rua Dr. Ricardo Vilela, em um dos primeiros registros fotográficos de Mogi das Cruzes, datado de 1890.

Como na maioria das cidades do Brasil, em Mogi das Cruzes não existe um marco, muito menos uma “certidão de nascimento” precisa sobre o início das práticas do então novo esporte oriundo da Inglaterra, trazido pelo brasileiro, filho de pai inglês, Charles William Miller. Provavelmente, o futebol deve ter aportado em Mogi logo após a introdução da modalidade em terras paulistanas. Isso pode ser explicado por fatores exclusivamente geográficos, pois Mogi das Cruzes, distante a poucas horas da capital paulista, era servida no início do século passado pela Estrada de Ferro Central do Brasil (E.F.C.B.), que assim como o Rio Tietê, divide a cidade ao meio.

Os únicos registros disponíveis sobre a origem e o desenvolvimento do futebol nas primeiras décadas do século passado foram feitos pelo jornalista e historiador Isaac Grinberg. Nascido em Mogi, Grinberg pode

ser considerado o pioneiro a contar a história do município desde o início, que remonta ao ano de 1560. Toda essa dedicação trouxe como frutos obras que servem de referência para os interessados no assunto, historiadores ou não. Destacam-se “História de Mogi das Cruzes”, publicada em 1961, e que consiste em uma linha do tempo com relatos de vários sobre a cidade entre 1554 e 1954, abordando, além de outras áreas, a origem do futebol em Mogi. Outra, publicada em 1964 intitulada “Mogi das Cruzes de Antigamente”, difere-se da primeira por apresentar pequenas crônicas sobre fatos marcantes ocorridos em terras mogianas em tempos de antanho. Entre os diversos textos, de leitura curta e simples, há alguns que falam da origem do então novel esporte.

Renomado jornalista, Isaac Grinberg nasceu em 16 de junho de 1922 e iniciou sua carreira na área no



ano de 1938, como redator do jornal O Liberal, um dos grandes periódicos do município. Trabalhou em diversos órgãos de imprensa em São Paulo e no Rio de Janeiro como os jornais O Dia, O Globo e as agências Asapress e NewsPress. Regressando a Mogi, fundou em 1951 o primeiro diário local a Folha de Mogi. Faleceu no dia 13 de abril de 2000, aos 77 anos, deixando um legado vasto e riquíssimo sobre a memória local.

Tirando essas duas obras, não existe nenhuma outra que descreva detalhadamente como o futebol surgiu na cidade. Fora isso, tudo o que se sabe deve ser levado para o campo da hipótese, pois não existe prova material, muito menos testemunha viva.

## ORIGENS DO FUTEBOL MOGIANO

O “batismo” oficial do futebol em terras brasileiras deu-se no dia 15 de abril de 1895, quando, na Várzea do Carmo, próximo ao atual Parque Dom Pedro II, em São Paulo, jogaram as equipes da São Paulo Railway (estrada de ferro) e da Gas Work Team (companhia de gás). A partida terminou em 4 a 2 para a o time da ferrovia no qual jogava Charles Miller, que marcou dois gols, naquela que é considerada “a primeira partida de futebol do Brasil”. A teoria defendida por Grinberg é a de que o futebol chegou em Mogi muito antes desse “batismo”.

O futebol teria surgido por meio dos garotos que inocentemente praticavam o jogo, mas com uma bola de meia que ficavam chutando por qualquer canto das ruas da velha cidade. Porém, certa feita, a prática que parecia mais uma brincadeira de criança, entre tantas outras como naqueles tempos tão inocentes, tornou-se relevante quando um grupo de jovens começou a se reunir e disputar aquele esporte altamente desconhecido.

Mas a grande pergunta que fica é: como essas pessoas, pioneiras a jogar futebol em Mogi, tomaram contato com o esporte, haja vista a precariedade de comunicações existentes naquele tempo? Temos que recorrer ao campo da conjectura para tentar achar alguma resposta palatável e que estabeleça algum tipo de relação. Talvez, por circunstâncias de ofício ou por puro lazer, um desses rapazes em uma ida qualquer à São Paulo tenha se interessado pelo esporte ao ver pessoas de sua idade praticando o novo e fidalgo divertimento e se encantado com o envolvente toque de bola. Ao regressar, impressionado com aquilo, deve ter motivado a mocidade mogiana, atraindo a atenção de curiosos.

E, por um acaso, quem seria aquele que teria a primazia de aplicar as leis do jogo em Mogi? Aquele que pode ser considerado o “Charles Miller” local? O futebol só se estabeleceu efetivamente após um simples sapateiro trazer para a cidade uma bola de couro. A partir daquele objeto simples, mas encantador à época, aquilo que era uma recreação infantil virou algo sério. E quem teve a responsabilidade por isso atendia pelo nome de Alfredo Cardoso, mais conhecido como Alfredão.



Encontro entre Grinberg e o então ex-presidente Getúlio Vargas, em entrevista para a agência Asapress, em 1949.

A primeira edição do jornal O Diário de Mogi, em 13 de dezembro de 1957, na seção esportiva, fez um breve perfil de Alfredão na coluna “Cantinho da Saudade” em que se lia: “Foi Alfredão o introdutor do futebol em nossa cidade e o fundador de suas principais agremiações futebolísticas da atualidade.”

Ele e seus confrades se reuniam em um terreno próximo ao antigo convento que ficava na rua Campo Santo, atualmente Otto Unger. Segundo Grinberg, o terreno pertenceu depois ao União e ao Comercial, dois dos mais importantes clubes da cidade. Hoje abriga uma série de construções residenciais e comerciais.

As disputas culminaram na criação de duas equipes na primeira metade dos anos 1900, que podem ser consideradas as primeiras da cidade. De um lado, estava o time “branco” e do outro o time “azul”. Porém, elas apenas serviam para distinguir diferentes formações, tanto que não possuíam um nome que as diferenciassse. O amadorismo era tamanho, que Grinberg dizia que as duas equipes não possuíam um uniforme específico, muito menos um plantel formado, que mudava a cada

Acervo Glauro Riccio



Alfredo Cardoso, o Alfredão, pioneiro do futebol em Mogi, com a camisa do União, clube que ajudou a fundar, em 1913.

prélio. Depois das partidas, os próprios jogadores tinham o trabalho de desmontar as traves e levá-las para uma fábrica de cerveja que ficava próxima ao campo de jogo pertencente a Ramon Parajon.

A cada partida, as equipes poderiam usar livremente atletas de um time e vice-versa. Com isso, denota-se que o futebol na então pacata cidade, que contava com pouco mais de dez mil moradores, nada mais era do que uma pura brincadeira, mas praticado por adultos, visando apenas ao divertimento. Nos tempos de outrora, o prazer em competir era o que ditava o futebol, coisa que muito falta em clubes e, principalmente, jogadores ultimamente.

Como explicado de início, não existe um registro do marco inaugural do futebol em Mogi. Sem dúvida, justifica-se pelo completo desinteresse dos envolvidos em relatar os encontros puramente amistosos, mas que teriam tamanha importância histórica, pois contariam o início da longa trajetória do esporte local. Porém, uma

partida entre “brancos” e “azuis” em 6 de maio de 1906 pode ser considerada a primeira realizada em Mogi de que se tem notícia e definida como sendo o nascimento do futebol mogiano.

No mesmo field (campo) da Rua do Campo Santo, os times iniciaram a partida às duas da tarde. O “branco” estava composto por: Léo, Alípio Filho, Siqueira, Chiquinho, Getúlio, Bijú e Gabriel. Já o lado “azul” foi escalado com: Carlos Alberto, Alfredão, Eurico, Zeca, Sinhozinho, Carlos e Joãozinho. O resultado do match (jogo) foi de 1 a 0 para o time branco. O autor da proeza foi Bijú. Depois disso, provavelmente, mais partidas entre os dois times foram realizadas, porém não se conhece nenhum registro. O último que se sabe foi em 6 de dezembro de 1908, mas não se tem informação de escalações, nem sequer qual foi o resultado.

A falta de registro era tanta, que somente dois anos depois do “primeiro jogo em Mogi das Cruzes”, é que a imprensa noticia mais uma partida. Dessa vez, entre equipes que acabavam de nascer. Em 2 de fevereiro de 1908, enfrentavam-se no mesmo ground (campo) da Rua Campo Santo as equipes chamadas de Resistível e Formidável. A partida, apesar de Grinberg em “História de Mogi das Cruzes” ter sido “interessante”, atraiu pouca gente. O placar final foi de 2 a 1 para o Resistível. Não se sabe quem foram os autores dos gols do jogo.

Com o passar dos anos, o interesse da população pelo esporte só aumentou, a ponto de, em 1910, ocorrer a primeira partida intermunicipal da cidade, quando um combinado de Mogi recebeu em seus domínios um combinado de São José dos Campos, vencendo o time da casa por 3 a 0.

Após esse jogo, o único registro existente de uma partida data de 30 de junho de 1911 entre os times do Operário, o primeiro clube da cidade, e do Mogianos. Porém, não se sabe sequer o local e o placar. A única informação que consta na célebre obra de Grinberg “História de Mogi das Cruzes” é a de que a partida foi apitada por Aleixo Costa, grande figura da sociedade mogiana da época, sendo, inclusive, o primeiro presidente do futuro União Futebol Clube.

No início da segunda década do século XX é que surgem de fato os primeiros clubes na cidade dedicados à prática do futebol e em alguns casos de outras modalidades. Até que um belo dia, Alfredão teve a ideia de criar, junto com seu amigo Francisco Afonso de Melo, o Chiquinho Veríssimo, um time. Chiquinho topou, e ficaria responsável por confeccionar os uniformes, pois trabalhava na época em uma chamada loja de fazendas,



Foto da cidade em 1912. Tempo em que o futebol começava a se consolidar em Mogi.

que nada mais era que uma loja de tecidos, na Rua José Bonifácio. Já estava tudo formado, corpo diretor, uniformes e até um nome: Operário Futebol Clube.

Entretanto, um pequeno detalhe fez o clube ter uma vida curta. Devido a difícil e precária comunicação com São Paulo, o time não teria adversários. Depois de várias reuniões, Alfredão encontrou uma solução. Propôs que se fizessem dois clubes, com nomes e uniformes diferentes.

A ideia foi aceita de imediato. De um lado, surgia o Mogi Futebol Clube, que jogava de vermelho e pertencia a Chiquinho, do outro, nascia o Falena Futebol Clube, time de Alfredão que jogava de branco. Nomes e uniformes definidos, o primeiro confronto foi marcado para o domingo seguinte. A partida terminou com a vitória do Falena, time de Alfredão, por três a zero.

Nos dois domingos seguintes os times voltaram a se enfrentar. No primeiro houve empate por um a um e no outro, mais uma vitória da equipe de Alfredão por 3 a 0. Isso acirrou ainda mais a rivalidade entre ambos. Tamanhas eram as discussões, que Chiquinho e Alfredão reuniram os jogadores e decidiram que aquilo não daria mais certo. A solução era fazer um clube que unisse os dois rivais.

A proposta amadureceu, até que no dia 7 de setembro de 1913, nasceu um clube que viria a agregar não somente as equipes, mas o futebol mogiano como um todo. Tanto que a ideia de conagração daria o nome daquela nova agremiação ao clube, que dura até hoje. Era o início do União Futebol Clube, que, curiosamente, tem as cores dos dois times até então rivais, mas isso fica para um outro capítulo.

Agora o gosto do futebol estava absolutamente consolidado em Mogi. Era questão de tempo o futebol evoluir a ponto de se comparar com equipes já tradicionais do Vale do Paraíba e até da capital bandeirante. O jogo era um motivo de orgulho para os habitantes da cidade, visto os grandes feitos alcançados pelos clubes.

Entretanto, não era só de glórias que vivia o futebol.

Grinberg, em “História de Mogi das Cruzes”, relata o caso de um jogo realizado em 6 de março de 1916, em que ele diz ser “o primeiro jogo de futebol à fantasia” realizado na cidade. Enfrentaram-se o Momo Team, com trajes masculinos e o Moça Team, que jogou com roupas de mulher. Mas nada se sabe além disso. Apenas que o árbitro foi nada menos que Alfredo Cardoso, o Alfredão.

Daí em diante, o futebol em Mogi alternou momentos de glória e de fracasso. Grandes personalidades do futebol nacional deixaram, de alguma forma, sua impressão em terras mogianas, de modo semelhante ao tempo em que expedicionários como os naturalistas francês Auguste de Saint-Hilaire e o austríaco Johann Baptist von Spix, que vindos na comitiva da Imperatriz Leopoldina da Áustria, prestes a casar com Pedro I, desbravaram as matas do Itapeti e descreveram os modos de vida da então pacata cidade.

Mesmo sem jamais ter alcançado as principais divisões do futebol até hoje, seja em nível estadual ou nacional, a cidade de Mogi das Cruzes pode se orgulhar, e muito, da história que tem no esporte. Quando chegou ao Brasil, o futebol era algo restrito única e exclusivamente para jovens, brancos e membros das elites dominantes. E aqui, as questões sociais e, principalmente, raciais, não foram barreiras para que o futebol se desenvolvesse. Isso pode ser ressaltado, pois os primeiros a praticar o futebol eram filhos de gente simples que ocupavam ofícios com baixa remuneração, caso de Alfredão, um simples sapateiro, e que era negro e responsável por fazer do futebol uma paixão dos mogianos, sendo introdutor e incentivador da prática até o fim da vida.

## OS PRIMEIROS CLUBES MOGICRUZENSES

Antes do início da popularização do esporte, Mogi não contava oficialmente com um clube de futebol que representasse a cidade, agregando todos os seus desportistas em competições regionais ou estaduais. Como visto no primeiro capítulo, os primeiros times foram basicamente montados para distinguir formações diferentes, deduzindo que o esporte era somente uma forma de lazer da mocidade mogiana.

Caso das formações “branco” e “azul”, consideradas as primeiras equipes da cidade as quais se tem registro, somente para fazer com que o jogo acontecesse, que surgiu em meados do ano de 1906. Logo depois, foram

João Renato Amorim

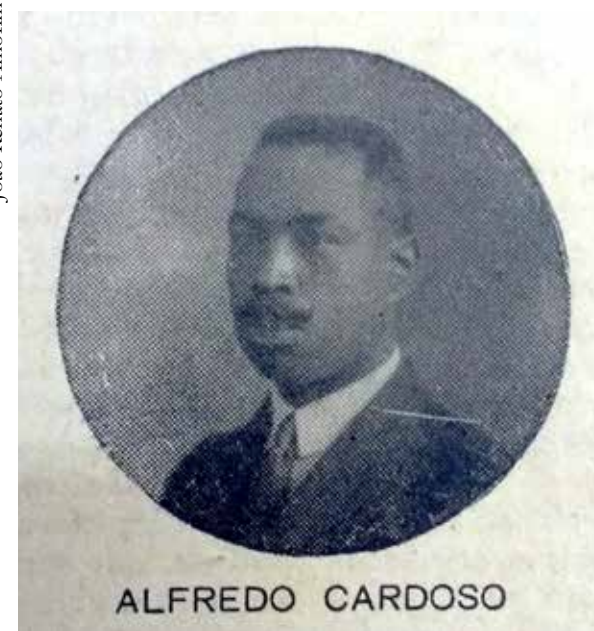


Foto perfil de Alfredão publicada na capa da revista “Alvi-Rubro” de 1950.

surgidos clubes efêmeros e que pouco ou quase nada se sabe sobre eles, como por exemplo as equipes do Resistível e Formidável, que disputaram um jogo em 1908, registrado pela imprensa à época. Provavelmente, essas duas formações foram criadas especificamente para aquela partida, acabando logo após o apito final do juiz.

No fim da década de 1900 e início da seguinte, o futebol começa a ganhar mais adeptos e consequentemente, começam a surgir agremiações que ou se dedicam única e exclusivamente a prática do esporte bretão ou nascem como clubes sociais que dispõem de inúmeras práticas, entre elas o futebol.

No dia 5 de agosto de 1910, Grinberg relata no livro “História de Mogi das Cruzes” o surgimento do “primeiro clube dedicado a prática do novo ‘sport’”. Em um salão na outrora denominada Travessa do Belém, conhecida hoje como Rua Coronel Moreira da Glória, uma das várias ruelas estreitas do antigo centro da cidade, um grupo se reuniu e decidiu criar o Sport Club Football Mogyano, fruto da fusão de duas equipes tendo a posse do corpo diretivo sendo realizada seis dias depois no antigo Parque Mogiano.

O primeiro corpo diretivo do clube era o seguinte: João Baptista Julião foi escolhido como presidente, o vice era o capitão Joaquim de Melo Freire, Aleixo Costa era o primeiro-secretário, o captain do time seria Sebastião Faria de Queiroz e o fiscal de campo era nada mais, nada menos que o nobre Alfredo Cardoso, o Alfredão.

Aliás, Alfredão foi um dos responsáveis pela criação de vários clubes de futebol na cidade. Entre 1911 e 1912, em uma data não específica, ele resolve criar

em parceria com o seu amigo Francisco Affonso de Melo, o Chiquinho Veríssimo, o Operário Futebol Clube sendo “o primeiro quadro mogiano de futebol e um dos primeiros do interior”, salientava a mesma coluna “Cantinho da Saudade”, do Diário de Mogi de 13 de dezembro de 1957.

O Operário seria o clube que, por fatores explicados anteriormente, foi extinto pelo curioso motivo de não ter rivais de outras cidades para medir forças. Pela completa falta de registros, é impossível precisar a real data de fundação do clube, muito menos pormenores como formação da primeira diretoria, plantel de jogadores, cores dos uniformes e até mesmo um escudo. O mesmo vale para o Mogyano.

No livro “História de Mogi” de Grinberg, há um registro de um jogo entre Operário e Mogyano disputado no dia 30 de julho de 1911, entretanto, a única informação disponível é a de que o jogo foi apitado por Aleixo Costa, como dito antes, grande figura da cidade.

Não se sabe se Alfredão rompeu com algum clube e com isso acabou formando outro ou se ele apenas ajudou na criação dessas agremiações, se valendo do fato de ser o introdutor do futebol em Mogi das Cruzes, motivando mais setores da cidade a ter uma agremiação esportiva. No dia 1º de fevereiro de 1917, o Operário muda de nome para Associação Atlética Phalena.

Como no caso do Foot Ball Club Mogiano, criado em 3 de setembro de 1912. Não há comprovação se o novo clube seria um novo nome do antigo Mogyano ou se seria um clube diferente do antecessor. O fato é que ele era constituído por “moços locais, alguns dos quais pertenceram aos melhores clubes da Capital” como diz Grinberg em “A História de Mogi”.

Tanto Alfredo, quanto Chiquinho faziam parte do time titular da equipe composta por Eugênio, Arnaldo e Cabral na defesa; Joãozinho, Said e Mingucho no meio e o ataque com Antunes, João, Joanico e a dupla Alfredo e Chiquinho. Faziam parte do time reserva, ou segundo quadro: Ramos, Tott e Agenor; Luiz, Ulisses e Eduardo; Cordeiro, Peixoto, Porto, Nho Lau e Zico. Os reservas ficavam a cargo do trio Olímpio, Eurípedes e Picareta.

Essas equipes todas acabariam sendo decisivas na consolidação do futebol na cidade que cada vez mais agregava a população atraindo interesse da velha cidade. Mas, todos eles pavimentaram caminho para aquele que até hoje é o clube que representa de fato o futebol de Mogi das Cruzes, seja no cenário regional, estadual ou até nacional. Um clube que vinha com a intenção de somar, de aglutinar todos os que ficavam encantados com o esporte. Das brigas, contendas e divisões que rondavam o futebol naqueles tempos, em 1913, fez-se o União.



# CAPÍTULO 2

## AS RIVALIDADES

Blog Redescobindo o Alto Tietê



Antiga estação de Mogi das Cruzes da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), ca. anos 1910.

### RIVALIDADES REGIONAIS

Como visto anteriormente, a principal motivação que fez com que mogianos criassem dois clubes a partir de um deles no início dos anos 1910 foi a precarização logística que tinha com a cidade de São Paulo, mesmo sendo Mogi cortada pela antiga Estrada de Ferro Central do Brasil (E.F.C.B.), distante a poucas horas.

O futebol mogiano mostrou a que veio a partir do momento em que disputa partidas contra equipes e combinados da região vizinha do Vale do Paraíba. Grande polo cafeeiro, a região sofreu um surto desenvolvimentista entre o fim do século XIX e início do XX. Nos primeiros anos do século XX, a região também registra o aparecimento dos primeiros clubes, assim como Mogi.

Em 1914, nasce o primeiro clube tradicional valeparaibano. No dia 1º de novembro, na casa de Francisco Barbosa, é fundado o Esporte Clube Taubaté, que nos primeiros anos já se mostrava uma grande potência, sendo campeão do primeiro Campeonato Paulista do

Interior, em 1918. Viria a ganhar outros títulos, além de fazer parte em alguns períodos da elite do futebol paulista, sendo a última vez em 1984.

Depois outros clubes surgiram, como a Associação Esportiva de São José, em 1913, e a Associação Esportiva de Guaratinguetá, em 1915, que também seriam times que deixariam a sua marca no esporte não apenas em nível local, mas também estadual com o passar dos anos. Outros clubes, aproveitando o sucesso dos pioneiros, acabaram surgindo. Porém, mesmo com um futebol riquíssimo, muitos atualmente ou militam no amadorismo ou já abandonaram a prática profissional há muito tempo. Sem contar o fato da penúria que passam aqueles que ainda sobrevivem, assim como os demais clubes do interior paulista.

E é justamente com o Vale do Paraíba que uma equipe de Mogi disputa o que é considerada a primeira partida intermunicipal da cidade. No dia 10 de julho de 1910, ocorre um amistoso entre os combinados da cidade de Mogi das Cruzes e de São José dos Campos.

A equipe de Mogi foi escalada com Joaquim, Quei-

roz e Arnaldo formando a defesa; Massaro, Paulo e Alfredo, compondo a meia, e o ataque por Nestor, Raul, Nino, Eurico e Antonico. A partida, provavelmente disputada no estádio da Rua Campo Santo, terminou com vitória do time da casa por 3 gols a 0. Os tentos foram marcados por Queiroz, Antonico e Nestor.

Quase quatro anos depois, dessa vez, um clube da cidade jogou fora de casa. Na cidade de Taubaté, o União, que tinha acabado de ser fundado, enfrentou o Taubaté Sport Club - que não tem nenhuma ligação com o Esporte Clube Taubaté, que seria fundado meses mais tarde - em uma partida amistosa.

O União foi escalado com Bendix, Paulo, Arnaldo, Antunes, Friedenreich (ele mesmo, considerado o primeiro grande craque do futebol brasileiro), Dionísio, Alfredo, Estrela, Alencar, Bororó e Said. A partida, que de acordo com Isaac Grinberg no seu livro “História de Mogi das Cruzes” foi “esplêndida”, acabou com a vitória do União por 2 a 0, gols de Bororó e Alencar.

Porém, o auge das disputas dos clubes de Mogi com equipes do Vale, só se daria com o passar dos anos. Ela se fortalece de vez, quando é criado o Campeonato Paulista do Interior em 1918. Em algumas edições, a quantidade de clubes era imensa que foi necessário fazer uma divisão de grupos de acordo com sua proximidade geográfica.

Por exemplo, haviam anos em que a divisão dos grupos era baseada de acordo com a ferrovia que atravessava as cidades, como a Sorocabana (que abrangia cidades como Sorocaba, Botucatu, Itu e Assis), a Mogiana (Ribeirão Preto, Mogi-Mirim e Campinas), a Noroeste do Brasil (Bauru e Araçatuba) e a Central do Brasil. Era uma facilidade logística que fez florescer rivalidades locais, muito fortes até hoje.

Os grupos tinham os mesmos nomes das ferrovias e no caso da Central do Brasil, era composto majoritariamente por clubes do Vale do Paraíba. Em alguns anos, outros clubes do Alto Tietê e até da Baixada Santista completavam as chaves.

Entre todas as cidades do Vale, Mogi iria nutrir rivalidade maior com Jacaré, muito próxima ao município. As disputas dos clubes da cidade contra o maior clube jacareense da época ficariam eternizadas na memória do futebol local.

Fundado em 27 de julho de 1920, o Esporte Clube Elvira foi por muito tempo a principal equipe da cidade. Surgiu da iniciativa de funcionários de uma fábrica de meias com o mesmo nome. Ainda na década de 20, venceu o Campeonato Paulista do Interior em 1926. Com a instituição da lei do acesso a partir da década de 1940, o time disputa a terceira divisão do futebol paulista em 1956 e 1957, subindo para a segunda no ano seguinte, ficando em 1959, mas voltando para a ter-

ceira em 1960. Conquista de novo o acesso e disputa a segunda divisão em 1961 e 1962.

Depois disso, abandona o profissionalismo e se dedica somente ao futebol amador e a parte social até os dias de hoje. Uma curiosidade: Elvira era nome de uma das filhas de Manuel Lopes Leal, proprietário da fábrica de meias que resolveu colocá-lo como forma de homenagem.

Outro grande adversário daqueles tempos era o Esporte Clube Hepacaré, da cidade de Lorena, que fica aproximadamente 140 quilômetros de Mogi. Surgiu em 7 de setembro de 1941, precisamente quando o União de Mogi completava um ano de existência. O nome do clube é uma referência à origem do nome da cidade, que possui diferentes interpretações como “seio ou braço de lagoa torta” e “lugar das goiabeiras”.

Na era profissional, jogou a terceira divisão do campeonato paulista entre 1956 e 1958 e entre 1960 e 1966. Disputou a segunda divisão em 1959 e 1973, último ano como profissional. Assim como o Elvira, hoje se dedica à parte social, contando com um departamento de futebol amador.

Muitas foram as oportunidades ao longo da história em que os clubes de Mogi mostraram sua força e



Saída da estação Mogi das Cruzes na década de 1920.

superioridade diante de equipes valeparaibanos. Sejam elas em partidas amistosas ou em campeonatos oficiais. Mais do que partidas que envolviam duas equipes, o sentimento de “patriotismo” falava mais alto. Ganhar de um time de fora, era muito mais do que a vitória do próprio, era a vitória de toda uma cidade. E isso era algo muito presente no futebol do interior do estado naqueles tempos.

Tempos esses em que camisas tradicionais eram realmente uma pedra no sapato em qualquer equipe, sobretudo as grandes da capital. Bons elencos e estádios praticamente lotados eram o cenário ideal para os clubes interioranos conseguirem feitos inacreditáveis,

Arquivo Benedito dos Anjos, publicado no site Estações Ferroviárias



eternizados na memória dos que tiveram oportunidade de acompanhar os áureos tempos.

Porém, não apenas a nível regional Mogi mostrava seu valor. Potências da capital bandeirante e até mesmo de outros estados foram algozes implacáveis do futebol mogiano, mesmo esses clubes forasteiros serem compostos por grandes craques da época. O que só comprova o quanto a fama da cidade já corria e o quanto temido era enfrentar os esquadrões locais.

Hoje, quando os mogianos querem ir à cidade de São Paulo, opções é o que não faltam. Se for de carro, os motoristas podem ir pela SP-70, conhecida por Rodovia Ayrton Senna (que há pouco tempo era chamada de Trabalhadores, mas nasceu como Via Leste), ou, se preferirem podem esticar um pouco até a vizinha Arujá pela SP-88, a Rodovia Pedro Eroles e chegando lá, acessar a Rodovia Presidente Dutra, a BR-116.

Já de trem, o mogicruzense pode tomar um suburbano da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) em qualquer uma das quatro estações de que a cidade dispõe - Estudantes, Mogi das Cruzes, Braz Cubas e Jundiapéba - e seguir pela linha 11- Coral até a estação da Luz, com uma baldeação na estação Guaianazes.

Porém, a vasta oferta de acessos faz com que a viagem seja feita em questão de horas, nem de longe lembrando as viagens que os tropeiros faziam quando a cidade era um caminho entre São Paulo e o Rio de Janeiro. No livro “Mogi das Cruzes de Antigamente”, Isaac Grinberg reproduz um trecho do “Roteiro do caminho de São Paulo para Minas Gerais e para o Rio das Velhas” de 1846, que mostrava como era a “odisseia”. Leia-se o seguinte trecho, com a grafia da época:

“No primeiro dia sahindo da Villa de São Paulo vão ordinariamente pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como elles disem) o primeiro arranco de caza: e não são mais do que duas legoas. Dahi vão à aldêa de Tacuaquecetuba, caminho de hum dia. Gastão da dita aldêa até a Villa de Mogy, dois dias. ”

Ou seja, até meados do século XIX eram gastos lon-

gos quatro dias entre as cidades de São Paulo e Mogi. Isso começa a mudar a partir da segunda metade daquele século. O Brasil, sob o Segundo Reinado de Pedro II, começou a ter forte expansão econômica, sendo exportador de diversas matérias-primas, principalmente o café, que começava a ser cultivado

em fazendas do sul fluminense e do Vale do Paraíba.

Vendo a necessidade de escoar toda a produção em menos tempo, o país começa a registrar nesse período o surgimento das primeiras ferrovias, novidade surgida na Inglaterra no esteio da Revolução Industrial, que eram instaladas coincidentemente no mesmo roteiro dos tropeiros que demoravam dias e até semanas para transportar as mercadorias em mulas de carga.

Em 1858, sob a presença do imperador, é inaugurada um trecho de 47 quilômetros da Estrada de Ferro Pedro II, entre a Estação da Corte (atual Central do Brasil), no Rio de Janeiro e a cidade de Queimados (RJ), na Baixada Fluminense. Em 1875, a ferrovia chega a capital paulista, com a inauguração da estação do Brás. Proclamada a República em 1889, ela muda para Estrada de Ferro Central do Brasil (E.F.C.B.), nomenclatura que dura até 1969.

## OS GRANDES CONFRONTOS

O tempo de viagem reduziu consideravelmente a partir de então. Com o passar dos anos, muitos paulistanos, principalmente das classes abastadas, vinham a Mogi das Cruzes buscar refúgio para descanso e para realizar convescotes. Talvez, em um desses contatos no início do século XX os mogianos também passaram a ter contato com o football, o esporte inglês que cada vez mais roubava espaço e atenção de outros, principalmente o rúgbi.

Quando o futebol estava começando a ser praticado, a precarização da comunicação entre as cidades ainda era patente, como visto anteriormente. Tanto que, devido a isso, o primeiro clube da cidade, o Operário Futebol Clube, acabou por ser extinto simplesmente pela falta de adversários em cidades próximas. Um fato deveras curioso.

Contudo, com o passar dos anos, houve certa melhoria na comunicação, possibilitando que clubes de



Escudo do Esporte Clube Elvira, fundado em 27/07/1920.

Blog História do Futebol

São Paulo pudessem jogar partidas em Mogi e vice-versa. Uma rápida pesquisa no acervo digital do jornal O Estado de São Paulo demonstra que, a partir dos anos 1920, realizaram-se muitos jogos amistosos com times da capital, mas sem maiores detalhes. Era algo comum na imprensa esportiva da época relatar apenas que um time enfrentaria o outro, sem informar o estádio, as formações, muito menos o placar final das partidas. O máximo de informação que se tinha era a que horas e de qual estação determinado time ia sair ou, se fosse algum de fora, a hora estimada de chegada à capital.

Os encontros com equipes paulistanas renderam jogos memoráveis desde os primórdios. Um dos melho-

Livro “Os Esquecidos”



Formação da equipe do Esporte Clube Taubaté, quando venceu o Campeonato do Interior de 1918.

res casos é contado por Grinberg em dois textos em “Mogi das Cruzes de Antigamente”. Na metade dos anos 1910 o União que “era um dos grandes orgulhos da cidade, que vibrava com suas retumbantes vitórias e seus raros revezes” segundo o autor, recebia sempre jogos com “fortes esquadrões de São Paulo e cidades circunvizinhas”.

Naquela época os jogos eram realizados no campo do Parque, atualmente Rua Major Pinheiro Franco, o nome vem do fato de que o campo ficava nos fundos do Parque Mogiano na hoje Rua Doutor Ricardo Vilela, onde posteriormente funcionou um cinema, o Cine Parque e depois deu lugar a uma unidade de um atacadista, em funcionamento até hoje. Grinberg diz que os jogos ficavam sempre cheios aos domingos, dado o sucesso do União já naquele anos.

Um dos primeiros que se tem notícia, data do dia 22 de janeiro de 1914, quando a equipe do União, fundada a pouco mais de quatro meses, joga contra o Sport Club 25 de Março, um clube suburbano da capital paulista, em Mogi. Testemunhada por uma “grande assistência (torcida) que prestigia os embates”, segundo Grinberg em “História de Mogi das Cruzes”, são jogadas duas partidas: uma preliminar e a principal, com vitória do

União em ambas, por 2 a 1 e 6 a 1, respectivamente.

Em 1916, os alvirrubros receberiam a equipe do Spartanos Football Club, do bairro da Penha. Quando estavam se preparando para o jogo, souberam dias antes que o time adversário viria com vários reforços do Paysandu Football Club, que disputava o campeonato paulista daquele ano. Segundo Grinberg, é como se viessem receber uma grande equipe como o Palmeiras, o Corinthians ou o São Paulo daqueles tempos.

A notícia não fez o União ficar mais preocupado, pelo contrário. O time resolveu convocar seus melhores jogadores, dada a importância da partida. Foram chamados o goleiro Bendix, além de Estrella e o astro Friedenreich, o “El Tigre”, que à época jogavam também no Paysandu, mas tinham uma relação completamente amistosa com o pessoal do União. Também resolveram chamar Alencar, do Sport Club Americano, outro grande time da capital que jogava o campeonato daquele ano junto com o Paysandu, pela Liga Paulista de Football (LPF), que promovia o torneio desde seu início em 1902, mas estava em vias de fechar, o que aconteceria no ano seguinte.

Domingo, 7 de maio de 1916. Chegou o dia da grande partida. A cidade estava em polvorosa na expectativa pelo grande duelo. O campo do Parque estava tomado de torcedores prontos para o jogo, ainda mais que no quadro do União estaria talvez o primeiro grande craque do futebol brasileiro, Artur Friedenreich. Antes do jogo principal, uma partida preliminar entre os segundos quadros, ou reservas dos dois times, terminou com vitória a do Spartanos por 2 gols a 1.

Até que é chegado o grande momento. Grinberg diz: “a assistência (torcida) delira de entusiasmo”. O principal jogo do dia ia começar. O União estava formado por Bendix, no gol, acompanhado de João, Martello, Chiquinho, Friedenreich, Arnaldo, Silbacio, Estrella, Manoel, Alencar e Canhoto. A equipe da Penha foi escalada com Tatá, Gumerindo, Miranda, Isola, Mário, Tutu, Quedinho, Benjamin, Veco, Bairão e Nestor.

Começa o jogo. O primeiro tempo disputadíssimo que poderia terminar com o União em desvantagem, isso se o goleiro Bendix não tivesse defendido um pênalti, que acabou deixando tudo igual para a segunda etapa: zero a zero. Porém, uma mudança no esquema tático seria determinante para o futuro do alvirrubro de Mogi no jogo.

Segundo tempo. O União entra com uma segunda modificação. Fried troca de posição com Arnaldo. O craque resolve ser o centroavante, ou center-forward, enquanto Arnaldo vai ser o centro médio. A alteração surte efeito. Com quinze minutos de jogo, Arnaldo lança para “El Tigre” que de cabeça abre o score no grou-

Blog História do Futebol



Foto posada do Esporte Clube Elvira de Jacareí, em 1933



Acervo Clauco Ricciole



Um dos primeiros registros fotográficos do futebol mogiano. Contra times da capital e do Vale do Paraíba, o futebol da cidade mostraria sua força.

Blog História do Futebol



Escudo do Spartanos Football Club, time do bairro da Penha em São Paulo.

sário, seja ele de verdade ou não.

Certamente não faltou garra e comprometimento do União, o que pode ser expresso no placard da primeira etapa: zero a zero, coincidentemente o mesmo do jogo contra o legítimo Spartanos, que certamente achava que daquela vez não haveria escapatória e era questão

de tempo revelar a farsa que eram os alvirrubros de Mogi.

Etapa final. Jogo disputado. O zero insistia em permanecer no placard dos dois lados. Em jogos decisivos, a tensão e o nervosismo de quem acompanha vai a níveis estratosféricos. Alguns com certeza vaticinavam “não será dessa vez, perderemos para um time de mentira”, outros falavam “agora é na etapa final que eles matam de vez”, outros mantinham a fé, o combustível que move a esperança. A verdadeira esperança.

O tempo passava e o prenúncio de um empate sem o balançar das duas redes se aproximava. Nos instantes finais, quando em partidas decisivas os casos de taquicardia aumentam, Silbácio resolve passar a bola para Alencar que fuzila em sinal de desespero para o gol, o zagueiro do time farsante tenta chutar a bola para longe, mas acaba por esticar sua perna em um exercício de alongamento involuntário. A bola caminha mansamente para os pés de Horácio, que em um petardo indefensável prova quem era o time de fato. Gol do União. Um a zero. Pleno êxtase no campo. Aquele gol provou que o União era um time de verdade.

Foi a vitória contra a hipocrisia, a trapaça, a mentira. O “jeitinho” sofreu um duro golpe. Até o futebol foi capaz de provar que sempre o bem vence o mal. Talvez um dos únicos casos em que o esporte bretão traz um pouco de ciência exata.

Fim de jogo. Carnaval em abril. Mais uma vez aquela camisa alvirrubra encarnada e envergada por aquela gente simples da então cidade pacata se mostrou superior e pujante diante dos forasteiros da elite do futebol paulista. Uma vitória inesquecível, que o tempo fez questão que fosse esquecida.

Para brindar tal feito, a diretoria promoveu uma grande festa de júbilo aos heróis de fato e direito. Enquanto ao Esperança, na verdade Spartanos, soçobrou com o passar do tempo, como inúmeros outros clubes de bairro que existiam na cidade. Mas engana-se que

nd do Parque. União, 1 a 0. Logo depois o União sofre um pênalti convertido por Friedenreich. União 2 a 0.

A vitória poderia ter sido maiúscula se não fossem anulados os gols de Alencar e Canhoto, pelo árbitro da pugna. O Spartanos até que tentou diminuir a diferença, mas não tinha mais jeito. Apito final. Grande vitória do União por 2 tentos a 1. Em “História de Mogi das Cruzes” Grinberg afirma que o encontro foi considerado “a mais sensacional partida de futebol já realizada em Mogi”.

A torcida local fez festa pela grande vitória até o fim do dia. Isso fez com que o brio dos jogadores penhenses fosse manchado e o desejo de revanche falasse mais alto. Muitas vezes eles voltaram para Mogi, porém sem nenhum sucesso. Até que tentaram usar de uma artimanha para enganar e vencer definitivamente os rapazes mogianos.

Passados quase três anos do grande jogo, um dia, a diretoria do União recebe convite para disputar mais um amistoso com um clube da capital. O time em questão era o desconhecido Esperança Futebol Clube. A data da partida já estava marcada, seria em 21 de abril de 1919, segunda-feira, feriado de Tiradentes.

No dia da partida, vários membros do União resolveram esperar o time adversário na estação da Central. E qual não foi o espanto ao ver que o “Esperança” era, na verdade, uma nova formação do Spartanos, que contava com alguns dos mais exímios craques da liga paulista?

A notícia logo correu como um rastilho de pólvora pela cidade. Muitos diziam que tamanha era a qualidade do adversário, com “grandes ases do futebol paulista”, como diria Grinberg em “História de Mogi”; que o União sofreria uma goleada impiedosa e deveras hu-

milhante. Muitos entregavam os pontos e diziam que a partida seria um passeio dos visitantes. Uns diziam que o alvirrubro perderia por incríveis 15 a 0, outros mais “otimistas” diziam que a derrota seria de dez gols a zero...

Sem dúvida, nunca uma “derrota anunciada” atraiu tanta gente para um campo de futebol na cidade. Assim como acontecia todas as vezes, no dia da partida, o estádio estava cheio para acompanhar os “ases do futebol paulista” darem uma aula para aqueles “aprendizes” do interior.

Porém, como diria certo filósofo da bola, o jogo só acaba no apito final. Assim estavam formadas as equipes: os alvirrubros de Mogi vinham com Zeca Xisto no gol, Nogueira e Eusébio na dupla de zaga; Ulisses, João Branco e Cunha no meio e no ataque Silbácio, Pedro Silva, Fernandes, Alencar e Horácio. Já a equipe do “Spartanos”, que jogou como Esperança estava composta por Manuel, Grané e Pacheco; Orlando, Toledo e Atílio: Neco (grande craque e um dos maiores nomes da história do Corinthians), Settra, Osman, Rodrigues e Bairão.

Muitos jogos até hoje no futebol são decididos pelo chamado “fator casa”, pois, quando a torcida incentiva e apoia o time até o fim, isso cria um fator extra, motivacional, uma energia estranha que faz com que, de fato, a torcida seja mais um jogador em campo. Isso pode causar um ânimo na equipe que concentração ou treinamento nenhum é capaz de conseguir.

Pelo fato de o time colher tantas glórias na época, a torcida do União que lotava o velho campo jamais deixou de acreditar na valorosa equipe. O incentivo e o apoio da torcida foi mais que fundamental para mostrar aos craques que não deveriam temer mais um adver-

era só com clubes daqui que Mogi das Cruzes mediu e superou forças.

Anos depois de fundado o União, no dia 14 de julho de 1919 é fundado o Vila Santista Futebol Clube, no bairro de mesmo nome e que seria o grande rival dos alvirrubros, formando grandes clássicos e, com isso, alimentando uma ferrenha rivalidade na cidade, comparada a clássicos como Grêmio contra Internacional, (Gre-Nal) em Porto Alegre (RS) ou até mesmo a um Palmeiras e Corinthians.

Um caso contado em uma das crônicas do livro “Mogi das Cruzes de Antigamente” de Grinberg, mostra que não apenas São Paulo conheceu o poderio do futebol de Mogi em outras épocas, mas outras futuras potências do futebol nacional que vinham para cá medir forças amistosamente.

Grinberg dizia que, em meados da segunda metade da década de 1920, o então presidente vilista Adelino Torquato, fazia vendas constantes de carvão para a então capital da República, o Rio de Janeiro e, através de contatos que mantinha, conseguiu marcar uma partida com uma formação alternativa do Clube de Regatas de Vasco da Gama.

Fundado em 14 de agosto de 1898, por ocasião do quarto centenário da chegada do navegador Vasco da Gama às índias, o clube da Cruz da Ordem de Cristo (não da Cruz de Malta, como cantado nos versos do hino de Lamartine Babo) se dedica por muito tempo somente às práticas de remo e outros esportes náuticos. Motivados por uma excursão de um clube português ao Rio em meados dos anos 1910, alguns times da colônia lusa se fundem ao clube de regatas e assim o Vasco cria seu departamento de futebol.

Em 1922, o time vence a segunda divisão carioca e ascende à elite no ano seguinte e surpreendendo a todos, vence o título da liga do Rio nos dois anos seguintes. Também foi o primeiro clube do futebol brasileiro a quebrar a barreira do preconceito racial e aceitar em seus quadros jogadores negros, contrariando uma prática elitista, que só admitia jogadores brancos e endinheirados.

A formação alternativa em questão era o Vascaíno Futebol Clube. Não existe muitas informações detalhadas sobre o clube, como data de formação ou corpo diretivo. Em consultas nos jornais da época, a principal informação que aparece é a de sua filiação à Liga Gráfica de Sports, uma entre várias ligas amadoras da época, no dia 6 de abril de 1926, como noticiado no tradicionalíssimo diário carioca Jornal do Commercio dois dias depois. Em seu livro, Grinberg explica que, pelo fato de jogar a primeira divisão do futebol carioca, o Vasco foi impedido de usar seu nome, chamando em seu lugar o Vascaínos, sugerindo assim, que esse time

nada mais era do que uma versão “B” do cruzmaltino.

Dias antes do jogo, vários diários do Rio de Janeiro noticiavam a partida do time e já reconheciam a qualidade do Vila, rotulando como “possante clube do interior” (O Imparcial, 28/04/1926) e “um dos melhores grêmios do interior paulista” (Jornal do Commercio 30/04/1926). Também diziam que o Vascaínos iria para Mogi representar garbosamente o desporto carioca.

A disputa foi realizada no dia 1º de maio de 1926, no campo da rua Santo Ângelo. A partida era de tamanha importância que foi arbitrada por um juiz do Rio de Janeiro, o Sr. Alberto Costa, da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, que organizava o Campeonato Carioca a época. A Companhia Musical Guarany ficou

Blog Almanak do Vasco



Foto do time do Vasco da Gama (RJ), quando venceu o Campeonato Carioca da Segunda Divisão de 1922.

responsável por animar os torcedores.

O mesmo Jornal do Commercio, surgido em 1827 e que fechou suas portas apenas em abril de 2016, depois de quase 190 anos de existência, fez um primoroso relato do jogo, algo que comumente não acontecia na época, em que a crônica esportiva mal falava sequer do resultado de alguns jogos, ainda mais se fosse de caráter puramente amigável.

O Vila Santista saiu com Simões no gol, Alberto e Annibal na zaga, Ramas, Mathias e Rudge no meio e o ataque por Candiota, Miranda, Cunha, Cid e Daniel. O time carioca foi escalado com Anginho; Bangu e Faria; Oliveira, Ceciliano e Bianco; Carlinhos, Moraes, Coelho, Chico e Mário.

Em sua edição de quarta-feira, dia 5 de maio de 1926, por um “colega da Paulicéia” é possível saber resumidamente como foi a partida. O jogo foi equilibrado nos dois tempos, com uma certa vantagem do Vila Santista, principalmente no segundo tempo quando o

ataque auriverde criou diversas chances “bombardeando ininterruptamente o posto dos Vascaínos”, segundo o jornal, só não sendo goleado graças à atuação de Anginho, considerado o “herói da peleja” e “demonstrando ser possuidor perfeito da sua posição”.

Mesmo jogando bem, com um jogo veloz e perigoso, a crônica atribui a derrota do time ou pelo cansaço da viagem ou até a “uruca”. Final, Vila Santista 4 a 3 no Vascaínos. Grinberg afirma que os gols dos donos da casa foram marcados por Miranda. Candiota, Cunha e Daniel. Não se sabe quem marcou os gols adversários.

Fechando o texto, o “colega da Paulicéia” diz que, do time do Vascaínos, nenhum nome mereceu destaque, pois “todos agiram com bastante proficiência e técnica”, mas da parte do Vila, o quinteto de ataque foi extremamente eficiente, “agindo com maestria e felicidade”. Rudge foi “o rochedo intransponível” da defesa, bem auxiliado pelos companheiros de zaga e o goleiro Simões foi o mais criticado, considerado um “buraco”.

No texto de Grinberg, após a partida foi realizada uma grande festa para receptionar e homenagear os cariocas. Um grande jantar foi oferecido, seguido do pronunciamento do Dr. Djalma Pinheiro Franco (1905-1969), mogiano, que viria a ser desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e da entrega de uma placa de prata. No fim, foi oferecido um sarau dançante que foi madrugada adentro.

Apesar da bela recepção dada, Grinberg diz que alguns membros do Vila Santista disseram que a diretoria do Vasco não ficou satisfeita com a derrota e, dois dias depois, em 3 de maio de 1926, houve uma revanche. Apesar de ter sido outro grande jogo que atraiu a atenção do torcedor local, os cariocas “tiveram que curvar-se ante a garra dos mogiano”, segundo Grinberg, e perderam por 3 gols a 0.

Não importava se fosse um adversário local ou forasteiro, com vontade e valentia os clubes de Mogi das Cruzes provaram ser desde sempre terra de grandes heróis e feitos épicos que infelizmente poucos conhecem. Mais um motivo para todos os cidadãos mogicruzeneses, seja do passado, do presente ou do futuro, apaixonados por futebol se orgulharem muito de sua história. História construída por gente simples, mas que colocou a cidade em um outro patamar no esporte.

## CAPÍTULO 3

### UNIÃO FUTEBOL CLUBE, A SERPENTE DO ALTO TIETÊ



#### “ONDE HOVER DISCÓRDIA, QUE HAJA UNIÃO”

O ano era 1912, Alfredo Cardoso, o simples sapateiro da velha cidade estava cumprindo seu ofício, consertando solas e dando um trato nos pisantes finíssimos de damas e cavalheiros do lugar. Até que entre os vários afazeres, teve uma ideia: criar um clube de futebol, mas que dessa vez fosse um clube de verdade, que seria o maior representante do futebol de Mogi das Cruzes, que ainda dava seus primeiros chutes.

Para tal empreitada, ele não pensou duas vezes e chamou seu parceiro Chiquinho Veríssimo, ali próximo na Rua José Bonifácio. Outro admirador que era do futebol, Chiquinho concordou com a ideia. Francisco Affonso de Melo, o grande parceiro de Alfredão tinha uma loja de fazendas na mesma José Bonifácio.

Em qualquer dicionário, quando se pesquisa a palavra “fazenda”, oriunda do latim faciendu, vários significados são encontrados. Desde o mais conhecido deles (propriedade rural), passando pelos de ordem econômica (bens, haveres) até os mais desconhecidos das pessoas nos dias de hoje. A palavra também pode designar tanto caráter, no sentido figurando, quanto a

uma mulher bonita, atraente, em uma linguagem popular.

Mas, o que era essa tal “fazenda” que Chiquinho vendia em sua loja? Antigamente, uma loja de fazendas nada mais era uma loja que vendia tecidos, coisa muito comum no tempo em que as pessoas compravam os mais variados sortimentos de panos finos e delegava a tarefa a um alfaiate, que com sua arte, cosia as mais belas peças de roupa para as mais diversas ocasiões. Uma arte que praticamente inexistia nos dias de hoje.

Enfim, depois desta breve introdução histórica, Chiquinho ficou com a missão de fazer as camisas desse time. Com a junção da ideia de Alfredão e da anuência de Chiquinho, nascia o Operário Futebol Clube, cujo o intuito era ser o representante maior do então novo e crescente esporte, reunindo também outros jovens da cidade.

Tudo transcorria bem, o Operário tinha já definido sua diretoria, seus atletas, todo o fardamento de um time de futebol (camisa, calção, meia, chuteira) até bolas de couro, artigo raro de se obter. E assim seguia a vida do nobre Operário.

Mal sabia os membros do time, que eles enfrentariam um adversário duríssimo, que fez com que eles durassem pouco. E esse adversário importaria uma amarga e distante derrota: a falta de adversários, principalmente da capital, que impediam o Operário de medir forças. Diante de tal obstáculo intransponível e imprevisível, era necessário encontrar uma alternativa.

E qual seria a solução para esse dilema? Alfredão propôs então que fosse feito uma divisão do Operário. De um lado, surgiu o Falena Futebol Clube, que pertenceria a Alfredão, enquanto o clube de Chiquinho seria o Mogi Futebol Clube. O Falena jogava de camisa vermelha e o Mogi de morim branco e debrum preto.

Grinberg em sua crônica “Pequena História do Futebol Mogiano”, diz que já criado os dois times, foi combinada uma partida para o domingo próximo, em um campo do outro lado da linha do trem de propriedade de Manuel Alves dos Anjos.

Chega o dia do grande jogo. O primeiro confronto de times que tinham origem em um só. O Falena estava relacionado com Alfredão, Dario e Dolor Leite,





Milton Alves, o Chiba, um dos jogadores do União que foi pracinha da FEB.

José Antunes, Benedito Ferraz, Antonio e Domingos Grego, Chiquinho Freitas, Luiz Gusmatti e Joãozinho de Oliveira. E assim se encontrava o Mogi Futebol Clube: Chiquinho Veríssimo, Zoé Arouche, Arnaldo Silva, Max, João Cardoso Pereira, Armando Brandão, Edmur Pereira, Ulisses Franco e Pancho Arouche. A relação dos jogadores não corresponde a posição de cada um no jogo.

A partida, com “forte assistência” segundo Grinberg, terminou com vitória do Falena por 3 a 0. Insatisfeito, o Mogi pediu uma revanche para o domingo seguinte. Em vão. A vingança teve de ser adiada. Empate em 1 a 1. O time de Chiquinho não desistiu, o que fez com que a vontade de vencer a equipe do seu compadre Alfredo aumentasse cada vez mais.

Mais um domingo de duelo entre Mogi e Falena. Enquanto Chiquinho e sua turma estavam engasgados com dois fracassos seguidos, do outro lado o Falena via mais uma oportunidade de se sobrepor e mostrar quem mandava.

Porém, não teve jeito. Assim como a primeira partida, o placar final registrou 3 a 0 para o time de Alfredo. Aquilo foi a gota d’água para a relação entre os outrora camaradas Alfredo e Chiquinho. Dali em diante, não haveria outro embate entre eles que não terminasse em confusão. Valia de tudo para tentar se impor diante do outro. Coisas que, sem dúvida, deixariam arrepiados os

que iam ao ground presenciar mais um espetáculo de um jogo bonito, porém o fair play era jogado para escanteio em cada embate.

Toda essa confusão e cisão entre os outrora amigos teve um fim quando uma certa feita, os dois, Alfredo e Chiquinho, com apoio dos demais atletas decidiu que era hora de parar de uma vez por todas com aquelas brigas que não levavam a nada, a não ser aumentar ainda mais a já acirrada rivalidade. Provavelmente, em alguma das reuniões, alguém sugeriu, sabe-se lá quem, que para acabar de vez com aquilo, deveria ocorrer uma fusão entre as duas equipes. E com isso, estava plantada a semente que pouco tempo depois germinaria no único clube a representar a cidade de fato por mais de um século. Das contendas, houve um União.

## OS PRIMEIROS ANOS

Apaziguados os ânimos, era hora de acertar os ponteiros e dar um novo rumo aos dois times. Depois de muitas reuniões, uma decisão final foi tomada em um domingo, dia 7 de setembro de 1913: a partir daquela data em diante, a cidade de Mogi das Cruzes ganhava uma agremiação que vinha dar glórias ao até então novo esporte na cidade. Nascia o União Futebol Clube. As cores, seriam herdadas dos dois outros clubes. O vermelho do Falena, equipe de Alfredo e o branco do Mogi Football Club, de Chiquinho Veríssimo. A reunião que sacramentou a fusão foi descrita por Levy Rodrigues, na edição da revista “Alvi Rubro”, em comemoração aos 48 anos do clube em 1961:

“A luz mortíça dos lampiões testemunham outra vez, os debates. As conversas prosseguem até as tantas. Chegamos finalmente a um acordo. Unir os dois clubes com nova denominação. Unir era a palavra. E porque não – União Futebol Clube. A vontade dos pioneiros esportivos de Mogi predominou. As cores vermelhas que sempre foram os sonhos do Alfredo, passou a ser a bandeira de luta esportiva da terra.”

Como presidente, foi escolhido para o cargo Aleixo Costa, que também pode ser considerado como um dos fomentadores do futebol mogiano. A primeira sede ficava no Largo do Carmo, era alugada. E mal o clube tinha nascido, a vontade de mostrar sua força em campo começava a falar. No mesmo dia de sua fundação, aconteceu também a sua primeira partida. O adversário seria um clube de bairro, entre tantos que haviam, na capital paulista: era o Sport Club Flor da Índia, cuja sede ficava na Rua Martim Burchard, número 97, no bairro do Brás, um dos redutos fabris da São Paulo que começava a se desenvolver industrialmente.

Não foi possível obter mais detalhes sobre como as



Time do União que venceu o Setor 1 da Zona 1 do Campeonato do Interior de 1947. Publicado na revista “Alvi-Rubro”, de setembro de 1963.

duas equipes foram formadas. A única informação que se tem conhecimento, até o momento, é sobre o placar e o autor do único gol. E a história reservou desde sempre páginas de glória e orgulho para o alvirrubro mogiano. O jogo terminou com êxito do União por um gol a zero.

A história às vezes pode pregar peças incríveis e brindar com feitos indelévels os partícipes diretos na construção de uma realidade. Sabe-se lá se foi graça divina ou um lance fácil de gol, mas o autor do primeiro, entre as centenas, talvez milhares de gols marcados pelo União ao longo de sua história foi aquele que desde sempre acreditou que o futebol atrairia a atenção do povo da cidade de Mogi. Alfredo, o negro, sapateiro e filho de escravos, que rompeu paradigmas ao ser o pioneiro no futebol na cidade, foi o responsável por colocar nas redes o único gol da vitória sobre a equipe do Brás. Um feito mais que extraordinário, talvez único na história do futebol brasileiro. Um fundador de clube marcar o primeiro gol da vida de uma equipe.

Em 1914 era praticamente impossível um clube de fora da capital paulista disputar a principal liga de clubes do estado, ainda mais se esse clube tivesse um negro em sua delegação. As próprias associações criavam barreiras que impediam o ingresso de pessoas oriundas de classes baixas no futebol. Na outrora capital federal, o Rio de Janeiro, onde em 1897 o estudante de origem inglesa Oscar Cox, que tinha acabado de voltar da Suíça introduziu o esporte, a então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), responsável por organizar o campeonato carioca de futebol desde 1906 - que foi vencido pelo Fluminense, fundado por Cox em 1902 - proibia pessoas de cor ou com rendimento financeiro abaixo do estipulado pelos clubes elitistas de disputar a liga metropolitana.

Movimento parecido ocorria em terras paulistas. Porém, a maior entidade da época, a Liga Paulista de Football (LPF) não criou nenhuma lei excludente. A pressão e a resistência dos clubes de elite impediam o ingresso de

pessoas de classes menos abastadas. Com o passar dos tempos, a mentalidade de alguns clubes foi mudando, até o momento em que em fins da década de 1910, os clubes paulistanos passaram, mesmo que aos poucos, a incluir negros e operários de baixa remuneração entre seus quadros.

O primeiro clube do interior a disputar a liga paulista era da cidade de Jundiaí. O Hydecroft, time do colégio de mesmo nome, disputa o campeonato da LPF em 1914, ficando em quarto lugar. Isso se deve ao fato por Jundiaí ficar próximo a capital e por ser cortada pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, a principal da época.

Devido a essa série de dificuldades, o União, em seus primeiros anos de existência, se dedica somente a disputa de jogos amistosos, com clubes de Mogi ou de fora. Exemplo, em 1914, o jornal Correio Paulistano, em sua edição do dia 17 de abril, publica uma matéria de um campeonato disputado em Caçapava entre o União, o São José Football Club e a Associação Atlética Caçapavense e pro do hospital da cidade. Ocorrido no dia 15 de abril, com “selecta’ e extraordinária concorrência”, teve dois jogos: o primeiro, entre Caçapavense e São José terminou empatado sem gols e o segundo entre União e Caçapavense não teve o resultado definido após uma anulação de um gol do time da casa, segundo o jornal. Esse é o primeiro registro mais antigo que se tem conhecimento do jogo mais antigo do União fora de Mogi.

Isso porque, o que se tinha conhecimento, era de uma partida entre União e Taubaté Sport Club, disputado em 14 de maio do mesmo ano, cujo os detalhes estão no capítulo “Rivalidades Regionais”.

Ao longo das décadas de 1910 e 1920, o time sempre recebeu equipes da capital, o que pode ser comprovado pelo relato de jornais paulistanos. Mas, como era de praxe, a imprensa relatava apenas que a partida iria ocorrer, além de dizer que dia, que horas e de qual estação o time visitante iria embarcar. Raras são as crônicas onde são divulgadas informações como placar final e relação das equipes.

Os amistosos tinham caráter apenas de divertimento. Nas primeiras décadas do século XX, a palavra profissionalismo passava longe e muitos clubes não gostavam nem de ouvir essa palavra. A prática era tão repreendida que acabou por eliminar uma equipe do campeonato paulista. Em 1915, pelo campeonato da APEA, a equipe do Scottish Wanderers formado por colonos ingleses após o fim das práticas do São Paulo Athletic Club (tricampeão estadual em 1902/1903/1904) foi banida das competições por um motivo peculiar e que soaria risível nos dias de hoje: os jogadores do time foram pegos quando recebiam as cotas da renda dos jogos. Isso já era motivo de acusá-los de práticas profissionais.

Muitos dos jogadores pertenciam à alta sociedade mogiana, um dos poucos que não fazia parte justamente



Bandeira de Mogi das Cruzes, criada por Geraldo Sica, em 1956 com a cobra fumando no canto esquerdo. Uma referência aos pracinhas da FEB que eram da cidade.

desse círculo era Alfredão. Os mais abonados se aproveitavam do fato de ter estudado na capital ou no exterior para cerrar fileiras e fazer parte da equipe, que já dava seus primeiros sinais de interesse em disputar os campeonatos a nível estadual, já sendo filiado a APEA em 1924.

Devido a uma revolta armada, iniciada por militares em julho de 1924, a cidade de São Paulo sofreu fortes ataques a bomba de tropas do governo federal. Com isso, o Campeonato do Interior, que contaria com a presença dos alvirrubros mogianos foi adiado. O sonho de medir forças para valer com clubes de outros lugares foi adiado por quatro anos.

Criado em 1918 pela APEA, o Campeonato do Interior era uma espécie de compensação aos filiados de outras partes do estado que não conseguiam fazer parte da elite do futebol paulista. A primeira edição teve como vencedor o Esporte Clube Taubaté. Dez anos depois, ao lado de outras 22 equipes, o União debutava no cenário do futebol estadual, jogando com times de cidades próximas.

Na edição de 1928, as equipes foram divididas em seis grupos segundo sua proximidade geográfica. Os vencedores de cada região fariam um hexagonal (torneio com seis times) em que seria conhecido o campeão interiorano do ano.

No grupo 1, estavam compostos o União de Mogi, a Caçapavense e o Esporte Clube Elvira de Jacaré. A chave dois estava formada de times da região de Jundiaí, o três de equipes próximas a Campinas e os clubes de Piracicaba e adjacências estavam no quarto grupo. O quinto era composto por times de Ribeirão Preto e o último era representado somente pela Associação Atlética Botucatuense que, provavelmente, desistiu de disputar.

A estreia do União foi contra o Elvira em casa. Derrota por 1 a 0. No segundo jogo, vitória de virada contra a Caçapavense, em Caçapava por 3 a 2. No retorno, mais uma

derrota para o Elvira, agora em Jacaré, por 3 a 2. Em casa, mais uma vitória sobre a Caçapavense, novamente por 3 a 2, como no primeiro turno. Entretanto, o Elvira desistiu de prosseguir na disputa, mesmo vencendo o grupo. Isso fez com que o União e a Caçapavense terminassem empatados em todos os critérios (pontos, vitórias, derrotas e até número de gols marcados e sofridos, o que fez os dois terem saldo de gol zero).

Para desempatar, foi marcado um jogo em campo neutro, que definiria o campeão da primeira região. O jogo foi marcado para o dia 17 de fevereiro de 1929, um domingo, no campo do Clube Atlético Sílex, time que jogava a primeira divisão e que pertencia a uma fábrica de ferro esmaltado do bairro do Ipiranga, em São Paulo. O campo ficava na Rua Thabor, no mesmo bairro.

Dentre os jornais paulistanos, os que melhor fizeram uma cobertura da decisão foram O Estado de São Paulo e o Diário Nacional, na edição de terça-feira, dia 19 de fevereiro de 1929 dos dois. Aqui um parêntese, era comum que os diários publicados no domingo tivessem sua edição seguinte na terça-feira, não na segunda. Um dos únicos que não fazia isso era A Gazeta, de propriedade de Cásper Líbero.

No começo da crônica, o Estado fala que houve uma enorme injustiça contra o União que sofreu dois gols impedidos da Caçapavense. Mas o jornal chega a citar que tirando as reclamações dos alvirrubros, a partida mais parecia um “bate-bola”. O Diário Nacional da mesma data afirmou que houve “acentuada falta de compreensão” das duas equipes.

No primeiro tempo, que começou com a saída do União, o time de Mogi criou chances, mas não conseguia acertar o alvo. Até que depois de um passe, Zenon, visivelmente impedido faz um a zero para a equipe de Caçapava. Mesmo com os protestos dos jogadores do União, o juiz faz vista grossa e valida o gol. Mas isso não abalou os ânimos do União, mesmo prejudicados pela omissão do juiz. Pouco adiantou. Final de primeiro tempo, um a zero Caçapavense.

Começa a segunda etapa. O União está em desvantagem. Em determinado momento da partida, Moacyr diminui para os mogianos. Cinco minutos depois, Antonio dá um pouco de esperança e vira o placar. A alegria durou pouco, pois a “missão infeliz”, como diria o Diário Nacional, do árbitro seria determinante para que o título do União fosse tomado.

Narciso, em cobrança de falta feita por Chiquito empatou o jogo. E quando caminhava para o seu fim, José Pires, impedido, faz o gol da virada, o da vitória da Caçapavense. Os jogadores do União ficam fulos da vida e reclamam da irregularidade. Novamente o juiz faz pouco caso. Vendo

que de nada adiantaria, os alvirrubros resolvem abandonar a partida. Final de jogo, Caçapavense 3x2 União. O Diário Nacional ressaltava que o União só levava vantagem sobre o adversário em “escapadas isoladas”, não sendo merecedor de ganhar a partida.

Como consequência da perda da taça, no dia seguinte os dirigentes do União mandaram um ofício à APEA pedindo desligamento da entidade. Um “enterro” simbólico da associação foi feito em Mogi, as oito da noite, reunindo cerca de duas mil pessoas, de acordo com o Diário Nacional. O cortejo terminou na Praça Coronel Benedicto de Almeida, no centro da cidade, onde cinco oradores teceram críticas contra a federação.

Acervo Glauco Riccio



Vista da torcida do União no Estádio da Rua Casarejos.

Em ofício enviado à APEA, o União, na porta-voz de seu presidente José Cury Andere, anunciava seu desligamento após uma assembleia extraordinária no clube e anunciava o ingresso na dissidente Liga Amadora de Futebol (LAF). Ainda no mesmo ofício, o presidente alega que as várias injustiças sofridas ocorridas no campeonato e que culminaram na perda do título para a Caçapavense, foram os motivos da atitude. Além disso, a nota reclama contra o juiz Pausanias Pinto da Rocha e o assistente Dionísio dos Santos e acrescenta com uma acusação, com grafia da época:

“Ambos patenteando-se parciais na actuação do jogo, eram, além de tudo, incompatíveis para manter a necessária neutralidade, pois já residiram em Caçapava com relações íntimas entre os jogadores desta cidade, tendo o primeiro deles (Pausanias) um cunhado incluído no respectivo quadro.”

E assim se fez. Talvez por tamanho o trauma que tenha sido aquela partida, o União demoraria muito tempo até voltar a disputar um campeonato oficial a nível estadual, não chegando a jogar nenhum campeonato da LAF, que em 8 de janeiro de 1930 decide em assembleia na capital a sua extinção. Com relação a Caçapavense, ela se classifica para a fase final, mas no dia 23 de março de 1929, o time

foi excluído do campeonato, depois de disputar uma partida na fase final, levando uma senhora goleada de 6 a 0, em casa, contra o São Caetano Esporte Clube, que viria a ser o campeão interiorano de 1929. O time não tem nenhuma relação com a Associação Desportiva São Caetano, fundada em 1989, e que seria uma sensação no início dos anos 2000, conquistando, inclusive, o título paulista do ano de 2004.

E a rotina do União de jogar partidas amistosas voltaria e duraria mais de dez anos até que retornasse mais uma vez a fazer frente a clubes de outros locais para valer. Abaixo, segue a ficha da fatídica decisão contra a Caçapavense:

Domingo, 17/02/1929

A.A. CAÇAPAVENSE 3 x 2 UNIÃO F.C.

Local - Rua Thabor, 73, campo do C. A. Sílex, Ipiranga, São Paulo-SP

União - J. Benedicto; Persio\* e Marangoni; Pedro, Chiquito e Antenor; Antonio, Daniel, Juracy, Moacyr e Cusatis.

Caçapavense - Chiquito; José Dias e Narciso; Jacutinga, Coló\* e Ignácio; Zenon, Joaquim, Delcides, Idemauro e José Pires.

Marcadores - Zenon, Narciso e José Pires (Caçapavense); Moacyr e Antonio (União)

Árbitro - Pausanias Pinto da Rocha

(\*) Capitães das equipes

## TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO E NA BOLA

Os anos 1930 começaram turbulentos no Brasil, como também em outros países. Em outubro de 1929, o crash da bolsa de Nova York faz entrar em colapso diversas empresas ao redor do mundo. Aqui, o principal impacto se deu na exportação de café, principal commodity do país na época, que sofre fortíssima desvalorização.

No campo político, o general Getúlio Dornelles Vargas, gaúcho de São Borja, cidade fronteiriça a Argentina, entra triunfante na capital federal após depor o então presidente Washington Luís e começa a governar o país com mão-de-ferro por longos quinze anos. Estava sepultada a “Velha República” e iniciada a “Era Vargas”.

Dois anos depois, mobilizações populares em São Paulo exigiam que o governo central convocasse uma assembleia que elaborasse a nova Constituição. No dia 9 de julho de 1932, uma repressão forte da polícia em um comício, causou a morte de quatro estudantes (Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo) o que foi o estopim da Revolução Constitucionalista, cuja as batalhas cessariam em outubro, com fragorosa derrota das tropas bandeirantes, esmagadas pelas forças do Rio de Janeiro. O campeonato estadual daquele ano teve de ser paralisado, retomando após o fim dos combates. O Palestra Itália, que dez anos depois



mudaria para Palmeiras, acabaria ficando com o título de forma invicta.

No futebol, uma grande novidade. Em julho de 1930, ocorria no Uruguai a disputa da primeira Copa do Mundo de futebol, organizada pela FIFA, a entidade máxima do esporte. O Brasil em sua primeira participação, não vai bem, perdendo o primeiro jogo por 2 a 1 para a Iugoslávia (o único gol brasileiro foi marcado por Preguinho, do Fluminense) e vencendo a Bolívia por 4 a 0, mas não o suficiente para passar de fase. O vencedor acabaria sendo o próprio Uruguai, que no recém-inaugurado Estádio Centenário lotado, venceu a sua grande rival, a Argentina, por quatro gols a dois, em 30 de julho.

Já o futebol a nível local, se começava a ventilar a ideia da adoção do profissionalismo. Mesmo assim, muitos clubes não gostavam nada de pensar nessa hipótese, o que poderia levar a largar o futebol de vez, caso isso viesse a acontecer. As suspeitas se confirmaram, quando em 12 de março de 1933, após uma série de conversas entre dirigentes cariocas e paulistas, é disputado o primeiro jogo de futebol profissional do país. No estádio da Vila Belmiro, o Santos foi goleado pelo São Paulo por 5 a 1, sendo o primeiro gol do jogo marcado por Friedenreich do São Paulo, o primeiro grande craque do Brasil que disputou jogos amistosos com a camisa alvirrubra de Mogi.

Em Mogi, ao longo da década, o União se dedicou apenas a realização de partidas amistosas, principalmente contra times da capital e de cidades próximas, como São Bernardo do Campo, que tinha grandes times como o Primeiro de Maio F.C. e o E.C. São Bernardo. Dentre esses vários jogos, podemos destacar dois confrontos.

Em 25 de janeiro de 1931, um domingo qualquer em Mogi das Cruzes, o União jogou contra um dos melhores times do campeonato paulista. O adversário da vez era o Esporte Clube Germânia, um dos maiores clubes da capital. O alvirrubro jogou com Sebastião; Angelo e Brasileiro; Chiquinho, Eugenio e Pedrinho; Joãozinho, José Petro, Daniel e Plácido. O árbitro do jogo foi Benjamin Bevilacqua.

O jornal A Gazeta do dia seguinte disse que a partida foi muito disputada, sendo destaque o goleiro Halmos da equipe do Germânia. Contudo, a boa atuação não garantiu a vitória dos visitantes. O União venceu por 2 a 0, gols de Daniel e José.

No ano seguinte, em 13 de março de 1932, também um domingo, o União visitou a equipe do Taubaté, um dos grandes rivais regionais. O Diário Nacional, de São Paulo, teceu loas a todos os jogadores do União pelo brilhantismo na partida, que terminou três a dois para os alvirrubros.

O time foi escalado por Sebastião; Brasileiro e Pedri-

nho (um trio final de respeito, de acordo com o jornal); Zilo, Cusatis e Durva (que tiveram uma atuação uniforme do princípio ao fim); Sílvia, Barbosa, Daniel e Paulo (ótimos). Os gols foram marcados por Sylvio, Brasileiro e Renaldo para o União e Renato e Ricardo para o Taubaté. O jornal dizia também, que com essa vitória o União provava ser “o mais forte quadro da zona Central”.

E o rumo do time foi esse até o final da década. Até que o futebol paulista e o cenário geopolítico sofreriam profundas transformações na década seguinte. E o União seria impactado fortemente pelos dois.

Como consequência das duras penalidades impostas pelos países vencedores da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), nações antagonistas do conflito entraram em profundo processo de decadência econômica, casos de Alemanha e Itália. Essa foi a brecha para que, no decorrer das décadas de 1920 e 1930, surgissem nesses países, partidos e líderes de caráter ultranacionalista que visavam “resgatar a autoestima” de seu povo. Os principais representantes do movimento foram Benito Mussolini, líder fascista que toma o poder na Itália em 1922 e de Adolf Hitler, austríaco, filho de judeus, que em 1933 consegue o cargo de Chanceler (primeiro-ministro) e no ano seguinte, com a morte de Paul von Hindenburg, acumula a função de presidente da Alemanha. É a consolidação do nacional-socialismo, ou nazismo.

Com planos expansionistas, Hitler começa a tomar outros pontos da Europa para introduzir a ideologia segregacionista da “raça ariana”. Começa tomando a Morávia (região oeste da antiga Tchecoslováquia de maioria alemã) e a Áustria, sua terra-natal, em 12 de março de 1938, no chamado Anschluss (unificação). Essa incorporação faz os austríacos abdicarem da vaga conquistada para a Copa do Mundo daquele ano, disputada na França.

No dia 1º de setembro de 1939, quando os alemães invadem o território polonês, França e Inglaterra declaram guerra ao Reich alemão. Tem início a Segunda Grande Guerra, que faria o mundo inteiro mergulhar em um poço



Panorâmica do Estádio Francisco Ferreira Lopes, na Rua Casarejos. Foto tirada provavelmente nos anos 1920.

Acervo Glauco Riccio

de ódio, fogo e sangue durante os cinco anos seguintes.

O Brasil não participaria efetivamente dos combates logo de início. O presidente Getúlio Vargas era um simpaticante das causas nazifascistas, só mudando de ideia após a visita do presidente americano Franklin Delano Roosevelt, que acabara de entrar na guerra há poucos meses, depois da base naval de Pearl Harbor no Havá ser arrasada por bombardeios japoneses em 7 de dezembro de 1941. Os americanos injetaram capital estrangeiro, o que foi determinante para a mudança de postura do caudilho brasileiro.

E Mogi das Cruzes seria um dos lugares do país que enviaria mais soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O protagonismo foi tanto, que o símbolo que ostentava os combatentes aparece no canto esquerdo da bandeira da cidade: uma cobra fumando um cachimbo. Dentre os vários “pracinhas”, nome dado aos soldados brasileiros, alguns jogavam no União nessa época.

Em represália a entrada do Brasil na Guerra e pelo rompimento de relações com o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), vários navios brasileiros são afundados por alemães. Em 8 de março de 1942, o submarino U-94 alemão torpedeia o navio brasileiro Cairu, na costa leste dos Estados Unidos. Entre as vítimas, está José Sotero da Conceição, telegrafista, que residia em Mogi. “Era, pois, um mogiano uma das primeiras vítimas brasileiras da 2ª Grande Guerra”, diria Grinberg em “Mogi das Cruzes de Antigamente”.

O Brasil declara formalmente guerra ao Eixo em agosto de 1942. Um ano depois, no dia 9 de agosto de 1943 é criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), mas em julho começam os ataques das tropas brasileiras pela Sicília e sul da Itália, tendo vitórias exitosas sobre os inimigos.

Um dos vários combatentes mogianos era Milton Alves, mais conhecido como Chiba. Em uma entrevista concedida à jornalista Carla Olivo e publicada no dia 12 de junho de 2005 no jornal O Diário de Mogi, o filho de Galdino Alves, um dos ex-presidente do União relembrou algumas memórias do combate, além de sua vivência com o futebol local.

Chiba, na entrevista, contava que antes da guerra jogava algumas partidas por clubes como o Elvira de Jacaré, a Associação Esportiva São José, Ponte Preta Futebol Clube de Jacaré e no Taubaté. Em cada um deles, dizia que ficava satisfeito pela quantia recebia por cada partida, em torno de 500 cruzeiros, o que daria em torno de 4 mil reais em valores corrigidos hoje. Em 1937, começa a jogar no União, só parando em 1956, aos 37 anos de idade.

Um dia, ele e um amigo, Orlando, companheiro de Taubaté, foram fazer um treino no São Paulo Railway Atlético Clube, no bairro da Barra Funda, em São Paulo



Entrada do estádio Francisco Ferreira Lopes nos anos 1990. No ano de 1999, ele daria lugar a um centro comercial.

Divulgação

(o clube mudaria de nome para Nacional Atlético Clube em 1946). Chiba disse que o treinador gostou dele e pediu que voltasse na outra semana, mas ao chegar em Mogi, recebeu a notícia da mãe de que foi convocado para as frentes de batalha.

Depois, teve que ir até Caçapava, onde estavam reunidos os outros convocados. “Eram cerca de quatrocentos jovens da cidade”, afirmava. Lá, ele também jogou pela equipe do 6º Regimento Interno. Chiba foi à Itália somente em julho de 1944, regressando um ano depois no Rio de Janeiro, sendo ovacionado junto com os demais sobreviventes.

Mas, aqueles que por infelicidade do destino tiveram sua juventude ceifada nas trincheiras da Península Itálica, foram recebidos como heróis da pátria e tiveram uma cerimônia de despedida digna de sua bravura e coragem, nas dependências sociais do clube na Rua Casarejos.

Enquanto o mapa-múndi passava por uma radical transformação, aqui no Brasil o futebol paulista vivia outra profunda mudança, que assim como a Segunda Guerra, causaria impacto sentido até os dias de hoje.

No final dos anos 1930, a Associação Paulista de Esportes Atlético, a APEA, principal entidade do futebol no estado, passava por um processo de forte decadência, com muitos clubes até então filiados, mudando para a Liga de Futebol Paulista (LFP), novo nome da Liga Paulista de Futebol (LPF), que nada tem a ver com a primeira LPF que durou de 1901 a 1917.

Em 1938, a APEA e a LFP fazem uma fusão e mudam de nome, novamente, dessa vez para Liga de Futebol do Estado de São Paulo (LFESP), que organiza a principal divisão de São Paulo entre 1938 e 1940. A desorganização do futebol, no período de transição entre o amadorismo

e o profissionalismo nos anos 1930, pode ser refletida nas participações da seleção brasileira nas primeiras Copas do Mundo e, quando houve um princípio de decência, o resultado começou a ser diferente.

Enquanto em 1930 e 1934 o Brasil fez campanhas ridículas (incluindo a derrota por 3 a 1 contra a Espanha na Copa de 1934 na Itália, que fez a seleção ser eliminada no pior desempenho em mundiais), em 1938, na França, a situação teve uma melhora considerável. Capitaneados por Leônidas da Silva e Domingos da Guia, ambos do Flamengo, o Brasil fez a sua primeira grande participação em Copas, só parando diante da campeã Itália na semifinal. Além disso, Leônidas foi o primeiro brasileiro a ser artilheiro isolado da competição marcando sete gols.

Voltando ao Brasil, o próximo passo para a consolidação do futebol profissional seria a sua regulamentação. No início de 1941, uma lei estadual decidiu que apenas a LFESP era a principal entidade organizadora do futebol no estado e qualquer outra liga que fosse criada a partir de então seria considerada ilegal. Em 14 de abril de 1941, o então presidente Getúlio Vargas assina o decreto-lei nº 3.199, que cria o Conselho Nacional de Desportos (CND). Uma das exigências é a de que todos as entidades máximas, de todos os esportes mudassem seu nome para “Federação”.

No dia 22 de abril de 1941, com o apoio de onze clubes – Palestra Itália (atual Palmeiras), Corinthians, São Paulo, Portuguesa, Juventus, Comercial, Ypiranga, SPR (São Paulo Railway Athletic Club, atual Nacional), da capital, além do Santos, do Hespanha (atual Jabaquara) e da Portuguesa, ambos de Santos – era criada a Federação Paulista de Futebol (FPF), que teria a missão de organizar as competições futebolísticas em São Paulo, missão que cumpre até os dias de hoje.

## O UNIÃO NO CAMPEONATO DO INTERIOR

O futebol do interior do estado começa a sentir os impactos da mudança. Com alguns clubes se profissionalizando, como o São Caetano Esporte Clube e o Guarani Futebol Clube de Catanduva. Como forma de garantir pelo menos a presença de uma delas na divisão principal, a FPF cria o Campeonato do Interior que só é realizado no ano seguinte. Enquanto uma lei de promoção de divisão ainda não era criada.

Nele, o estado era dividido por regiões, e em cada uma, a liga da principal cidade ficaria responsável por sua gestão. Caso a cidade não houvesse uma, a incumbência ficava a cargo da Comissão de Esportes, espécie de “secretaria de esportes” da época.

No campeonato de 1942, o estado de São Paulo foi

dividido em 24 regiões ao todo. Os campeões de cada região disputariam jogos eliminatórios até que se conhecesse o vencedor. Segundo a obra “Os Esquecidos – Arquivos do Futebol Paulista” editado pela DataToro, departamento de estatísticas do clube RedBull Brasil, de Campinas, com informações da FPF e das comissões esportivas, o Campeonato do Interior de 1942 teve ao todo 202 times, porém, ele ressalta que com a precariedade de informações de cada região, fica difícil precisar a quantidade exata de clubes que jogaram o certame.

Mogi das Cruzes ficou na 24ª região, grupo com o maior número de clubes do campeonato. Ao todo, 24 equipes de Mogi, Paraibuna, Caçapava, Jacaré, São José dos Campos, Tremembé e Taubaté concorriam por uma vaga para a fase final. A cidade se via representada por sete clubes, só perdendo para Taubaté que tinha 12. Foram jogadas dezoito partidas entre clubes de mesmas cidades e outras 33 intermunicipais em ida e volta. O campeão foi o Taubaté, que conseguiu chegar à final e venceu o torneio de forma surpreendente. Depois de uma derrota por 4 a 0 para o Lusitano Futebol Clube de Bauru, o “Burro da Central” vira o jogo em casa por 7 a 0 e leva o troféu, sendo primeiro campeão do interior sob a gestão da FPE.

Os clubes que representavam Mogi eram os seguintes: União Futebol Clube, Associação Atlética Comercial, Mogitex Futebol Clube, São João Futebol Clube, Vila Santista Futebol Clube, Santo Angelo Futebol Clube e a Associação Atlética Poaense, quando Poá era um distrito da cidade, só conquistando sua emancipação em 1949. O número grande de clubes pode ser explicado pelo fato de Mogi das Cruzes receber no início dos anos 1940, a sede da Mineração Geral do Brasil (MGB), empresa da família Jafet que fez a cidade ter um surto de crescimento jamais visto. Uma das consequências é o surgimento de muitos clubes, em sua maioria varzeanos, que jogam o campeonato municipal.

Muitas empresas, em sua maioria do ramo da metalurgia, contribuem para engrossar o número de clubes na cidade. Esses clubes adotavam a prática de fornecer emprego fixo para os que faziam parte dessas equipes.

No ano seguinte, apenas o União e o Vila Santista representariam a cidade, também pelo grupo da 24ª região, composto por 22 equipes de Paraibuna, Jacaré, São José dos Campos, Tremembé e Taubaté. Mais uma vez, quem leva a melhor é o “Burro da Central”, que no dia 22 de agosto de 1943 derrota o Elvira de Jacaré por 2 a 0 e se classifica para a Fase Final, em que é eliminado pelo Noroeste de Bauru (vitória por 2 a 1 em Taubaté e derrota por 4 a 0 em Bauru) que seria o campeão do interior de 1943, levando a melhor sobre o Guarani de Campinas em dois jogos disputados no estádio do Pacaembu, em São Paulo, com vitória por um a zero na ida e empate sem gols

na volta.

Em 1944, o União e mais cinco clubes de Mogi fizeram parte do grupo da 24ª região que mais uma vez viu o Taubaté se classificar. Dessa vez, quem levaria a melhor na final era o Guarani de Campinas, que tinha perdido no ano anterior para o Noroeste de Bauru. A rotina se repetiria em 1945, com sete times mogicruzenses jogando contra equipes de Caçapava, Jacaré, São José dos Campos, Suzano, Tremembé e Taubaté, que pela quarta vez consecutiva viu o seu maior clube avançando de fase. A edição de 1946 não contou com a participação dos clubes da cidade. Porém, no ano seguinte, o União escreveria uma bela página em sua história, entre tantas outras que ainda iria escrever.

## O PRIMEIRO TÍTULO A GENTE NUNCA ESQUECE

O ano de 1947 ficaria marcado na história do futebol paulista. Pela primeira vez desde o início da atual FPF, foi criado o Campeonato da Divisão de Profissionais do Interior, o que na prática, era uma segunda divisão do Campeonato Paulista. Por critérios técnicos, quatorze equipes acabaram sendo escolhidas para o torneio, que acabou sendo conquistado pelo XV de Novembro de Piracicaba, mas, sem direito a ascender de divisão, o que aconteceria no ano seguinte, quando foi promulgada a “Lei do Acesso” e o XV ganhou novamente e finalmente pode subir. A conquista de tão importante para o time, acabou sendo imortalizada nos versos do hino do clube composto por Anuar Kraide e Jorge Chaddad nos anos 1960: “Pioneiro da Lei do Acesso/Engrandece nossa cidade”.

Isso não fez com que a federação abandonasse de vez o Campeonato do Interior, que sofreu uma profunda mudança. Em vez de regiões, os clubes do interior seriam agrupados por zonas, que seriam subdivididas em setores. Ao todo, foram oito grandes zonas e 33 setores em todos os cantos do território bandeirante. Em média, cada zona era composta entre três a cinco setores.

O regulamento dizia que na primeira fase, os times de um setor se enfrentariam em ida e volta, sendo o campeão aquele que somasse mais pontos. Na segunda fase, esses campeões jogariam com os vencedores dos outros setores da mesma zona, com o mesmo regulamento da fase anterior: pontos corridos em jogos em ida e volta. Na Fase Final, os campeões de cada zona seriam divididos em duas chaves com quatro equipes, em que os primeiros de cada chave fariam a final do campeonato.

O União estava no Setor (grupo) 1 da Zona (região) 1 ao lado de grandes equipes da região à época: de Jacaré estavam o Esporte Clube Elvira, tradicional adversário, o Esporte Clube Pedra Santa e o Ponte Preta Futebol Clube,

o Esporte Clube São José (antiga denominação do atual São José Esporte Clube, a “Águia do Vale”, que só mudaria de nome nos anos 1970) e o Esporte Clube Paraibuna, da cidade de mesmo nome.

E, como não era para deixar de ser, o elenco alvirrubro entrou totalmente desacreditado na competição. “Como se fosse tocado por uma varinha mágica, de um momento para o outro a equipe alvi-rubra se amou de uma forma tal e de modo a se tornar num verdadeiro espantalho para os seus adversários”, diria anos mais tarde trecho de uma matéria publicada na revista “Alvi-Rubro”, publicada pelo clube, na edição em ocasião de suas bodas de ouro em 1963.

A campanha começa com um empate contra o Elvira, no Estádio Antônio Jordão Mercadante, em Jacaré, por 3 a 3. No primeiro jogo no Estádio Francisco Ferreira Lopes, na Rua Casarejos em Mogi, goleada sobre o Paraibuna, 5 gols a 2. De volta a Jacaré, a próxima vítima era a Ponte Preta, em jogo disputado, os guerreiros de Mogi voltaram para a casa com um suado um a zero. Em Mogi, mais uma vitória de três a zero sobre o E.C. São José e, fechando o turno, empate por 2 a 2 contra o Pedra Santa em Jacaré. Assim começava o primeiro turno arrasador do União, não dando chance a seus adversários.

No retorno, o ímpeto vencedor continuou o mesmo. Três jogos seguidos com vitória por 3 a 0, contra o Elvira em casa, o Paraibuna fora e a Ponte Preta de Jacaré na Casarejos. Em São José dos Campos, empate com um gol para cada contra o E.C. São José. Para encerrar, mais uma vitória por 3 a 0 diante do Pedra Santa em Mogi, diante um público que lotava a Rua Casarejos. A vitória foi a coroação de uma campanha espetacular do União que lhe valeu o troféu de campeão do Setor 1.

Dos dez jogos disputados, foram sete vitórias e três empates, o que torna o feito ainda mais glorioso, pois o União venceu de forma invicta. Ao todo, o time somou 17 pontos - lembrando que naqueles tempos, uma vitória valia dois pontos e um empate um ponto - com vinte e sete gols marcados e apenas oito sofridos, com um saldo de 19 gols. O artilheiro da campanha foi José Patrony de Campos, o Garrafão, que marcou dez gols.

Todos esses números corroboram para a tamanha importância que a conquista tem para a história do clube, mesmo pouquíssimas pessoas tendo conhecimento desse feito extraordinário para o futebol mogiano. Talvez não tenha a devida importância devido o decorrer do time ao longo do certame. O time titular era formado por Careca, Nestor, Ismael, Netinho, Chiba, Romão, Nei, Dão, Garafão, Luizinho e Carreira.

Na segunda fase, se juntaram além do União, a Associação Esportiva de Guaratinguetá (campeã do setor 2), o



Frigorífico Atlético Clube de Cruzeiro (campeão do setor 3) e o São Caetano Esporte Clube (campeão do setor 4). Só o campeão se classificava à terceira fase, em que seriam conhecidos os finalistas do Campeonato do Interior. O União não conseguiu, ficando a vaga para o Frigorífico de Cruzeiro, que acabou não indo para a final. O título do interior de 1947, no final, ficou com o Rio Pardo Futebol Clube, de São José do Rio Pardo.

Apesar da conquista inesquecível e do fracasso subsequente, o União teve um motivo para comemorar. Na verdade, não somente ele, mas todos os clubes, principalmente interioranos, que sonhavam um dia jogar com grandes potências do futebol paulista, seja contra o Corinthians, o São Paulo, o Santos, o Palmeiras ou até a simpática Portuguesa de Desportos, outra grande potência futebolística na época. Em setembro de 1947, o presidente e ex-goleiro do São Paulo, Roberto Gomes Pedrosa, divulga a “Lei do Acesso”, mecanismo que possibilitava o ingresso de clubes do interior de São Paulo na primeira divisão.

A lei só seria promulgada um ano depois, em assembleia geral realizada no dia 17 de janeiro de 1948. Algumas exigências foram feitas para a entrada de novos membros: ser filiado ininterrupto por quatro anos a FPF, ter no mínimo 500 sócios e um campo próprio ou um que tivesse preferência de uso, eram algumas dessas condições. Determinava também, que um clube, o pior da primeira divisão paulista de 1949 fosse rebaixado. Em fevereiro de 1949, o XV de Piracicaba derrota a Linense, no estádio Palestra Itália, em São Paulo e se torna a primeira equipe a ser promovida para o Campeonato Paulista, conquistando o título de 1948.

Apesar da possibilidade, o União não podia se profissionalizar. Ainda tinha que jogar os campeonatos interioranos. Em 1948, também fez parte do Setor 1 da Zona 1, com outros seis clubes - três de Jacareí, um de Paraibuna e mais dois de Mogi das Cruzes, Vila Santista e Tietê F.C. - mas o Elvira de Jacareí levou a melhor. No ano seguinte, os clubes de Mogi tinham que jogar uma fase antes de enfrentar os clubes de outras cidades da região. Além do alvirrubro, estavam presentes na chave três clubes de Mogi (Vila Santista, Tietê F.C. e Minerasil) e dois de Suzano, que tinha acabado de ser emancipada (Suzano F.C. e União Suzanense). O campeão foi o Vila Santista, que foi o representante da cidade na fase seguinte com clubes do Vale do Paraíba.

Os anos 1950 começariam traumáticos para o futebol brasileiro. Devido a maioria das nações europeias ainda estarem em fase de reconstrução após o fim da Segunda Guerra em 1945, o Brasil foi escolhido pela FIFA em um congresso da entidade em 1948 em Londres, Inglaterra. O que era para ser uma festa maravilhosa e inesquecível, acabou se transformando em tragédia, quando no dia 16

de julho de 1950, um gol de Alcides Ghiggia calou uma multidão que se espremia no novel estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Aquele gol de virada do Uruguai (2x1) acabaria destruindo o sonho do Brasil vencer uma Copa do Mundo em casa, sendo que bastaria um simples empate. Mal sabiam o que os brasileiros aguardariam décadas depois...

No mesmo ano, o União disputou seu último campeonato do interior, antes de se profissionalizar. O clube ficou na mesma fase do campeonato anterior, tendo que jogar com outros clubes da cidade para poder passar de nível e jogar com clubes de outras regiões. Novamente, os alvirrubros não conseguiram. O Suzano Futebol Clube venceu a fase mogiana, perdendo, contudo, a fase anterior para a equipe do Cetebê, equipe da Companhia de Tecidos Brasileira de Atibaia.

Era tradição na primeira metade do século XX, os principais encontros festivos da alta sociedade, sobretudo as do interior, acontecerem no salão de festas dos clubes da cidade. Bailes de carnaval, aniversários, festas de confraternização, concursos de beleza, festas de casamento, debutante, entre outros eventos, tudo acontecia ali. O clube era o ponto de encontro do que havia de mais fino e elegante na cidade e em seu entorno. A sede de um clube sempre era algo imponente, às vezes luxuoso, uma construção que se destoava diante do panorama de uma cidade, ainda mais se ela fosse pequena.

Com o passar dos tempos, os bailes foram esvaziando, as pessoas perderam o interesse e com isso, muitas sedes acabaram fechando, sendo vendidos para outros fins e os que sobraram, fazem o possível para sobreviver, até hoje, mesmo em estado agonizante, vivendo de aluguel para parques eventos e dos chamados “bailes da saudade”, onde se tenta resgatar um pouco do glamour daqueles tempos de outrora.

No dia 18 de novembro de 1914, com pouco mais de um ano de existência, o União inaugura seu primeiro estádio, mais conhecido como o campo do Parque. Ele ficava localizado na atual Rua Major Pinheiro Franco, aos fundos do Parque Mogiano, na Rua Doutor Ricardo Vilela. Hoje a área é tomada em sua grande maioria por residências e alguns comércios. O parque por sua vez, anos depois abrigou o Cine Parque e hoje, o terreno é tomado por uma loja de uma rede de atacados.

O confronto de abertura se deu contra o tradicionalíssimo Clube Atlético Ypiranga, de São Paulo, que jogava o Campeonato Paulista. A partida termina empatada sem gols. Os jogos no campo do Parque sempre viviam cheios a cada domingo, exemplo disso eram as disputas entre o União e a equipe paulistana do Spartanos, bairro da Penha, história já contada no capítulo “Grandes Confrontos”. O

estádio era o principal da cidade, mas pequeno demais para as pretensões unionistas.

Antes de prosseguir, um parêntese. No livro “História de Mogi das Cruzes”, Isaac Grinberg diz que no dia 18 de dezembro de 1921, o campo do Parque recebe uma melhoria que “vinha fazendo muita falta” ao estádio, segundo ele. Foram instaladas redes nos gols do campo, o que já era um grande luxo naqueles tempos. As redes foram feitas por Anacleto Angulo, a partir de barbantes doados por José Cury Andere, presidente do União.

Voltando ao assunto, os anseios dos alvirrubros eram grandes, não se restringindo a apenas um estádio. Em 1922, o clube cria o seu estatuto e no dia 24 de outubro é lavrada a escritura de compra e venda de um terreno de 9.945 metros quadrados entre as ruas Casarejos, Doutor Deodato Wertheimer e José Malloze. Ali, futuramente, o alvirrubro viveria grandes momentos de glória por mais de sete décadas.

A construção do estádio começou anos depois. E o campo teria inovações que deixariam impressionados não apenas os que moravam em Mogi. No dia 24 de novembro de 1925, o jornal A Gazeta, de São Paulo publica uma matéria sobre as futuras instalações do estádio. Os jornalistas foram convidados por diretores do Clube Athletico Tiradentes, da capital e por Avelino Franco, secretário-geral do União.

A visita ocorreu no dia 22 de novembro, um domingo e eles disseram na matéria que ficaram encantados com o que viram. Deram detalhes sobre o ritmo das obras e de como ficaria o projeto final. As arquibancadas de “linhas architectonicas deveras admiráveis” estavam perto de terminar. O estádio contaria com camarotes, tribunas de honra - local onde ficaria as autoridades - bar, vestiário, banheiros, estacionamento, além de cabines de imprensa dotadas de “telephones e carteiras”.

Sobre o campo, era “um tapete de grama verdejante”, com as dimensões propostas pela International Football Association Board, organização inglesa responsável pelas regras do esporte, só poderiam ser comparadas, segundo o jornal, com as do Parque Antarctica, estádio do então Palestra Itália (hoje Palmeiras), na capital. E o jornal felicitava o clube pela conquista, com grafia da época:

“Como se vê, só mesmo com esforços inauditos de seus incançaveis diretores, que jamais esmorecem na luta que, em boa hora, empenharam pela grandeza e prestígio do clube, poderia o valoroso campeão de Mogy, vêr realizada o seu ideal.”

O jornal dizia que foram gastos em torno de 80 mil contos de réis, o que em valores corrigidos hoje gira em torno de 1,6 milhão de reais. Também completava dizendo que sua inauguração ocorreria dentro de dois ou três

meses, com um jogo entre dois times da capital, além de outro jogo do União com outro grande time, que não foi definido. Para encerrar, o jornal dá os parabéns para “o glorioso” União de Mogi.

Porém, o estádio só seria inaugurado de fato no dia do aniversário do clube no ano seguinte, portanto, seis meses depois da promessa inicial da primeira notícia publicada pela A Gazeta. No dia 7 de setembro de 1926, foram jogadas duas partidas valendo taça. A primeira foi entre União e o Elvira de Jacareí, cuja a taça, oferecida pelo presidente do União, Francisco Ferreira Lopes, ficou exposta em uma loja na cidade de Jacareí. E a outra partida foi entre Portuguesa de Desportos e Sírio, clubes que jogavam o Campeonato Paulista da APEA. O troféu foi oferecido pela Casa Andere, loja de Mogi, de propriedade de José Cury Andere, ex-presidente e um dos sócios do União. Segundo reportagem de A Gazeta de 31 de agosto de 1926, a “riquíssima taça” foi colocada para exposição na vitrine da Casa Birle, joalheria localizada na Rua Direita, número 28, no coração de São Paulo. Os jornais, mais uma vez, não chegaram a registrar os resultados finais dos dois jogos.

Com o passar dos anos, o prestígio do União só cresceu. Como visto antes, só a partir dos anos 1940 é que o clube ganharia mais fama quando joga os campeonatos do interior organizados pela atual Federação Paulista de Futebol (FPF). O título de 1947 deu um impulso no clube, principalmente no que se refere ao seu patrimônio. No fim dos anos 1940, o clube adquire, no dia 2 de março de 1949, sete lotes na mesma Rua Casarejos, Nele, seriam construídos a sede social e o ginásio do clube. Sem contar os bailes agitadosíssimos de carnaval. “Aqueles que tinham namorada brigavam para não ter compromisso, já que, na época, Carnaval significava estar livre porque no União havia mulher aos montões e de boa qualidade. ”, disse o jornalista José Pierucetti em 2003.

No ano seguinte, em 15 de novembro de 1950, foi inaugurado o pórtico de entrada do estádio, que agora se chamava Francisco Ferreira Lopes, homenagem ao ex-presidente do clube durante sua inauguração nos anos 1920. A entrada recebeu o nome de Abel Lopes de Souza, membro do Conselho Deliberativo. A iniciativa, da construção da entrada e da homenagem, partiram de uma ideia conjunta de Jamil Makssud e Helio Boratto, “velhos batalhadores pelo engrandecimento e progresso de nosso clube”, como diria a edição da revista “Alvi-Rubro” de setembro de 1965.

Mais de dois anos depois da inauguração da entrada principal do Estádio Francisco Ferrerira Lopes, no dia 19 de dezembro de 1952, é entregue para a sociedade mogiana o ginásio do União, que passaria a se chamar Francisco Averaldo, ex-presidente nos anos 1950, a partir de 7 de setembro de 1965, por ocasião dos festejos dos 52 anos do

União. A construção só foi possível graças à ajuda financeira de sócios do clube e membros da cidade em geral.

O ginásio era palco de outras modalidades que o União praticava. Além do futebol havia o time de basquete, de vôlei, de futebol de salão e até de tênis de mesa. Mas o que tornava o ginásio um local movimentado e disputadíssimo, eram os bailes que lá aconteciam. “O baile na sede social era um dos melhores que poderiam ter aqui na cidade. Os melhores carnavais eram os do União”, recordava Tirreno da San Biagio, o seu Tote, fundador do Diário de Mogi, ao site globoesporte.com em setembro de 2013. Às vezes, os bailes eram bem concorridos. Na mesma matéria, o ex-jogador Ery Brasil contava que quando terminava algumas partidas, ele se arrumava e colocava seu smoking no vestiário e ia direto para os bailes.

Tanto no primeiro período profissional, quanto no amador, a principal uma das fontes de renda que faziam o clube sobreviver, era o aluguel para eventos no ginásio, relembrando o que foi dito na abertura deste presente capítulo. Além dos bailes de carnaval, confraternizações, festas de casamento e aniversário, concursos de beleza e bailes dos namorados eram eventos que ocorriam constantemente no ginásio do União.

Com o passar dos anos, os bailes tradicionais começaram a perder força. As pessoas procuravam lugares mais sofisticados ou faziam em suas próprias casas, o que fez com que o uso do patrimônio do União diminuísse gradativamente. Até o momento em que uma notícia desagradável e inimaginável chegou ao conhecimento de todos, e pegou em cheio aqueles que tiveram a oportunidade de frequentar o clube nos áureos tempos.

Em meados de 1999, o terreno foi vendido para a construtora Marsil, que faria um shopping. Portanto o motivo para o fim daquela joia do União, e da cidade de Mogi das Cruzes, foi um só: interesses políticos, de acordo com o atual presidente do União, Osmar Novais Ferreira. Algumas das lojas ficariam com o União, mas segundo Osmar, até isso não sobrou, pois, o ex-presidente à época que fez essa troca (da sede para o centro de compras) espertamente comprou as lojas que pertenciam ao União e que o clube não pagava.

Quem perdeu no final das contas, foi o clube, que por pura ganância e prepotência, viu se reduzir a pó um belíssimo patrimônio construído a duras penas, por gente que era mais do que torcedor, era apaixonado pelo nome União Futebol Clube. Não bastasse tudo isso, as novas gerações, também perderam um bem histórico, um palco por onde craques dos mais variados times e épocas desfilaram sua arte com os pés. Tudo isso trocado por um punhado de lojas com os mais variados tipos de produtos. Qual não é o espanto, inclui-se aqui este autor, quando se descobre que

ali naquele lugar, páginas da história do futebol não foram escritas e, infelizmente, perdidas para sempre? É dever do povo mogiano resgatar e lembrar sempre do espaço que era motivo de orgulho para todos até pouco tempo atrás.



globoesporte.com/Acervo Milton Alves, Chibã

Equipe do União que disputou o primeiro torneio da era profissional de sua história: o Campeonato Paulista da segunda divisão de 1951.

### O INÍCIO NO PROFISSIONALISMO

Depois de disputar quatro anos seguidos o Campeonato do Interior, o União pode, finalmente, fazer parte da Lei do Acesso, conquistando pela primeira vez a real chance de subir para a elite paulista no ano de 1951. Contudo, a Federação já convidava o União desde o título regional de 1947. “Com a Conquista do título o clube passa a sofrer uma pressão para se profissionalizar, pois até então éramos amadores”, diria Milton Alves, o Chibão, um dos craques do time.

Além do XV de Piracicaba, em 1948 e o Guarani de Campinas em 1949, um time de uma pequena cidade entre as regiões de Ribeirão Preto e Campinas, conquistava o privilégio de ascender à primeira divisão do Campeonato Paulista. Este clube era o Radium Futebol Clube, da pequena Mococa, fundada a 1 de maio de 1919.

Fruto de uma fusão entre dois clubes da cidade, um da elite (Mocoquense) e outro do povo (Operário), o time tem esse nome em homenagem ao elemento químico Rádio, descoberto por Marie Curie no fim do século XIX, partindo de uma sugestão de Pedro Daniel, um dos membros da agremiação. Em 1950, para o time subir, bastava vencer o poderoso Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto. Foram realizados três jogos, ambos empatados (1x1, 0x0, 1x1).

Tamanho equilíbrio fez com que torcedores e jornalistas pedissem o acesso dos dois, mas a FPF insistiu que a Lei do Acesso deveria ser cumprida e marcou um terceiro jogo para o Estádio do Pacaembu no dia 11 de março de 1951. O jogo terminou 2 a 1 para os alviverdes de Mococa

que ficaram na elite do estado pelos dois anos seguintes. Já o Botafogo tentou com uma liminar garantir seu acesso, independente se tivesse conseguido ou não o título. Não obteve sucesso. Pior, com toda a confusão armada, a Ponte Preta de Campinas também pleiteou mais uma vaga, mas sob o argumento de ser o clube mais velho do estado (foi fundado em 11/08/1900). E para o espanto do Botafogo, a Ponte conseguiu subir.

A fórmula da edição de 1951 do Campeonato Paulista da segunda divisão era a seguinte: as 49 equipes que disputariam o torneio seriam divididas em quatro grupos, de acordo com sua região geográfica. No grupo Leste ficariam onze clubes, no grupo Oeste quatorze clubes, no grupo Central treze clubes e no Sul outros treze clubes. Eles se enfrentariam em ida e volta, e os dois melhores de cada chave iam para a segunda fase. Lá, eram divididos em dois grupos de quatro, sendo os primeiros de cada os finalistas do torneio.

O União ficou no grupo Sul ao lado da Internacional de Limeira, do Piracicabano de Piracicaba, do Valinhense de Valinhos, do Votorantim de Sorocaba, do Corinthians de Santo André, do São Caetano E.C., do Taubaté, da Estrela da Saúde da capital, do Paulista de Jundiaí, e de dois clubes de São Bernardo do Campo: o Palestra e o E.C. São Bernardo. A princípio, a Mogiana de Campinas também faria parte, mas, provavelmente, desistiu da competição.

A primeira fase aconteceu entre os meses de junho e dezembro. A estreia do União foi em casa contra o Clube Atlético Votorantim em 17 de junho, vitória por 3 a 2. Porém, a sequência foi aquém do esperado. No primeiro turno, foram duas vitórias, oito derrotas e um empate. No retorno, desempenho parecido: duas vitórias, dois empates e sete derrotas, incluindo um humilhante 10 a 2 do Paulista de Jundiaí, fora de casa. A seguir, os jogos da primeira campanha profissional do União:

#### PRIMEIRO TURNO

10/06/1951 - União 3x2 Votorantim - casa  
17/06/1951 - União 0x3 Inter de Limeira - fora  
24/06/1951 - União 0x3 Taubaté - fora  
01/07/1951 - União 2x4 Estrela da Saúde - casa  
08/07/1951 - União 0x3 São Caetano E.C. - fora  
15/07/1951 - União 3x2 Paulista - casa  
22/07/1951 - União 2x7 E.C. São Bernardo - fora  
05/08/1951 - União 1x2 Palestra S.B. - casa  
12/08/1951 - União 2x3 Corinthians F.C. (Sto. André) - fora  
19/08/1951 - União 0x7 Valinhense - fora\*  
26/08/1951 - União 1x1 Piracicabano - fora\*  
(\* por uma interdição no estádio Francisco Ferreira Lopes, a FPF obrigou o União a jogar fora de Mogi.

#### SEGUNDO TURNO

02/09/1951 - União 2x4 São Caetano E.C.- casa  
09/09/1951 - União 1x3 Votorantim - fora  
16/09/1951 - União 1x1 Taubaté - casa  
23/09/1951 - União 2x10 Paulista - fora  
02/12/1951 - União 5x0 E.C. São Bernardo - casa  
30/09/1951 - União 1x7 Valinhense - fora  
07/10/1951 - União 1x6 Estrela da Saúde - fora  
21/10/1951 - União 6x0 Piracicabano - fora  
28/10/1951 - União 0x4 Corinthians F.C. (Sto. André) - fora  
18/11/1951 - União 1x1 Palestra S.B. - casa  
25/11/1951 - União 1x3 Inter de Limeira - casa

#### DESEMPENHO DO UNIÃO NO CAMPEONATO

	1º TURNO	2º TURNO	GERAL
<b>Jogos</b>	11	11	22
<b>Vitórias</b>	2	2	4
<b>Empates</b>	1	2	3
<b>Derrotas</b>	8	7	15
<b>Gols pró</b>	14	21	35
<b>Gols contra</b>	35	39	74
<b>Saldo de Gols</b>	-21	-18	-39

#### TABELA DE ARTILHARIA

Número de Gols	Jogador
8	Heros
5	Gilberto
4	Alvinho
3	Irone, Carlos e Luiz
2	Waldemar, Teófilo e Moacir
1	Onofre, Fioravante, Everton e Ery Brasil

Com a pífia campanha, o União ficou na penúltima posição do grupo Sul, somando onze pontos, só a frente do Clube Atlético Piracicabano, que ficou com seis. Da chave, passaram as equipes do Corinthians de Santo André e do Estrela da Saúde da capital. O artilheiro do time foi Heros, com oito gols marcados. A base do time no início do torneio era: Carlos Sato, Onofre e Zuza; Nestor, Zé Luiz e Romão; Hironi, Ery Brasil, Alvinho, Waldemar e Paulinho Machado.

O título, no final, ficaria com o XV de Jaú, que no



dia 27 de janeiro de 1952, venceu o Linense por 4 a 2. Mas, para confirmar seu acesso, deveria jogar duas partidas contra o Jabaquara, tradicionalíssimo clube de Santos. Foram dois jogos, 5 a 0 para o XV em Jaú e 2 a 0 para o Jabaquara em Santos. Como a soma de placares, mais conhecido hoje como placar agregado, não era um critério de desempate existente à época, foi necessário um terceiro jogo em Campinas. Depois de o XV abrir a contagem, os jogadores do “Jabuca” abandonaram a partida e o XV finalmente subiu. O mais curioso disso tudo é que esses jogos não adiantaram de absolutamente nada, pois o Jabaquara ficou no campeonato de 1952, em mais uma virada de mesa típica do futebol brasileiro, travando uma batalha com a FPF que fez o Paulistão daquele ano começar só em fins de agosto.

Traumatizado pela péssima campanha, o União resolveu pedir licença das competições da FPF. Contudo, outra justificativa apontada para a decisão foi a adaptação a exigências da federação, como por exemplo, de seu estádio, que já naquela época teria que se adequar a certos padrões. “Teve um ano em que a Federação Paulista obrigou o União a substituir a cerquinha que beirava o campo por um alambrado. Como não tinha como cumprir, o time ficou de fora”, diria Ery Brasil, um dos jogadores de 1951, ao site globoesporte.com, no especial de centenário do clube em 2013.

Não bastasse isso, a campanha desastrosa trouxe prejuízos para o clube, que acumulou dívidas junto a FPF. “Não tínhamos receita econômica para manter o time, jogadores eram abnegados em sua maioria mogianos e semiprofissionais pois possuíam outra profissão. Um outro problema era com as viagens. Usávamos o transporte ferroviário, que era muito cansativo e depois dependendo da cidade andávamos a pé, até a chegada no estádio”, recordaria Milton Alves, o Chibão.

O retorno só aconteceria em 1955, e dessa vez de maneira contínua por alguns anos. Mas, para a tristeza do torcedor mogiano, o clube não iria muito longe em nenhuma edição. Nesse ano, os alvirrubros fizeram parte de uma



Acervo  
Glauco Ricciele

Uma das primeiras formações do XI da Saudade, nos anos 1960. Seu Tote, o idealizador, é o sétimo em pé da esquerda para a direita.

chave de nome “Setor Verde”, com outros cinco times. Acabou ficando na lanterna. Em 1956, os grupos foram divididos por importância econômica de cada local. Além dos grupos, ou séries, chamadas de Algodoeira, Pecuaría e Cafeeira, tinha também a Industrial, da qual o União fazia parte. Das sete equipes, ficou em penúltimo lugar, só a frente do Corinthians de Santo André.

No ano de 1956, um então ponta-direita, que tinha jogado pelo São Paulo (marcando um gol contra o XV de Piracicaba pelo Paulista de 1950) e que ficaria famoso anos depois por outros motivos, jogou pelo União. Seu nome atende por José Maria Marin. O paulistano do bairro de Santo Amaro tinha contato com alguns jogadores do alvirrubro quando jogava pelo time da faculdade de direito da Universidade de São Paulo, onde se formou, e depois de um convite de José Alves, o Chibinha - irmão de Milton, o Chiba (jogador do União combatente na Segunda Guerra) - ele aceitou envergar o manto rubro de Mogi. Jogava algumas partidas, pois não morava na cidade, vindo de trem de São Paulo.

Anos depois, ingressou na carreira política. Foi vereador por São Paulo, deputado estadual, governador do estado no ano de 1982 - era vice de Paulo Maluf, que renunciou naquele ano para se candidatar a deputado federal. Além de ter sido presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF) entre 1982 e 1988 e no ano de 2012, depois da saída de Ricardo Teixeira, que ficou 23 anos no cargo, assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), cargo que ocupou até 2015. No mesmo ano, acabou sendo preso pelo FBI por envolvimento em um esquema de corrupção na FIFA. Atualmente vive em prisão domiciliar em um apartamento de Nova York, EUA.

No campeonato de 1957, em que Marin fazia parte do plantel, o União teve uma campanha melhor que a dos primeiros anos, ficando em oitavo entre onze times do grupo A. Depois de muito tempo, o futebol brasileiro teve um momento de grande júbilo. Na Copa do Mundo da Suécia, em 1958, o Brasil, comandado pelo trio Vavá, Garrincha e Pelé, no alto de seus 17 anos, finalmente ganha a Taça Jules Rimet, erguida por Hideraldo Luís Bellini, capitão do



Acervo Glauco Ricciele

Time do União em partida contra o Vila Santista, pela segunda divisão paulista de 1958, no estádio da Rua Francisco Franco, do Vila. O jogo terminou em empate por 2 a 2

time, vencendo a Suécia por cinco gols a dois.

Ainda disputando a segunda divisão, no mesmo ano a equipe unionista fica em oitavo, posição idêntica do ano anterior, entre dez clubes do grupo Azul, não se classificando. No último ano de sua primeira passagem pelo profissionalismo, as chaves daquela edição homenagearam dirigentes ou pessoas ligadas ao futebol. Na chave “João Havelange”, referência ao então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), composta por dez equipes, o União fez sua melhor campanha em todos os anos, ficando em sexto lugar. Mas não o suficiente para passar de fase. Assim como ocorreu nos anos anteriores.

Logo após, o clube se afasta das disputas profissionais. O fato não faz com que Mogi fique carente de futebol, muito pelo contrário, outros clubes representariam a cidade no hiato em que o União fica parado. E para matar um pouco da saudade dos tempos gloriosos do clube, a iniciativa de um jornalista da cidade acabaria por resgatar páginas históricas e trazer um ânimo para um futuro que os torcedores sonhavam.

## UNIÃO SE ESCRIVE COM S. DE SAUDADE.

No ano de 1987, o jornalista e locutor esportivo Luciano do Valle, que também tinha uma empresa de promoção de eventos esportivos, a Luque, resolve junto com Pelé criar um torneio de seleções. Esse campeonato, em que participariam seleções vencedoras de Copas do Mundo, seria composta por ex-atletas que marcaram história em cada país participante. Aconteceria todo início de ano, antes da temporada de futebol começar, em jogos disputados no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Assim nascia

a Copa Pelé. Que já na primeira edição apresentaria momentos inesquecíveis. Em um jogo do Brasil, treinado por Luciano do Valle, com a Itália, Pelé, com 46 anos de idade, faz uma bicicleta digna dos tempos que estufava as redes adversárias.

Era o auge da chamada equipe de “másters”, times formados exclusivamente de veteranos, seja de seleções ou de clubes, que em partidas festivas, fazem a torcida reviver tempos onde o futebol era algo atrativo de se ver, em que talentos surgiam a torto e a direito nos mais variados clubes. Porém, em Mogi, bem antes da Copa Pelé, uma equipe já chamava a atenção dos mogianos, não somente por ser composto de atletas que um dia vestiram a camisa alvirrubra, mas por trazer verdadeiras lendas ou até seres de outro planeta que entortavam outros com a bola nos pés.

O time tinha o nome de “XI da Saudade” pois a ideia era o time titular ser composto por onze jogadores importantes do União. A ideia partiu de uma grande figura da sociedade e do jornalismo local. Tirreno da San Biagio, mais conhecido como “Tote”, nasceu no dia 19 de outubro de 1931, no Largo Bom Jesus em Mogi, filho de Giovanni, um italiano vindo da Toscana e de Elisa, uma empregada doméstica de Cachoeira Paulista (SP). Foi o filho caçula de três do terceiro casamento do pai. Começou a trabalhar no jornalismo na Folha de Mogi, de propriedade os irmãos Jacob e Isaac Grinberg. Em meados da década de 1950, o jornal entra em crise e ele é demitido e com o dinheiro da indenização, monta, ao lado da futura esposa, Neid o jornal O Diário de Mogi, com a primeira edição publicada em 13 de dezembro de 1957.

Tote teve a ideia de reunir jogadores com passagem marcante pelo clube logo após o União se afastar das competições profissionais. Os jogos aconteciam esporadicamente aos sábados de tarde ou de noite, mas se consolidou após as comemorações do cinquentenário do clube, em 1963, mais especificamente no dia 20 de abril daquele ano. Todos os jogos atraíam uma multidão para o velho estádio Francisco Ferreira Lopes. Dentre os primeiros a frequentar o time destacam-se os irmãos Alves - Milton, o Chiba e José, o Chibinha - Ery Brasil, Zé Luís e Teophilo Salustiano, o Netinho, além de Tote e de José Pierucetti, grande jornalista e historiador do futebol mogiano.

No dia 7 de setembro de 1964, data de 51 anos do União, uma grande partida foi realizada contra o maior rival, o Vila Santista, com vitória do União por três gols a um.

Engana-se quem pensava que eles jogavam apenas por diversão. Caetano Grieco Filho, tradicional comerciante da

Acervo Glauco Ricciele



Bolo homenageando a sede do clube, em ocasião do aniversário de 50 anos de clube, em setembro de 1963.



cidade, jogou por um breve período no time, entre 1945 e 1947. Depois, ao lado de Tote, foi um dos fundadores do time. Ele relembra com nostalgia aqueles tempos: “O XI da Saudade foi uma fase muito bonita da minha vida e, mesmo já veteranos, levávamos os jogos a sério e queríamos ganhar. Tanto que conseguimos ficar invictos durante 24 partidas, só perdendo para um time do subúrbio de São Paulo. Os jogos sempre aconteciam nos sábados à noite, com campo lotado e transmissão da Rádio Marabá. Era a coqueluche do momento.”, disse em uma entrevista ao O Diário de Mogi, em 15 de agosto de 2004.

Quando seu Tote faleceu em 14 de outubro de 2015, o jornal O Diário de Mogi fez um caderno especial com a trajetória de seu fundador. Em uma entrevista, ele conta como surgiu a ideia de formar a equipe: “Nasceu numa noite na Câmara. Eu cobria a sessão e o Moura Santos era vereador; o Chibinha (José Alves) estava lá. No cafezinho conversava sobre o União. A gente já não jogava mais. Surgiu a ideia de montar um time de veteranos. O Moura é que teve a ideia do XI da Saudade. E assim começou.”

Os jogos aconteciam em sua maioria em datas festivas. “Não tinha uma ocasião específica (para a realização das partidas). Era um lazer quase constante. Seu Tote fazia questão disso. Não tinha data específica. Ele queria era um movimento legal na cidade.”, lembra o atual presidente do União, Osmar Novais Ferreira. Além de serem uma boa ajuda para o clube. “O XI da Saudade trouxe grandes benefícios ao União, quando o clube estava quebrado financeiramente, mas passou a ter lucros com a criação do XI da Saudade até para a compra o seu estádio na Vila Industrial (Francisco Ribeiro Nogueira).”, citava Caetano Grieco Filho, em 2004.

O time começou a ganhar fama, disputando jogos em outras cidades da região, tamanho o sucesso que fazia. Mas depois de um certo tempo os jogadores pioneiros não

conseguiram se aguentar em campo, consequência da senilidade. Por iniciativa dos próprios fundadores, ex-atletas de grandes clubes de São Paulo começaram a ser chamados. Tote relembra os pioneiros: “Estava o Lima que jogava no Palmeiras e foi o garoto de ouro do futebol paulista, o Tremembé. Eles vieram um dia, gostaram e começaram a trazer outros. Começamos o intercâmbio”, recordava.

A lista de jogadores que tiveram o privilégio de jogar pelo time nos anos de atividade do XI da Saudade era



Arquivo Glauco Riccio

Garrincha cercado de crianças no jogo do XI da Saudade em 21/04/1973.

grande, capaz de serem escalados em qualquer time titular. Tupãzinho, Chinezinho, Ademar Pantera, Luizinho, César Lemos (o César Maluco), Gildo, Geraldo José, Mão de Onça (que sofreu um gol antológico de Pelé quando atuava pelo Juventus da Mooca em 1959), Carlinhos, Geraldo Scotto, Djalma Santos, Luís Pereira, Edu, Ademir da Guia, Rivellino e Zenon são alguns deles. Contudo, um jogador de alto nível, praticamente de outro planeta, pisou, com suas pernas tortas, em campos mogianos, mesmo não estando na melhor fase de sua vida.

Era um sábado ensolarado, dia 21 de abril do ano de 1973. O Estádio Francisco Ferreira Lopes, da velha Rua Casarejos recebia um fluxo de gente fora do normal, sem ímpar na história da cidade. Tudo para ver de perto, no acanhado e velho palco, um malandro de pernas arqueadas cometer assassinios múltiplos com a bola em seus pés, como foi durante a sua brilhante carreira no Botafogo e na seleção ao lado de Pelé. Manoel dos Santos, um certo Garrincha, bicampeão mundial de futebol com o Brasil em 1958 e 1962, teve a oportunidade de vestir a camisa do União. Uma camisa entre várias outras.

Quase derrotado pelo alcoolismo, Garrincha sucumbiria de vez à doença menos de dez anos depois daquele

jogo, em janeiro de 1983. Antes, enfrentaria uma verdadeira via crucis causada pelo vício que tinha desde a tenra idade - a mãe de Mané tinha o hábito de colocar aguardente em sua mamadeira. Depois do bi no Chile em 62 e de sérias lesões no joelho, a carreira e a vida começaram a declinar.

Decadente, ao lado da companheira, a cantora Elza Soares, Garrincha fez um verdadeiro périplo do Oiapo-que ao Chuí em busca de trocados que o sustentasse. Na biografia “Estrela Solitária”, obra-prima do jornalista Ruy Castro, a ideia de fazer essa peregrinação partiu de Ivo Hoffmann, amigo e ex-jogador do Inter de Porto Alegre. Entre os meses de abril e novembro de 1973, Garrincha desfilava em campos das mais péssimas condições imagináveis por 4 mil cruzeiros, ou 20 mil reais em valores de hoje, por partida. Seriadamente debilitado, só conseguia jogar um tempo, o que o autor já considerava um milagre, tudo pela vaidade dos clubes, que iam dizer com orgulho que Mané honrou o manto do time uma vez em sua história. Era um circo mambembe com um artista só, conta Ruy.

Tote diz que Garrincha chegou aqui depois de estar de saída do Corinthians. O adversário foi uma equipe amadora de São Paulo, composta por funcionários dos Correios. Nos vestiários, o jornalista José Pierucetti conta que ao lado de Elza, ele tratava todos bem e com carisma, típicos de sua personalidade ingênua. Em 2013, quando se completou três décadas de sua ausência, o portal globoesporte.com fez uma matéria sobre a passagem dele na cidade. Tote teria essa lembrança do “anjo de pernas tortas”: “Eu era lateral-direito, e ele jogou perto de mim. Então, na minha função, eu sabia o que a torcida queria, que era pegar a bola e tocar para ele. A torcida gostava, e o Garrincha fazia aquelas estrepolias todas. Ele já não tinha mais aquela vitalidade, mas fazia aquele sassarico.”

Além de Mané, estavam no time outros jogadores conhecidos como Mão de Onça, Gildo, Ademar Pantera e Tupãzinho. A vitória foi do XI por um a zero, gol de Gildo. Mas todos estavam lá para ver aquela “Estrela Solitária” desfilar sua magia e sair do campo da Casarejos para nunca mais retornar à cidade. Ele continuou a sua triste jornada, até que um “João”, como se referia aos zagueiros adversários que eram vítimas de seus dribles, suas vítimas preferidas, tomou-lhe a bola e, consequentemente, a vida.

Depois de vinte anos de existência, o XI da Saudade teve um fim, derrotados pelo tempo. “Acabou porque todo mundo ficou velho, e acabou também por ciúmeira de alguns diretores do União”, destacou Tote. Espora-

dicamente, o time volta a campo, mas composto em sua grande parte por ex-jogadores de outras equipes, como por exemplo, no ano do centenário do União em 2013, em partida que contou com gente do quilate de Edu (ex-Santos e o mais jovem brasileiro a ir a uma Copa do Mundo, em 1966 na Inglaterra aos 16 anos), Serginho Chulapa e Zenon. O XI da Saudade é mais um orgulho que o futebol mogiano produziu em mais de um século de história, provando que sim, União se escreve com S de saudade.

## O RETORNO. PARA VALER.

Demorou exatos 19 anos, mas depois de apenas participar de campeonatos amadores, além das exibições do esquadrão do XI da Saudade, o “Brasinha”, mascote do clube à época, retornou as competições profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF).

E o retorno se deve, em grande parte, a uma grande figura do esporte local, atuando tanto dentro, quanto fora de campo. José Pierucetti foi um comerciante, mas mais do que ser apaixonado pelo ofício, tinha uma paixão ainda maior: o futebol. Nascido na capital paulista, filho de um casal imigrante da Itália, José Pierucetti, ou o Peru, como era conhecido, veio ainda criança à Mogi. Quando jovem, jogou nos três grandes clubes da cidade: o Comercial, o Vila Santista e o União, mas pela pressão da torcida vilista, grande adversário dos alvirrubros, voltou a jogar nos alviverdes.

Terminada a carreira profissional, Peru, junto com Tote da San Biagio, funda o famoso XI da Saudade, sendo o primeiro técnico do União na retomada ao profissional. Além disso tudo, José Pierucetti foi um grande memorialista do futebol em Mogi das Cruzes, juntando ao longo de oito décadas de vida, fotos, recortes de jornais e demais recordações de fatos do esporte local. Peru faleceu aos 80 anos de idade em 16 de junho de 2013, vítima de um câncer no pâncreas.

Quem conta como Peru incentivou a volta do União foi Valdir Bueno, mais conhecido como Tesoura, que fora um dos primeiros jogadores do time na sua retomada ao profissionalismo, entre 1978 e 1982. Com base na seleção que representou a cidade nos Jogos Abertos do Interior, Peru sentiu a necessidade de Mogi voltar a ter um time figurando entre os profissionais. E ele se entusiasmou ainda mais quando a cidade conseguiu vencer uma edição do torneio. “O Pierucetti conseguiu arrecadar boa vontade e a ajuda dos comerciantes, do pessoal que gostava de futebol, daqueles velhos diretores, velhos torcedores do



Equipe posada do XI da Saudade no dia em que recebeu Garrincha, o primeiro agachado da esquerda para a direita.



João Piva/ futebolat.blogspot.com.br



Foto do União em 1983.

União, que tinham condições. E ele propôs, tudo o que seria necessário para colocar o União (...). Com base nessa seleção (vencedora dos jogos regionais), ele montou uma equipe para a fase classificatória e conseguimos entre 64 clubes classificar dentro da nossa chave para participar da terceira divisão de 1978. E foi aí que começou o União. ”

Na realidade, a eliminatória dita por Tesoura era para o campeonato de 1979, o primeiro ano do retorno. A estrutura do futebol paulista estava assim dividida naquele ano: a Divisão Especial, a principal do estado, que tinha 20 clubes, sendo vencedor o Corinthians; a Divisão Intermediária, o segundo patamar, também com 20 times e vencida pelo Taubaté; a Primeira Divisão, o terceiro nível com os mesmos 20 times, cujo o vencedor foi o Palmeiras Futebol Clube de São João da Boa Vista; a Segunda Divisão, na realidade a quarta, com 22 equipes e conquistada pelo Fernandópolis Futebol Clube e, por fim, a Terceira Divisão.

Ou seja, ao lado de outras 42 equipes, o União voltou ao profissionalismo na quinta divisão do futebol paulista. O alvirrubro de Mogi ficou no Grupo A, com seis times, terminando em quarto. Classificaram-se na chave o Parque da Mooca, o Macêdo de Guarulhos e o Clube Atlético Bragantino, que acabou com o título, derrotando na final o Clube Atlético Jalesense, de Jales. Abaixo, segue os jogos da campanha do alvirrubro em seu retorno:

- 29/07/1979 - Paulistano (Jundiaí) 1x2 União
- 05/08/1979 - União 1x1 Flamengo (Guarulhos)
- 12/08/1979 - Macêdo (Guarulhos) 1x1 União
- 19/08/1979 - Bragantino 3x0 União
- 26/08/1979 - União 1x1 Parque Da Mooca
- 02/09/1979 - União 11x0 Paulistano (Jundiaí)

- 07/09/1979 - Flamengo (Guarulhos) 1x1 União
- 09/09/1979 - União 0x0 Macêdo (Guarulhos)
- 16/09/1979 - União 1x1 Bragantino
- 22/09/1979 - Parque da Mooca 2x1 União

DESEMPENHO DO UNIÃO NO CAMPEONATO

	1º TURNO	2º TURNO	GERAL
Jogos	5	5	10
Vitórias	1	1	2
Empates	3	3	6
Derrotas	1	1	2
Gols pró	5	14	19
Gols contra	7	4	11
Saldo de Gols	-2	10	8

QUIPROQUÓ PARA LÁ DE BEIRUTE

O Bragantino era comandado por um poderoso político da região: Nabi Abi Chedid. No dia 16 de fevereiro de 1979, Nabi, um libanês que por muito tempo tinha comandado o clube de Bragança Paulista, é escolhido o novo presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), substituindo Alfredo Metidieri, ex-presidente do São Bento de Sorocaba. No ano anterior, foi eleito para mais um mandato de deputado estadual pela ARENA - a Aliança Renovadora Nacional, partido situacionista do Regime Militar - e uma de suas promessas de campanha para parlamentar foi a seguinte, publicada no jornal O Estado de São Paulo na edição de 01/04/1979: “Se eu for reeleito para a Assembleia Legislativa, vou lutar para chegar à presidência da Federação Paulista de Futebol. E, se for presidente, o Bragantino logo estará na Divisão Especial (primeira divisão) ”.

Por uma determinação do Conselho Nacional de Desportos (CND), que regulava todos os campeonatos do Brasil, promulgada em janeiro de 1980, a estrutura do futebol paulista sofre uma profunda modificação. Em vez de cinco divisões, agora seriam três, sendo que a primeira e a segunda não teriam mudança no número de participantes, enquanto a terceira englobaria as três últimas de 1979 (terceira, quarta e quinta). Ou seja, de uma tacada só, o União subiu ao terceiro nível do futebol paulista. A decisão foi confirmada em 23 de fevereiro do mesmo ano. Em uma manobra, Nabi até tentou colocar seu clube na elite,

adotando critérios puramente políticos (mínimo de habitantes de uma cidade para jogar o campeonato, capacidade máxima de um estádio aceitável etc.). Não deu certo. O jeito foi “convidar” oito clubes, entre eles os campeões da quarta e quinta divisão de 1979 para a chamada “Divisão Intermediária”, a Série B do Paulista, incluindo o Bragantino, vencedor da quinta divisão. Coisas da cartolagem do futebol brasileiro.

O regulamento da terceira divisão de 1980 dividia o estado de São Paulo em cinco grupos de acordo com a geografia, algo similar que foi adotado nos anos do Campeonato do Interior como visto anteriormente. O certame contou com a participação de assombrosas 79 agremiações, muitas delas hoje inativas ou amadoras. O União ficou no chamado “Grupo Vermelho”, coincidentemente a de sua mesma cor. Claro, não há nenhuma relação entre uma coisa e a outra. Foram ao todo 16 times, a saber: Cruzeiro F.C. (Cruzeiro), E.C. Primavera (Indaiatuba), A.A. Macêdo e A.A. Flamengo (ambos de Guarulhos), C.A. Parque da Mooca (São Paulo), Monte Negro F.C. (Osasco), C.A. Paulistano (Jundiaí), Guarani Saltense e A.A. Saltense (ambos de Salto), Ferroviário Atlético Ituano (Itu), Aparecida E.C. (Aparecida), A.A. Riopedrense (Rio das Pedras), Capivariano F.C. (Capivari), Comercial F.C. (Tietê), A.E. Laranjalense (Laranjal Paulista) e E.C. Monte

Mor (Monte Mor).

Seriam disputados jogos de ida e volta, sendo apenas o melhor de cada grupo a passar para a segunda fase, na qual formariam um outro grupo, também com jogos de ida e volta, para se conhecer o campeão. Quem acabou levando a melhor do grupo vermelho foi o Cruzeiro que ao lado de Internacional de Bebedouro, Tanabi, Barra Bonita e Lemense - o campeão - disputaram a fase final. Mais uma vez, fracassava a tentativa do União subir de elite.

Eram tempos na qual muitos jogos do interior sempre não terminavam no apito final do juiz, mas na delegacia. Adversários e árbitros sofriam ameaças de torcedores, jogadores ou dirigentes do time da casa diversas vezes. Um exemplo disso foi o que aconteceu com Tesoura, quando o União jogou contra o antigo Ferroviário Ituano (que só mudaria para o nome atual, Ituano Futebol Clube, em 1990). Bastava uma vitória para o Ituano se classificar, mas o União saiu na frente. Temendo por sua integridade, o juiz da partida, segundo Tesoura, marcou um pênalti inexistente para o adversário, que empatou o jogo. Porém, de nada adiantava para o “Galo de Itu”, até que em um determinado momento, Tesoura conta que os torcedores do Ituano começaram a jogar objetos no gramado. Ele ainda hoje guarda uma cena daquele momento: “E de repente alguém atirou - eu nunca esqueço. Meu irmão era um za-



Lance da partida entre União e Aparecida E.C., no início dos anos 1980.

globoesporte.com/Acervo José Pierucci



gueiro central, grandão, cabelo black power - uma latinha de Skol, sorte que ele tinha o cabelão. Uma lata cheia na cabeça dele. ”

Vendo toda a confusão, o juiz resolve encerrar a partida. Todavia, a situação só piorou para os jogadores do União: “ (...) saímos correndo para dentro do vestiário. Aí lá a coisa complicou. Porque a porta já não tinha mais fechadura, eles fizeram um buraco e passavam uma corrente. Nós entramos, o cara trancou por dentro e o pessoal formou aquele bando, porque o empate para eles estava ruim e a culpa era nossa. E eles pulavam em cima da porta e uns caras já com a cabeça cheia, e nós não podíamos nem sair do vestiário. ” A salvação se deu graças a um membro da delegação que fazia parte da Polícia Civil. Ele convenceu os responsáveis pela segurança da partida a tomarem uma atitude diante daquela situação.

Eis a estratégia adotada pela polícia, explicada por Tesoura: “ (...) o tenente veio com dez policiais, encostou três viaturas, aquelas baratinhas (fuscas), e o ônibus estava no fundo do estacionamento do estádio. Aí colocava três em uma baratinha, levava e deixava na porta. Foi fazendo baldeação até lá, porque tinha mais de 200 torcedores, querendo pegar a gente de qualquer jeito. E eu já estava desesperado, pensando: ‘Meu Deus do céu, como a gente vai fazer para sair daqui?’ ”.

No ano seguinte, um recorde: oitenta e uma equipes foram inscritas para disputar a terceira divisão paulista. Até hoje, é a edição de uma divisão do Campeonato Paulista com o maior número de participantes, desde a instituição da Lei do Acesso, em 1947. No dia do arbitral do campeonato, 9 de março de 1981, o presidente Nabi Abi Chedid, segundo nota publicada na Folha de São Paulo do dia seguinte, prometeu benesses para cada um dos clubes. Tudo isso em troca de votos para a eleição à presidência da FPF, realizada em março de 1982 - Nabi perdeu em uma disputa polêmica para José Maria Marin - e também para deputado estadual, em novembro do mesmo ano - conseguindo se eleger para o sexto mandato consecutivo. A reportagem diz que ele prometera para os clubes três bolas pelo preço de uma (2.100 cruzeiros, ou 28 reais em valores de hoje), isenção de taxas na primeira fase do campeonato, além da FPF ser fiadora na compra de uniformes. Os presidentes aplaudiram de pé as medidas propostas, de acordo com o texto.

Isso pode explicar em parte o inchaço que o futebol paulista sofreu, sobretudo nessa década. Exemplo, se somarmos os participantes das três divisões do campeona-

to estadual entre 1980 e 1987, a média fica em torno de 124 clubes por ano. A título de comparação, em 2017, 95 clubes ao todo participaram das quatro divisões do Campeonato Paulista. Clubes de cidades paupérrimas e com poucos habitantes ou outros que militavam só no amadorismo, conseguiram na época jogar profissionalmente, mesmo que fosse por uma vez em sua história. Os então dirigentes da Federação, facilitavam o ingresso de novos clubes em troca de apoio político.

Voltando ao campeonato, os times foram divididos em seis grupos (Amarelo, Azul, Branco, Verde, Vermelho e Preto). O grupo do União era o Vermelho, formado por: Aparecida E.C. (Aparecida), Cruzeiro F.C. (Cruzeiro), A.A. Campo Limpo (Campo Limpo Paulista), União Posse F.C. (Santo Antônio de Posse), Suzano F.C. (Suzano), Jacareí A.C. (Jacareí), Serra Negra E.C. (Serra Negra), União Esportiva Rochdale e Monte Negro F.C. (ambos de Osasco), Jabaquara A.C. (Santos), A.D. Vila das Palmeiras (Guarulhos, em 1994 mudaria para A.D. Guarulhos, nome atual), G.E. Atibaense (Atibaia) e C.A. Paulistano (Jundiaí).

Apesar de ter feito boas campanhas nos dois turnos, sendo quinto no turno e quarto no retorno, o União não passou para a fase seguinte. Classificaram-se o Cruzeiro e a Aparecida. O “Papagaio do Vale”, como é conhecido o Cruzeiro Futebol Clube, no final seria o campeão da terceira divisão paulista de 1981, somando a conquista da



Equipe do União em jogo em jogo contra o Cruzeiro F.C., em 1981. O time era treinado por Djalma Santos (primeiro em pé) e tinha Djalma Dias no time titular.

quinta divisão de 1978.

A grande novidade da equipe do União em 1981, não estava nas quatro linhas, mas se estivesse... O técnico da equipe foi o bicampeão do Mundo pelo Brasil (1958 e 1962), Djalma Santos, então com 42 anos, considerado por muitos como o melhor lateral-direito da história do

futebol mundial. No elenco, nomes como Tesoura e Djalma Dias, um dos maiores zagueiros do futebol brasileiro e pai de Djalminha, outro grande jogador a partir dos anos 1990, ajudaram em mais uma tentativa de acesso do União. Valdir Bueno, o Tesoura, conta essa experiência: “Foram anos muito bons mesmo. Inclusive eu era representante do elenco. Nas reuniões de diretoria, era eu que participava, era capitão da equipe até que depois eu perdi a posição, ele trouxe o parceiro dele, o Djalma Dias, pai do Djalminha, e ele é bem superior a mim, jogou no Flamengo, no America-RJ, no Palmeiras, no Santos e na seleção brasileira. A experiência dele, o nome dele é muito acima do meu. ”

E aí, mais uma vez, a mão da politicagem dos cartolas fez tudo mudar de novo, e um dos envolvidos foi o União. As tumultuadas eleições para presidente da FPF em 1982, abriram uma brecha para a inclusão de mais times na segunda divisão. O então candidato à reeleição, Nabi Abi Chedid, disse em entrevista coletiva à repórteres em 16 de fevereiro de 1982 que dobraria o número de clubes da segunda divisão paulista: de 28 passaria para a 56. A princípio, o CND foi contra a medida, considerando-a ilegal. Mas, no dia 19 de fevereiro, o próprio CND altera uma deliberação de dois anos atrás, aquela que limitou o número de divisões do futebol em três. Ela dizia originalmente que os campeonatos de primeira e segunda divisão deveriam ter um número máximo de participantes, proporcional à população de cada estado, já na terceira divisão esse limite não existia.

A nova deliberação dizia que também na segunda divisão não haveria um limite de inclusão de clubes, portanto, a partir daquele dia, a manobra de Nabi era válida. Com isso, vinte e oito equipes subiram de série, entre elas o União, que não tinha passado da primeira fase no ano anterior. No dia do arbitral, reunião para definir fórmula e regulamento do campeonato, em 2 de março de 1982, Nabi presidiu a sessão, coisa que não é normal, responsabilidade que ficava a cargo de um representante de clube. Em reportagem do Estadão do dia após o arbitral, cada vez que um presidente tomava a palavra para protestar contra o inchaço, era interrompido por ele, que numa atitude tipicamente autoritária, dizia que a reunião era apenas para definir a fórmula, pois o número de participantes era uma decisão dele, amparada pela resolução do CND.

Na eleição de 25 de março de 1982, Nabi perde para José Maria Marin por 187 a 131 votos. O jornalista Silvio Luiz (ele mesmo !!!), que tinha como vice Flávio Prado, teve dois votos: o do São Paulo, do presidente Antônio



José Pirucetti (esq.) ao lado de José Maria Marin, foi o incentivador da volta do União ao profissionalismo. Foto dos anos 1980.

Leme Nunes Galvão, ferrenho opositor da dupla Nabi-Marin e da Lençoense, de Chico Gordon, pois quando Silvio viajava para narrar jogos no interior, era frequentador de um alambique mantido pelo presidente do clube da cidade de Lençóis Paulista. Portanto, nada mais justo do que retribuir a fidelidade do distinto freguês. Em parte, a derrota de Nabi foi atribuída a esse aumento descarado de clubes para a segunda divisão.

## TENTATIVAS NA SEGUNDA DIVISÃO

O União Futebol Clube ficou ininterruptamente na segunda divisão do Campeonato Paulista por onze anos seguidos, entre 1982 e 1993. Um período marcado por campeonatos inflacionados e com fórmulas de disputa estapafúrdias. A seguir, um resumo das tentativas do alvirrubro de almejar a elite do futebol paulista.

O Paulistão da Segunda Divisão de 1982 foi disputado por 54 clubes, divididos em quatro grupos com quatorze times (amarelo, branco, preto e vermelho, provavelmente em referência as cores da bandeira paulista). A fórmula era, mais uma vez, complicada de se entender. Cada um desses grupos seria subdividido em outros dois, chamados



de Série. Nas séries, as sete equipes jogavam em dia e volta, classificando quatro equipes para definir em confrontos diretos também de ida e volta, o time que jogaria com o vencedor da outra série do mesmo grupo, para, aí sim, conhecer o campeão do turno.

Os campeões dos dois turnos do grupo fariam dois jogos para definir o representante da chave na última fase. Ela se juntaria as demais campeãs dos outros grupos, jogando em ida e volta. O campeão, subia direto e o vice da chave, teria que jogar contra o penúltimo da primeira divisão, chamado então de “rebolo”. A origem da gíria vem de uma música de Elza Soares, regravada, entre outros, pela dupla Elizeth Cardoso e Cyro Monteiro, em que se dizia em um trecho “você tem que rebolar, rebolar, rebolar”, ou seja, se esforçar. No caso, os times tinham que jogar mais vezes para o acesso.

No grupo preto, o União ficou na Série D, ao lado de Amparo, Bragantino, Campo Limpo, Nacional da Barra Funda, Paulista de Jundiaí e Suzano Futebol Clube. O União conquista o terceiro lugar do primeiro turno, se classificando ao lado de Bragantino, Campo Limpo e Paulista, mas fica em último lugar, sendo classificado o Bragantino que venceu o primeiro turno. No segundo turno, o União acaba em sexto lugar, não tendo mais chances de brigar pelo acesso.

A final do grupo preto foi entre o E.C. São Bernardo, campeão do segundo turno e o Bragantino, campeão do primeiro. Na ida, no sábado, 30 de outubro de 1982, empate em 0 a 0 e na volta, no sábado seguinte, em 6 de novembro, vitória do Braga por 2 a 1, ambos os jogos realizados no Parque Antarctica, em São Paulo. O Bragantino se juntou com Araçatuba, Mogi Mirim e Taquaritinga para a definição do campeão e que jogaria a elite do paulista em 1983. No final, quem levou a melhor foi o Taquaritinga, que estrearia no estadual, porém, o Bragantino, que ficou em segundo, tentou anular o acesso, alegando que a equipe vencedora não tinha estádio em condições. Em uma mobilização jamais vista na cidade da região de Ribeirão Preto, todo o povo taquaritinguense reformou o campo de acordo com as exigências e o entregou a tempo de disputar o campeonato, frustrando, mais uma vez, os planos dos alvinegros de Bragança subirem, que aliás acabou perdendo para o XV de Jaú, penúltimo da elite e permaneceu na segunda divisão em 1983.

Em 1983, o formato da segunda divisão era igual à da edição passada. O União, ao lado de doze times, fez parte do mesmo grupo preto. Acabou não conseguindo vaga para a segunda fase, na qual se classificou o Nacional da

Barra Funda, que venceu o E.C. São Bernardo no confronto de vencedores dos turnos da chave. O Nacional não conseguiu o acesso, ficando a vaga para o XV de Piracicaba. O União tentou de novo subir para a primeira divisão em 1984, indo até bem, mas não conseguiu de novo. Os 52 times foram distribuídos em oito grupos (que receberam o nome de Série) com seis ou sete times cada. Os cinco melhores passavam para a segunda etapa, na qual apenas o primeiro passava para a terceira e última fase. O União ficou na Série A, junto com E.C. São Bernardo, Associação Esportiva de Guaratinguetá, Cruzeiro F.C., Aparecida E.C. e o Saad E.C., de São Caetano do Sul, beliscando uma das vagas, ao ficar em quinto, porém na segunda etapa, entre os cinco times da sua chave, ficou em último.

O União insistia no sonho de subir para o campeonato da primeira divisão. A edição de 1985 tinha os mesmos 52 participantes do ano anterior, que foram divididos em quatro grupos (verde, branco, amarelo e preto), em pontos corridos, em jogos de ida e volta. Os quatro melhores de cada um se classificavam. No grupo verde, dos treze times que o compunham, o União, que tinha como destaque o ex-jogador do Palmeiras dos anos 1970, Mirandinha, terminou em décimo primeiro, passando bem longe da classificação. Mais um ano veio, mais uma tentativa de subir, mais uma vez sem sucesso. Com praticamente o mesmo regulamento de 1985, o alvirrubro ficou na mesma chave verde na segunda divisão de 1986. Agora, em vez de quatro, oito times passariam para a segunda fase. O União, entre 14 equipes, quase se classifica, ficando na décima posição, frustrando mais uma vez as expectativas do torcedor mogiano.

Dentre os anos de estágio do União na segunda divisão do Campeonato Paulista, o ano em que teve melhor desempenho foi o de 1987. No grupo A, estavam também o Aparecida E.C., C.A. Bragantino, Cruzeiro F.C., Ginásio Pinhalense de Esportes Atlético (Espírito Santo do Pinhal), C.A. Guaçuano (Mogi-Guaçu), São José E.C. e E.C. Taubaté. O Amparo A.C. também fazia parte, mas acabou desistindo. A campanha começa otimista para o União, com três vitórias seguidas, incluindo um 2 a 0 no Bragantino, em Mogi. Contudo, desacelera no restante do primeiro turno. No segundo, conquista importantes triunfos, entre eles, derrotar o Bragantino novamente por 2 a 0, mas em Bragança no antigo Estádio Marcelo Stéfani (que hoje se chama Nabi Abi Chedid, homenagem ao eterno patrono, falecido em 2006). As sete vitórias, três empates e quatro derrotas foram suficientes para alcançar o terceiro lugar do grupo, se juntando com o São José, o Taubaté e o

Cruzeiro para a próxima fase.

Na segunda fase da chamada Divisão Especial de 1987, os times foram divididos em 4 grupos com sete equipes cada, passando os dois melhores para a fase final. No grupo A, estavam com o União, o São José, do mesmo grupo da fase anterior, o Ferroviário Atlético Ituano, a Esportiva de Guaratinguetá, o E.C. São Bernardo, o Saad de São Caetano do Sul e o União São João de Araras. O União inicia com uma boa sequência de cinco jogos sem perder, só sendo derrotado pelo Ferroviário Ituano, fora de casa por 2 a 0. No jogo seguinte, em 20 de setembro de 1987 na Rua Casarejos, goleia por 4 a 1 o União São João, que futuramente seria o campeão daquele ano. Entretanto, a boa campanha no turno, não foi a mesma no retorno, não conseguindo vencer nenhuma partida. Ao final, o União fica em quinto, com oito pontos somados. E o objetivo de chegar a elite se esvai mais uma vez.

A persistência do União continuava e 1988, era a sexta chance seguida na segunda divisão. Com 31 times em quatro grupos, a fórmula previa que na primeira fase os times de um grupo jogariam com o do outro, por exemplo, os da chave A jogariam apenas com os da chave B. Já na segunda fase, os times da mesma chave se enfrentariam. Nas duas fases, os jogos seriam em turno e retorno e os dois melhores, somando os turnos, passavam.

No grupo A daquele ano estavam o União, o Taubaté, o E.C. São Bernardo, a Esportiva de Guaratinguetá, o Saad de São Caetano, e o Nacional da Barra Funda. A Portuguesa de Santos, que estaria também no grupo, se licenciou e desistiu de participar. No B estavam Bragantino, Ferroviário Ituano, Palmeiras F.C. de São João da Boa Vista, Paulista de Jundiaí, Radium de Mococa e Rio Branco de Americana.

O União fez uma campanha irregular e acabou ficando na quarta posição do grupo A, cujo os classificados foram o E.C. São Bernardo e o Taubaté. No B também passaram o Bragantino e Paulista. Finalmente, depois de muito tentar, dentro e fora de campo, o Bragantino volta à primeira divisão do Paulista de 1989 após 23 anos. O Braga conquistaria o título estadual em 1990, sendo o segundo time do interior a vencer o Campeonato Paulista (a primeira equipe a conseguir tal proeza foi a Inter de Limeira, em 1986. Além disso, o Ituano conquistou duas vezes em 2002 e 2014).

Encerrando os anos 80, a segunda divisão de 1989, que ainda se chamava Divisão Especial, foi disputada por 27 equipes, muito enxuto se comparado com as edições do início da década. O regulamento era parecido com

o de 1988, porém, com uma leve diferença na estrutura dos grupos. Em vez de ser quatro grupos, haveriam dois, mas que seriam subdivididos em dois, na prática existindo quatro chaves como na edição passada. Essa divisão foi realizada para que acontecesse o mesmo sistema de cruzamento do campeonato de 1988. Na primeira fase, times de um grupo enfrentavam os do outro em ida e volta. Na segunda, os jogos aconteciam entre times do mesmo grupo.

No grupo A estavam o União, o Capivariano, O Jacaré, o Nacional da Barra Funda, o Rio Branco, o E.C. São Bernardo e o Taubaté. Enquanto o B estava formado por Ferroviário Ituano (que viria a ser o campeão), Independente de Limeira, Lemense, Palmeiras F.C. de São João da Boa Vista, Paulista de Jundiaí e Ponte Preta. Em 24 jogos, o União venceu sete partidas, empatou oito e perdeu nove, ficando em quarto somando 22 pontos. No grupo, se classificaram o Rio Branco de Americana e o Nacional da Barra Funda, respectivamente, primeiro e segundo do grupo A.

No entanto, o ano seria marcado pela estreia de um jogador bom para os padrões de uma segunda divisão, mas que deixaria um fruto, filho de Mogi, que anos mais tarde desfilaria sua maestria pelos campos mundo afora, sendo destaque do futebol mundial, até o encerramento desta obra. Neymar da Silva Santos nunca foi grande conhecido do mundo da bola. Sua carreira em times profissionais, se resume a times pequenos e desconhecidos de grande parte dos torcedores. Valdir, o Tesoura, resume como foi a passagem de Neymar pelo alvirrubro: “Ele era um meia-atacante, não era um craque. Dava para jogar em clube de segunda divisão.”, garante.

Os anos oitenta iam chegando ao seu findar. Até quase a primeira metade da década posterior, a luta dos alvirrubros continuava, porém, ela seria entremeadada pelo início do longo período de decadência que, infelizmente, se abate sobre o clube mogicruzense até hoje.

## OS ANOS 90 E O COMEÇO DA DERROCADA

Pela campanha mediana do ano anterior, mais uma chance tinha o União de subir à Primeira Divisão do futebol de São Paulo. O campeonato da segunda divisão de 1990, que mais uma vez se chamaria de Divisão Especial, foi jogado por 27 equipes, que na primeira fase foram divididos em quatro grupos. O União, ao lado de Capivariano, Central Brasileira de Cotia, Nacional da Barra Funda, Saad de São Caetano e do Taubaté. O União terminou em quarto lugar, parando na primeira etapa.

Pelo nono ano seguido, o União disputou o campeonato da segunda divisão. Na edição de 1991, ao lado de outros seis clubes, o alvirrubro de Mogi que estava no grupo A, fez uma campanha pífia, terminando em último lugar, com apenas três vitórias em 26 jogos. Um desempenho similar à do ano seguinte, quando também em uma chave com outras seis agremiações termina em penúltimo, quando em 24 jogos soma seis trunfos. O ano de 1992 seria importante muito tempo depois. No dia 5 de fevereiro, nascia na Santa Casa da cidade, um garoto chamado Neymar da Silva Santos Junior, filho de Neymar, um dos destaques do União e que anos depois, destoaria nos campos mundo afora, jogando no Santos, no Barcelona da Espanha e, atualmente, no Paris Saint-Germain da França.

A situação melhora muito em 1993. Na primeira fase, termina em segundo de sua chave com 31 pontos, à frente apenas do Central Brasileira de Cotia, que fez 34. Ao lado de três camisas tradicionais do interior (Comercial de Ribeirão Preto, Radium de Mococa e São Bento de Sorocaba), termina em último lugar no grupo D da segunda fase. Apesar da boa campanha, outra vez a interferência dos dirigentes fez o União ser rebaixado para a terceira divisão.

O ano de 1993 foi a última oportunidade do União de tentar subir à elite do futebol paulista até hoje.

## BAGUNÇA PAULISTA FUTEBOL CLUBE

Para explicar o motivo que levou o União a descer um nível no futebol paulista, precisamos voltar um pouco no tempo. No dia 4 de janeiro de 1988, Eduardo José Farah é empossado como novo presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), antes assumido por José Maria Marin, que estava desde 1982 no cargo. Campineiro, foi ex-presidente do Guarani Futebol Clube no ano de 1967. Sairia apenas no ano de 2003, passando o bastão para Marco Polo Del Nero, atual presidente da Confederação Brasileira de Futebol, a CBF.

Entre os anos de 1978 e 1988, as edições da elite do Campeonato Paulista contavam com 20 clubes. A ideia de Farah era reduzir o número de participantes do torneio para 16, tanto na primeira quanto na segunda divisão. Caso adotasse um formato que prejudicasse os clubes, sobretudo os do interior, como o descenso de vários clubes

de uma vez só, certamente ganharia antipatia dos mesmos, o que lhe prejudicaria em uma eventual reeleição.

A solução encontrada para se chegar a esse objetivo, não foi reduzir, mas inchar o campeonato aos poucos, para depois dividi-lo. No Campeonato Paulista de 1988, vencido pelo Corinthians, não houve rebaixamento, apenas a promoção de mais dois clubes (Bragantino e Grêmio Catanduvense), subindo para 22 o número de participantes em 1989, que adotou a mesma tática: nenhum clube caiu, dois subiram e a edição do Paulistão de 1990 contou com 24 equipes. A edição vencida pelo Bragantino, ficaria marcada por uma grande polêmica, que dura até hoje, culpa de uma fórmula confusa, “genialmente” criada pelos cartolas paulistas. A ideia é explicar essa bizarrice regulamentar da maneira mais sucinta e menos cansativa possível.

Em um caso totalmente incomum, o regulamento de 1990 englobava também o formato do ano seguinte. As 24 associações esportivas seriam divididas em dois grupos de 12: o Grupo 1, com as 12 melhores do campeonato de 1989 e o Grupo 2 com os dez piores de 1989 mais os dois que subiram da segunda divisão (Ituano e Ponte Preta).

O campeonato teria quatro fases. Na primeira, os times de um grupo enfrentariam os do outro e na segunda haveria o confronto direto entre times da mesma chave. Classificavam para a terceira fase os sete melhores do Grupo 1 e os cinco melhores do Grupo 2, totalizando 12 equipes. Os demais 12 eliminados da primeira e segunda fases, jogariam uma repescagem, com dois grupos de seis times, em que apenas o primeiro de cada um se juntaria aos outros 12 já classificados para a terceira fase.

Qual a grande polêmica que envolve a fórmula estranha e que dura até hoje, pergunta o caro leitor. O regulamento de 1990 dizia explicitamente que não haveria o rebaixamento de nenhum clube da primeira para a segunda divisão em 1991, assim como nos últimos anos, mas que

os dez piores da repescagem além de quatro que subiriam da segunda divisão de 1990 (Olimpia F.C. - o campeão -, Grêmio Sãocarlense, Marília e Rio Branco) formariam um segundo grupo no campeonato de 1991, um “grupo B”. Acontece que um dos times inclusos nesse “grupo B” era nada mais que o São Paulo Futebol Clube, que fez uma campanha horrorosa, não se classificando para a terceira fase nem pela repescagem. Os dirigentes da federação jamais poderiam imaginar essa situação, mas o tricolor do Morumbi, ao contrário do que a maioria dos torcedores rivais acredita, não foi rebaixado. Apenas iria jogar no grupo dos “fracos”.

Na teoria, isso significava que o Campeonato Paulista de 1991, seria formado por dois grandes grupos - embrião da ideia de Farah de enxugar e dividir o campeonato como explicado antes - um com os melhores de 1990 e outro com os piores mais os que ascenderam da segunda divisão. Coincidência ou não, o São Paulo acabaria sendo o vencedor da edição de 1991, jogando boa parte da campanha contra times pequenos. Essa confusão toda fez aumentar o número de clubes de 24 para 28 em 1991, número mantido em 1992.

Em 1993, a elite do Campeonato Paulista chegou a incrível marca de 30 equipes, se tornando a edição com mais clubes desde sua instituição em 1902, feito até hoje inalcançável e dificilmente superável. A edição, vencida de maneira histórica pelo Palmeiras depois de 16 anos sem conquistar nenhum título, seja nacional ou estadual, teria novamente dois grupos: o Grupo A, com os grandes, com 16 equipes e o B, dos mais fracos, com 14. Passariam para disputar o título os seis melhores do A e os dois do B, totalizando oito clubes.

Os quatro piores do A e os dez piores do B, formariam a segunda divisão, ou a Série A2 de 1994, juntando também o campeão e vice da segunda divisão de 1993 (na qual estava o União Mogi) formando 16 times. Ou seja, a Paraguruense, a campeã, e o Comercial de Ribeirão Preto, o vice da Divisão Intermédia de 1993 (nome da segunda divisão), tinham o direito de ir para a elite, mas ficaram na mesma divisão.

Os demais, entre eles o União, foram redistribuídos nas outras séries criadas pela federação. O União acabou ficando na terceira em 1994, agora chamada de A3, ao lado de 17 equipes, enquanto outras foram para a quarta e quinta divisão, chamadas de B1 e B2, que retornavam depois de quase vinte anos de ausência.

Tamanha celeuma poderia ter se resolvido de maneiras bem mais simples, e que não prejudicassem tantos clubes,

Divulgação



Ginásio Francisco Averaldo em seus últimos anos, também seria demolido no ano de 1999.

Acervo Glauco Ricciole



Vista Aérea da antiga sede do União na confluência das ruas Casarejos e Dr. Deodato Wertheimer.



mas, como é típico da classe política brasileira desde os tempos da Colônia, a interferência politiqureira atrapalhou o que deveria ser fácil. Algo que aflige nossos cartolas até os dias de hoje, cujo o poder, sobretudo das federações estaduais, se sobressai ao interesse e à vontade das equipes e dos torcedores, os dois verdadeiros atores que fazem o espetáculo funcionar verdadeiramente.

## O INÍCIO DA QUEDA...

O ano de 1994 ficaria marcada pela quebra de jejuns. Após conquistar pela terceira vez a Copa do Mundo no México em 1970, a seleção brasileira só voltaria a ganha-la após um hiato de 24 anos, na Copa disputada nos Estados Unidos e depois de 13 anos, o União voltava a disputar a terceira divisão do Campeonato Paulista. E começava relativamente bem. A agora chamada Série A3, nome que se mantém até hoje, em sua edição de 1994 contava com 18 times. Após anos de regulamentos confusos e patéticos, o daquele ano era muito simples. O campeonato era de pontos corridos, em ida e volta, na qual os três melhores iam para a segunda divisão. O União fez uma boa campanha ficando em sétimo lugar, com onze vitórias em 33 jogos, marcando e tomando exatamente 31 gols, ficando com um incrível saldo de zero.

No ano seguinte, a melhor campanha no retorno à terceira. O União, com o mesmo regulamento do ano anterior, bate na trave e por muito pouco não volta para a segunda. Em 28 jogos, o União vence doze, empata sete e perde nove. Com 43 pontos, fica em quarto lugar, a três do Bandeirante de Birigui, que ao lado de Paulista de Jundiá e o campeão Noroeste de Bauru, vão para a A2 em 1996. Foi a última vez que o União chegou perto de subir para a segunda divisão paulista. No banco, o time esteve sob o comando do técnico Waldir Peres, ex-goleiro do São Paulo e titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982, na Espanha.

Mas, além dessa quase subida, o União receberia um presente: no dia 31 de maio de 1995, era inaugurado na Vila Industrial o estádio Francisco Ribeiro Nogueira, o Nogueirão, homenagem ao ex-prefeito, falecido em 26 de maio de 1994 durante o exercício do mandato. Antes, o estádio pertencia a antiga Mineração Geral do Brasil (MGB), grande conglomerado industrial que atuou na cidade entre os anos 1940 e 1960. Depois de entrar em decadência, a MGB foi estatizada, se transformando em Cosim (Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes), que arrendou o estádio, trocando o nome para Nami Jafet. Após a falência

da Cosim, o campo ficou sob responsabilidade da prefeitura, que o revitalizou, mudando novamente para o nome atual.

O jogo inaugural foi um amistoso entre o União e o Santos Futebol Clube. Coincidentemente, Neymar da Silva Santos estava na partida defendendo o União, contra o time em que o seu filho, Neymar da Silva Santos Júnior, iniciaria a carreira quatorze anos depois. Do outro lado, a grande equipe do Santos de Jamelli, Camanducaia e Edinho, o goleiro filho de Pelé, que seria vice-campeão depois de um polêmico jogo perdido para o Botafogo.

O União foi formado por: Haroldo; Alberto, Ricardo, Renato e Márcio; Binha, Gilson (Da Silva), Jocimar e Neymar; Servílio e Sandro. Do outro lado, o Santos vinha com: Edinho (Robson); Silva (Ronaldo), Maurício Cupertino (Camilo), Marcelo Fernandes e Marcos Paulo; Alexandre Gallo, Cerezo, Carlinhos e Jamelli (Rogério); Camanducaia (Marquinhos) e Demétrius. O técnico era Joãozinho. A partida terminou em um a um, com gols de Jamelli (Santos) e Da Silva (União).

No mesmo ano de 1995, outro evento histórico. Pela primeira e única vez na história, Mogi das Cruzes recebeu um jogo do Campeonato Brasileiro. A partida em questão era entre o Corinthians e o Juventude de Caxias do Sul (RS) do técnico Êmerson Leão. A vitória seria importante para o Timão, pois até aquele momento estava nas últimas posições do campeonato. Mas no final, quem levou a melhor foi o Juventude: 1 a 0. Abaixo, a ficha do jogo:

## CORINTHIANS O X I JUVENTUDE

Corinthians - Ronaldo; Marcelinho Paulista (Fabinho Fontes), Pinga (Júlio César), Henrique e André Santos; Zé Elias, Ezequiel (Souza), Tupãzinho e Elivélton; Serginho e Marques. Técnico: Eduardo Amorim

Juventude - Márcio; Odair (Paulo Sérgio), Sandro, Andrei e Paulo Roberto (Baggio); Galeano, Lauro (Grizzo), Flávio e Jean Carlo; Mauricinho e Adailton. Técnico: Êmerson Leão.

Gol: Andrei (21' do primeiro tempo) Público e renda: 8.528 pagantes (R\$ 94.059,00)

Voltando ao União, em 1996 faz mais uma campanha mediana na terceira divisão. Ficou em sétimo no primeiro turno e em nono no segundo, alcançando a oitava posição na classificação geral. A campanha de 1997 chega a ser melhor. Os 16 clubes do campeonato foram divididos em dois grupos. O do União era o Grupo 1 junto com Atlético Sorocaba, Mauaense, Nacional da Barra Funda, São

Bento, A.D. São Caetano, Taubaté e União Barbarense. Passavam dois de cada grupo e o União quase consegue, ficando em terceiro na chave, só perdendo a vaga para o União Barbarense e o São Caetano.

Em 1998, com o mesmo regulamento e praticamente os mesmos participantes, fica em quinto lugar do grupo 1, não passando de fase. Para fechar a década, a perda do estádio da Casarejos coincide com o início da decadência da equipe. No ano anterior, a equipe muda de nome para União Mogi das Cruzes Futebol Clube, o que causa mudanças também no escudo. Mesmo assim, a mudança não trouxe grandes transformações. Na Série A3 de 1999, estava no Grupo 1 junto de times tradicionalíssimos como Ferroviária de Araraquara, Taubaté, São Bento de Sorocaba e do XV de Jaú. Consegue fazer boa campanha, sendo líder da chave com 39 pontos em 22 jogos com 11 vitórias, 6 empates e 5 derrotas. Passa para a segunda fase caindo em um grupo com Rio Preto, Bandeirante e Taubaté, mas acaba na lanterna sem vencer uma partida.

## ANOS 2000: O FUNDO DO POÇO

Começando a década mais triste de sua história, o União ainda disputa o campeonato da terceira divisão de São Paulo no ano 2000. Faz mais uma campanha irregular, ficando em décimo lugar. Porém, chama a atenção o artilheiro do time no campeonato: Paulo Marcel Pereira Merabet, mais conhecido pelo apelido Roma, que marcou seis gols. Ele veio de empréstimo do Flamengo (RJ), que tinha uma parceria com o União e voltou logo após o campeonato para a Gávea, sendo um dos protagonistas do rubro-negro na conquista do título estadual do Rio de Janeiro em 2001.

O primeiro ano do século XXI para o União foi mais um em que o time nadou e morreu na praia. Pelo sétimo ano consecutivo na terceira divisão paulista, fica na nona posição, no meio da tabela, fracassando em mais uma tentativa. Mas, infelizmente, o pior estava por vir. O ano de 2002, em que a seleção brasileira conquista seu quinto título da Copa do Mundo da Coreia do Sul/Japão, talvez seja considerado um dos piores da história do time.

Ainda na Série A3, dentre 16 times, a equipe fica em último lugar em uma campanha vexatória. Foram 14 pontos em 30 jogos com apenas duas vitórias, oito empates e vinte derrotas. Marcou ao todo vinte e sete gols e sofreu inacreditáveis setenta e oito, com um saldo em -51. Isso fez com que o União fosse rebaixado para a quarta divisão do futebol paulista, na qual disputaria pela primeira vez

em sua história.

Em sua estreia no quarto nível do futebol paulista em 2003, o alvirrubro ficou no Grupo 2 junto com Capivariano, ECUS de Suzano, A.D. Guarulhos, Mauaense, Palestra São Bernardo, Primavera de Indaiatuba e o XV de Caraguatatuba, terminando em sexto do grupo e ficando mais um ano na Série B1 do Campeonato Paulista. Em 2004 mais uma campanha irregular, com a sétima colocação entre oito times do Grupo 2. No ano seguinte, agora com o campeonato sob a nomenclatura de Série B, que dura até hoje, o mesmo sétimo lugar, só a frente do seu novo rival, o Mogi das Cruzes Futebol Ltda., que depois mudaria para Atlético Mogi, porém com a vantagem de ter uma vitória a mais. Os dois somaram seis pontos.

Apesar da forte queda que sofreu ao longo dos anos, perdendo patrimônios e sendo rebaixado de divisão, uma parceria prometia ajudar a reconstruir a equipe. A torcida duvidou, mas todos mal sabiam que no meio do caos todo, o União teria um pouco de alegria e um momento de orgulho em sua história.



Facebook União Mogi

Equipe do União no início dos anos 1990. Neymar Silva Santos, pai de Neymar Junior, é o primeiro agachado da esquerda para a direita.

## EM MEIO AO CAOS, A GLÓRIA MAIOR

Mais um ano chega na vida do União e nenhum sinal de melhora no time. A equipe havia acumulado nos últimos anos, uma sequência de derrotas e insucessos que muitos faziam crer que o fim estava próximo e que mais uma má campanha soaria como algo banal. Perda de patrimônio, fim de parceria, rebaixamentos, não havia uma luz no fim do túnel. Como é normal nos novos tempos do futebol, clubes pequenos dão um salto no escuro, arriscando as sobras de tudo o que ganham, confiando a terceiros a gestão do departamento do futebol. Delegando a essas empresas, boa parte delas com antecedentes pouco seguro ou obscu-



ros, funções como montagem de elenco e contratação de novos atletas e de membros da comissão técnica.

Essa era a única alternativa que restava ao União naquele ano de 2006. A sobrevivência da equipe dependia de uma parceria com a DARM, empresa de São Paulo. Osmar Ferreira, presidente do clube em 2017 diz que a empresa tinha bons planos para a equipe: “(...) quando a DARM chegou, veio com uma proposta sensacional de tocar o futebol, fazer o futebol e fazer o União crescer”. Capitaneada por Domingos de Brito e por Venilton Montini, ex-jogador do clube nos anos 1990, a empresa ficaria responsável por montar o elenco para mais uma disputa da quarta divisão, a chamada “Bezinha”.

O Campeonato Paulista da Segunda Divisão de 2006, equivalente a quarta divisão, foi disputado por 44 equipes e foi disputado entre 7 de abril e 19 de novembro de 2006. A primeira fase consistia em seis grupos, variando entre sete ou oito times. Os dois melhores de cada um, mais os quatro melhores terceiros, independente do grupo, passaram para a segunda fase. Lá, as 16 equipes classificadas se dividiam em quatro chaves com quatro times, passando os dois melhores para a terceira e decisiva fase. Os oito que restavam, ficavam em dois grupos de quatro, sendo que os dois melhores subiam para a A3, a terceira divisão, do ano de 2007 enquanto os primeiros fariam a final em jogo único, com a vantagem para o time de melhor campanha.

O União na primeira fase, ficou no Grupo 6 na qual tinha também A.D. Guarulhos, C.A. Joseense (São José dos Campos), E.C. União Suzano (conhecido como ECUS), Jacaré A.C., Mogi das Cruzes Futebol Ltda. (atual Atlético Mogi) e União Suzano Atlético Clube (conhecido pela sigla USAC).

A estreia foi no dia 9 de abril de 2006, contra o ECUS em Suzano, empate por 0 a 0. Na rodada seguinte, outro empate, dessa vez contra o Jacaré, em casa, por 1 a 1.



José Maria Marin e Nabi Abi Chedid, de ex-rivais, a aliados.

Depois de folgar na terceira rodada, a primeira vitória: 2 a 0 em cima do A.D. Guarulhos, em Guarulhos. No dia 7 de maio, um domingo, clássico da cidade contra o recém-fundado Mogi das Cruzes. Mais uma vitória por um a zero. Duas vitórias seguidas fecharam o turno da primeira fase: 3 a 0 contra o Joseense (casa) e 3 a 1 contra o União Suzano (fora).

No retorno, estreia com vitória: 1 a 0 sobre o ECUS, no dia 4 de junho, em Mogi. Em seguida, duas goleadas massacrantes: 5 a 0 contra o Jacaré, em Jacaré e, em casa, 6 a 0 diante do Guarulhos. No segundo clássico contra o Mogi das Cruzes, 0 a 0, e, para coroar a fantástica campanha, mais duas vitórias: 2 a 0 contra a Joseense, em São José e um impiedoso 10 a 0 no União Suzano, fechando a primeira fase.

O alvirrubro se classificou com sobras, sendo líder da chave com trinta pontos, marcando 34 gols e sofrendo apenas dois. Ao lado do ECUS e do caçula Mogi das Cruzes, o União subia mais um degrau rumo à A3. Na segunda fase, o União ficou em uma chave com o Força Esporte Clube de Caieiras (time criado pela Força Sindical), a Sociedade Esportiva Itapireense de Itapira e o Mogi das Cruzes, único integrante do seu grupo na primeira fase. Em seis jogos, duas vitórias e quatro empates, suficientes para passar de fase. O União ficou em segundo, só atrás do Força em número de vitórias (três contra dois).

A medida que avançava de fase, o grupo treinado por Toninho Moura, que estava completamente desacreditado, ganhou mais apoio da torcida local. E a terceira e decisiva fase, reservaria em sua chave adversários altamente favoritos para a conquista do acesso. Além do União, estavam o Campinas Futebol Clube (time criado pelo ex-jogador Antônio Oliveira Filho, o Careca), o Clube Atlético Lemense de Leme e o Clube Atlético Linense, camisa tradicionalíssima do interior, que chegou a disputar a elite paulista entre os anos de 1953 e 1957 (voltaria em 2011, ficando ininterruptamente até a última edição).

A primeira partida da fase decisiva foi contra o Campinas no dia 24 de setembro, em Mogi, vencendo por 2 a 1. No jogo seguinte o primeiro e único tropeço em todo o campeonato: derrota para a Linense por um a zero, em 8 de outubro no estádio Gilberto Siqueira Lopes, em Lins. Contudo, isso não desanimou os alvirrubros, que venceram as duas partidas seguidas contra o Lemense: 2 a 1 em casa e 3 a 1 em Leme. O adversário seguinte seria o concorrente direto pelo acesso: a Linense.

Domingo, dia 5 de novembro de 2006. O “Elefante da Noroeste” vinha de uma campanha parecida com a do

União: até aquele jogo, eram três vitórias e uma derrota para cada. Quem vencesse a partida no Estádio Francisco Ribeiro Nogueira, na Vila Industrial, garantiria o acesso para a terceira divisão de 2007. No final, o União levou a melhor. Placar final, União de Mogi dois, Linense um. Após três anos no calvário, o União saía da quarta divisão e a esperança de tempos melhores voltava a animar a torcida alvirrubra. “Depois da vitória que nos deu a vaga para a A3, sentimos realmente que a equipe iria chegar ao título.”, relembra o volante Mendes em entrevista ao globoesporte.com em 2013.

Faltava mais um jogo a cumprir na terceira fase: vitória sobre o Campinas por um a zero, fora de casa. O primeiro lugar, além de garantir a equipe na terceira divisão, dava direito de disputar a final contra o Grêmio Catanduvense de Futebol, sucessor do velho Grêmio Esportivo Catanduvense. A final seria em casa, pois o União tinha a vantagem de ter feito a melhor campanha da terceira fase.

O dia 19 de novembro de 2006 certamente ficará inesquecível para todos os torcedores presentes no estádio da Vila Industrial. Pela primeira vez, em 93 anos de vida do clube e de 100 anos do nascimento do futebol em Mogi das Cruzes, a cidade poderia conquistar o primeiro troféu da era do futebol profissional. Era um domingo, o tempo estava nublado. A torcida lotava o Nogueirão, bastando um empate para o União levantar o caneco.

O juiz autoriza. A bola rola. Noventa minutos bastam para Mogi das Cruzes celebrar um feito inédito no futebol, que amenizaria décadas seguidas de fracassos, derrotas e tentativas frustradas. A partida segue tensa. Os dois clubes criam chances, com uma vantagem pouco maior do União. Fim de primeiro tempo. Zero a zero. Isso já bastava, mas se dependesse do adversário, cuja mascote é uma bruxa, uma praga seria rogada em Mogi e a taça iria voando para Catanduva.

Segundo tempo. O jogo parece morno, caminhando para um empate sem gols, o que daria um pouco menos de gosto ao título do União. Mas, assim como o destino reservou a glória para Alfredão ser o autor do primeiro gol da história do time, quis ele, traidor como sempre, que alguém, semelhante a Alfredão, ficasse marcado na história do clube por apenas um mísero gol, um gol redentor.

A partida caminhava para os 15 minutos da etapa final. Restavam o dobro para começar a festa. Em uma jogada que começou em seu domínio, Souza vai pela esquerda e anda pouco até ver Thiaguinho livre. Souza toca para ele, que ajeita e rapidamente toca para Walnei, que vinha de trás. Walnei fica pouco tempo com a bola, entregando

para Denílson. Percebendo que Thiaguinho estava indo para área, cruza rasteiro. E Thiaguinho, correndo entre dois zagueiros, recebe a bola e, de frente para o crime, como diria um antigo locutor de rádio, chuta com toda sua força. A bola ia mansamente para o gol, mas um beque, em uma vã tentativa, chuta fraco, tirando em cima da linha. Ela volta para os pés de Thiaguinho, esperando que ele escrevesse o capítulo final da página mais gloriosa do União. Ele calmamente empurra a bola para as redes. E não havia quem impedisse o tento e a festa. União um a zero. “Antes de sair do hotel eu até brinquei, disse que o estádio estaria lotado e o gol deveria ser meu.”, confessaria o profeta-artilheiro sete anos depois.

Até o final, o jogo foi chato como uma tarde nublada de domingo. Pouco importava. A festa já estava armada. Com o apito final do juiz, ela se extravasou. Todos aqueles que ajudaram o União a chegar aquele momento de glória, foram partícipes desse título, querendo ou não. Uma verdadeira união de pessoas das variadas classes, cores e estilos de vida foram convidadas para aquele baile, típico ao de um carnaval no ginásio da antiga Casarejos. “Realmente foi uma coisa muito bonita, foi apaixonante”, relembra com saudade o presidente Osmar Novais Ferreira.

Gleidson, Carlão, Sílvia Bido, Mendes, Walnei, Danilo, Denílson, Souza, Thiaguinho, Tuti, e Dedé, além de Marcos, Michel, Leandro, Duca, Jocemar, Victor Hugo, Douglas, Carlos Amorin, Alex, Felipinho, Niel, Reginaldo e Juliano Gabriel. Todos eles, sob a batuta de Toninho Moura, podem não ser conhecidos do grande público, mas para os unionistas, eles ficarão eternizados na memória como autores coletivos, assim como foi construído o gol do título, da mais bela página do União. Um verdadeiro conto de



Jogadores, ao lado de José Maria Marin, ex-jogador do clube, comemoram a conquista inédita para o futebol da cidade.



fadas se avizinhasse no horizonte alvirrubro.

Aliás, todos foram unânimes em afirmar que esse foi o principal segredo do êxito da quarta divisão: união. A sintonia do grupo, com pessoas de personalidades distintas, foi fundamental para que o time, que começou absolutamente desacreditado, pudesse dar liga e engrenar ao longo do campeonato. Somado também a parceria que prometia mudar a realidade do clube às vésperas do seu centenário, era o cenário perfeito para o clube alçar voos mais altos. Contudo, como tudo na vida, o que é bom, dura pouco. Ainda mais em um universo movido a puros interesses como o futebol.

CAMPANHA DO UNIÃO F.C. NA QUARTA DIVISÃO DE 2006

Primeira Fase

09/04/2006 - ECUS 0x0 União

16/04/2006 - União 1x1 Jacareí

30/04/2006 - Guarulhos 0x2 União

07/05/2006 - União 1x0 Mogi das Cruzes

21/05/2006 - União 3x0 Joseense

27/05/2006 - União Suzano 1x3 União

04/06/2006 - União 1x0 ECUS

11/06/2006 - Jacareí 0x5 União

02/07/2006 - União 6x0 Guarulhos

15/07/2006 - Mogi das Cruzes 0x0 União

22/07/2006 - Joseense 0x2 União

30/07/2006 - União 10x0 União Suzano

Segunda Fase

05/08/2006 - Mogi das Cruzes 1x4 União

20/08/2006 - União 1x1 Força

27/08/2006 - Itapireense 0x2 União

03/09/2006 - União 0X0 Itapireense

09/09/2006 - Força 1x1 União

17/09/2006 - União 0X0 Mogi das Cruzes

Terceira Fase

24/09/2006 - União 2x1 Campinas

08/10/2006 - Linense 1x0 União

15/10/2006 - União 2x1 Lemense

22/10/2006 - Lemense 1x3 União

05/11/2006 - União 2x1 Linense

12/11/2006 - Campinas 0x1 União

Final

19/11/2006 - União 1x0 Gr. Catanduvense

DESEMPENHO DO UNIÃO NO CAMPEONATO

	1ª FASE	2ª FASE
Jogos	12	6

Vitórias	9	2
Empates	3	4
Derrotas	-	-
Gols pró	34	8
Gols contra	2	3
Saldo de Gols	32	5

3ª FASE	FINAL	GERAL
6	1	25
5	1	17
-	-	7
1	-	1
10	1	52
5	-	10
5	1	42

ASCENSÃO PARA A A3 E QUEDA PARA O FUNDO DO POÇO

Diz o ditado: quanto mais alto o voo, maior o tombo. O fim melancólico da parceria entre DARM e União, fez o clube voltar a triste sina, similar aos versos de uma das obras-primas de Vinícius e Tom: “Tristeza não tem fim/ Felicidade sim”. A volta à terceira divisão, em vez de trazer mais momentos de festa como os de 19 de novembro de 2006, na realidade jogou o clube em uma crise sem fim, ofuscando um pouco a grande conquista.

A causa do desmanche: interesses políticos. Quem afirma de forma taxativa é o presidente Osmar Novais Ferreira, que acompanhou tudo de perto à época. “Teve um diretor que pegou um dos sócios da DARM e falou assim: ‘vamos ver os boxes que nós temos lá (na Rua Casarejos) e eu vendo esses boxes para você’. Poxa, se você é meu parceiro, você está investindo no clube para levantar e fazer o clube subir e vem um diretor e te oferece uma propina, você perdeu a credibilidade. Foi o que aconteceu. A DARM falou: ‘não fico mais aqui, porque a coisa aqui não é séria’”. E afirma que se não fosse essa situação, o futuro do clube seria outro: “O Montini (Venilton Montini, gerente de futebol) estava fazendo um trabalho sensacional. Eu estava acompanhando junto porque eu e o Montini jogamos bola junto no União. E ele me revelou isso, fiquei muito triste.”, acrescenta.

Em um especial do site globoesporte.com sobre o centenário do União, em 2013, todos - ex-jogadores, comissão técnica e os sócios da empresa - foram unânimes em apontar como culpados os membros da diretoria da equipe, assim como fez Osmar Novais. Toninho Moura,

técnico campeão de 2006, disse à época que a parceria seria fundamental para o União galgar patamares no futebol paulista em questão de tempo.

Atílio Suarti, presidente do União durante a parceria, falou na mesma matéria do portal sobre os projetos que os investidores tinham, caso tivessem prosseguido no clube: “O plano da parceria era um contrato de dez anos, para construir quatro campos de futebol, refeitório, alojamento no terreno da Vila da Prata, que estava penhorado. A intenção era tirar a penhora do terreno para eles poderem construir. Já tinha inclusive contato com uma empresa de fast food famosa aqui no Brasil”.

Desfeita a parceria, a empresa foi procurar outro clube para investir. O escolhido foi o Grêmio Recreativo Barueri, da cidade homônima, uma das mais ricas e desenvolvidas da Região Metropolitana de São Paulo. Além de forte apoio do poder público, sob a gestão do prefeito Rubens Furlan (que voltou ao cargo em janeiro de 2017), a ajuda da DARM foi fundamental para a ascensão meteórica do time, que saiu da sexta divisão paulista em 2002, até a primeira em 2007.

No ano seguinte, ao lado de Corinthians, Santo André e Avaí, o Grêmio Barueri sobe para a Série A do Campeonato Brasileiro. Faz uma campanha convincente, com vitórias sobre potências do futebol em seu belo e estruturado estádio, a Arena Barueri. Por divergências com a prefeitura, em 2010 o clube sai de Barueri e vai para Presidente Prudente, mudando seu nome para Grêmio Prudente. Depois de cair no Brasileiro em 2010 e no Paulista em 2011, o clube desce ladeira abaixo até pedir licenciamento em 2016, após uma campanha péssima na terceira divisão paulista. Nesse ínterim, entre a queda no Brasileiro e seu fim, o time volta à Barueri, com o antigo nome, para tentar resgatar seus tempos áureos, mas tudo em vão.

O desempenho do União no primeiro ano do retorno à terceira divisão foi animador. Dos vinte clubes que disputaram a A3 de 2007, oito se classificavam para a segunda fase, enquanto o nono e o décimo colocado garantiriam uma participação na Copa FPF (hoje Copa Paulista), competição promovida pela federação, que serve para preenchimento de calendário aos clubes pequenos do estado.

Em 19 partidas, a serpente, novo mascote do time, conquistou oito vitórias, cinco empates e seis derrotas, marcando 31 gols e sofrendo 27. Com a campanha, chega em nono lugar a três pontos de conseguir uma vaga na segunda fase. Porém, o União se classifica para disputar a Copa FPF pela primeira vez na história. O bom desempenho se repete. Em um grupo com Bragantino, Corinthians (equipe júnior), Guaratinguetá (nenhuma relação com a antiga Esportiva), Juventus da Mooca, São Bernardo F.C. e São José, termina a competição em quinto, à frente do

Corinthians, e não conseguindo se classificar para a fase posterior por uma diferença de dois pontos sobre o São Bernardo, o quarto e último classificado.

Os sintomas do fim da parceria com a DARM e a má administração do clube, começaram a dar seus primeiros sinais no ano de 2008, sendo um prelúdio típico de uma tragédia que se anunciava. Do nono lugar em 2007, o clube caiu para o décimo quarto na Série A3 de 2008, com apenas sete vitórias, um empate e incríveis onze derrotas. Mal sabia o torcedor rubro que o dito “tudo que está ruim, pode piorar”, seria o norte da equipe em 2009.

Certamente, dez entre dez torcedores, se indagados qual ano do União eles apagariam da memória, 2009 era a primeira opção. Em uma tentativa de reviver a exitosa parceria com a DARM, que culminou com o título de 2006, a diretoria resolve contratar uma empresa de marketing esportivo de São Paulo, a Brasil Sport. Foi um erro crasso, que custou o rebaixamento da equipe para a quarta divisão, na pior campanha de um time profissional em todas as divisões do Brasil naquele ano.

O “melhor jogo” na A3 de 2009 foi um empate em 0 a 0 contra o time do Oeste Paulista de Presidente Prudente, no Nogueirão. Nos outros dezoito jogos, o União perdeu simplesmente todos os confrontos, incluindo um humilhante 8 a 0 contra o Votoraty F.C. de Votorantim, que seria o vencedor do certame, também no Nogueirão. Resumo: o União ficou em último lugar somando com um mísero ponto, sofrendo 75 gols e marcando doze.

De tão vergonhosa, toda a história da campanha do União mereceu destaque na mídia a nível nacional, sendo assunto de matéria no programa esportivo dominical Esporte Espetacular, da TV Globo, em que foi mostrado todos os motivos que levaram o União a chegar até aquela situação, sendo rotulado como “o pior time do Brasil em 2009”.

Uma série de irregularidades e más notícias estavam vindo a reboque com a parceria. Primeiro, a empresa não honrava suas dívidas com jogadores e parceiros; um dos dez técnicos que passaram pelo União no campeonato, pediu demissão logo no dia seguinte à contratação, acusando os donos da Brasil Sports de escalamem o time que ia a campo; a inscrição na receita estadual estava cassada há 19 anos e uma das sedes da empresa era na verdade uma casa de ração na cidade de Cotia, na Grande São Paulo.

Outros clubes também já haviam sido prejudicados pela má gestão da Brasil Sports. Em 2004, o Osasco Futebol Clube, que disputava a quinta divisão paulista, fez uma parceria que não durou nem cinco meses, segundo um ex-presidente do clube em entrevista à TV Diário, emis-

sora de Mogi das Cruzes, retransmissora da TV Globo. O Osasco teve uma campanha similar com a do União, terminando com um ponto negativo, depois de perder seis na justiça desportiva por escalação irregular de atletas.

“Eu não tenho porque simplesmente ajudar o União. Vim aqui para fazer negócio e ganhar dinheiro.”, disse um dos donos da Brasil Sports em uma conversa captada pela mesma TV Diário. O então presidente do clube, Alexandre Ribeiro, o ‘Português’, se arrependeu amargamente de ter feito a parceria, que foi desfeita à medida que o União fracassava no campeonato.

Uma outra parceria foi feita, dessa vez, com uma equipe da cidade vizinha de Arujá. Em vão. Absolutamente nada poderia reverter o estrago gigantesco deixado pela Brasil Sports, que logo voltaria ao clube para sair de novo, dessa vez em definitivo. O encerramento da década que prometia ser a de maior glória do clube, terminou da forma mais melancólica e inimaginável possível.

## ANOS 2010: NO CALVÁRIO DA QUARTA DIVISÃO, OUTRA VEZ...

Voltando após um intervalo de três anos, o União disputou a quarta divisão paulista de 2010, que contou com outras 45 equipes. Em seu grupo, fica em quarto lugar, conseguindo passar de fase, porém, não consegue vencer nenhum dos seis jogos da segunda fase, ficando em último lugar. O União continua sua caminhada em 2011, para reconstruir a relação de confiança entre a cidade e o time. Tudo parecia bem, até o momento em que veio à tona mais um escândalo para a história do clube, somando aos fracassos acumulados nos últimos tempos

Jogadores denunciaram à polícia o então treinador José Luiz Soares por crimes como injúria, difamação, estelionato, até casos mais graves como assédio moral e sexual. Muitos jogadores se queixavam de atrasos de salário, além da má alimentação fornecida pela equipe. A cozinheira do clube, que também estava com vencimentos em débito, disse em reportagem à TV Diário, que os jogadores se alimentavam parcamente, com a refeição constituída de arroz com repolho e farinha com pão. Não bastasse isso, houve um determinado momento em que os atletas tiveram que dividir dois pacotes de macarrão entre eles.

A história arranhou ainda mais a confiança do time. No campeonato estadual da quarta divisão, o União parou na primeira fase, ficando a um ponto de se classificar. Situação similar com o do ano de 2012, quando novamente



Escudo comemorativo dos 100 anos do clube

para na primeira fase, ficando atrás do rival, Atlético Mogi, que conquistou uma das vagas para a fase posterior.

Entre os clubes brasileiros, raros são os casos de clubes que alcançam a marca de um século de vida. Mais raro ainda é um clube ter sucesso no ano de seu centenário. Entre os grandes clubes, por exemplo, talvez o maior caso seja a do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, que em 1998, conquistou o maior título de sua história, a Libertadores da América, além do Campeonato Carioca.

No caso do União, o tão esperado ano de 2013, foi para esquecer, assim como a maioria das equipes que chegam aos 100 anos. Poucos eventos foram feitos para celebrar a data. Um escudo comemorativo e uma camisa listrada, remetendo aos tempos de Alfredão e Chiquinho, os fundadores foi lançada. No campo, entretanto, mais do mesmo. Apesar de ter passado de fase, mais um ano de frustração. Fica em terceiro lugar na segunda fase.

O Brasil voltaria a sediar mais uma edição da Copa do Mundo de 2014. Os 31 países, mais o Brasil, escolheriam determinadas cidades para servir de concentração antes da disputa das partidas. Uma das cidades escolhidas foi Mogi das Cruzes, que recebeu uma das candidatas a ser uma surpresa no mundial: a Bélgica. Os belgas, que tinham no elenco bons jogadores como Courtois, Fellaini, De Bruyne, Kompany e Hazard, ficaram hospedados em um resort de luxo no distrito de Jundiapéba.

A seleção só foi até as oitavas-de-final, sendo eliminada pela Argentina, por 1 a 0, em 5 de julho no Estádio Mané Garrincha, em Brasília. O gol foi marcado por Gonzalo

Higuaín. Já a seleção brasileira seria humilhada com um impiedoso placar de 7 a 1 diante dos alemães, que venceriam o torneio, no dia 8 de julho de 2014, em Belo Horizonte. Foi o maior vexame da seleção em toda sua história, apagando de vez a derrota para o Uruguai em 1950 no Maracanã.

Já o União, teve um bom desempenho na quarta divisão em 2014, mesmo não conseguindo o acesso para a A3. Depois de ser líder do grupo na primeira fase e ser segundo de sua chave na segunda etapa, o time é eliminado na terceira fase, perdendo uma das vagas para o Nacional da Barra Funda, que seria o vencedor da Bezinha de 2014.

Paralelamente, em junho de 2014 começavam as reformas de adequação do estádio Francisco Ribeiro Nogueira, o Nogueirão. As obras transformaram o estádio em toda a sua estrutura, fazendo dele uma das mais modernas arenas do interior de São Paulo. Com as reformas durando um ano e três meses, terminando apenas em setembro do ano seguinte, os dois clubes da cidade (União e Atlético) se licenciaram das disputas profissionais em 2015.

Retornando as competições em 2016, a cidade é uma das escolhidas para sede da Copa São Paulo de Futebol Júnior, organizada pela FPF, principal competição da categoria no Brasil, reunindo centenas de clubes de várias partes do país e até de fora. O União cai em um grupo que contava com o Flamengo, que viria a ser o vencedor do torneio, porém não passa da fase de grupos. Na quarta divisão, faz uma campanha bem aquém das expectativas, somando oito pontos e ficando em penúltimo do seu grupo, só a frente do rival Atlético Mogi.

Uma notícia pegou a todos de surpresa no início de 2017. No dia 8 de janeiro, durante partida contra o Cruzeiro de Belo Horizonte (MG), pela Copa São Paulo de Futebol Júnior, o presidente do clube Senerito Souza acaba sofrendo uma parada cardíaca antes da partida começar. Seria o último jogo dele no comando do time, pois haveria eleições para a escolha da nova diretoria. Ele foi encaminhado para o hospital, mas acabou vindo a óbito horas depois. Quem assumiu no lugar foi Osmar Novais Ferreira, candidato único, escolhido como novo mandatário até setembro de 2018.

A última edição do Campeonato Paulista da quarta divisão contou com 45 equipes. O União ficou no grupo 4 com Atlético Mogi, Jabaquara de Santos, Manthiqueira de Guaratinguetá, Mauaense, Real Cubatense (time que estreava no futebol profissional), e o São José. O time não começa bem o torneio, com duas derrotas e um empate, só vencendo na quinta rodada a Mauaense por 1 a 0 fora

(na quarta rodada iria enfrentar o Guaratinguetá, que desistiu de disputar). No dérbi contra o Atlético Mogi, na partida seguinte, empate em 0 a 0. A Serpente do Alto Tietê encerra o turno com um outro zero a zero contra a Real Cubatense, terminando o turno em sétimo lugar. Essa campanha irregular acaba mudando toda a comissão técnica.

O retorno começa com mais uma derrota diante do São José por 1 a 0, fora de casa. Depois de mais uma derrota para o Manthiqueira (2 a 1) e empate para o Jabaquara (1 a 1), uma goleada por 4 a 0 em cima do Mauaense coloca a equipe na luta pelas quatro vagas na segunda fase. Em 1º de julho, um sábado à tarde, uma vitória histórica sobre o rival Atlético Mogi no dérbi mogiano. Goleada por 5 a 0 em uma atuação espetacular, na qual se destacou o atacante Pinguim, uma das promessas da equipe, que fez três gols no jogo.

A vitória deu um ânimo extra para a equipe que entrou desacreditada, como sempre acontecia em outros anos. Faltava um jogo para a classificação para a segunda fase. O adversário era o novato Real Cubatense, que vinha de uma campanha irregular. Quem vencesse, se classificava. Dia 9 de julho de 2017, um domingo de sol, o Nogueirão veria naquele dia ou mais um insucesso somado a tantos outros na história do time ou uma classificação inesperada que daria um novo impulso para o time no decorrer do campeonato.

O jogo começou com mais chances para o União, mas



Senerito Souza, presidente do clube que faleceu durante uma partida contra o Cruzeiro, pela Copa SP de Juniores, em 08/01/2017.



# CAPÍTULO 4

## ATLÉTICO, O CAÇULA ALVI-ANIL DE MOGI



### O TIME QUE NASCEU DO SONHO DE UM GAROTO

Muitas pessoas quando são apaixonadas pelo futebol, sonham em fazer parte desse universo de alguma maneira. A maioria, prefere ser um dos atores do espetáculo, outros preferem falar e escrever sobre ele. Há também aqueles que sonham mais além e desejam ter um clube de verdade para chamar de seu. Foi o caso de Joaquim Carlos Paixão Filho. Mogiano, formado em direito pela Universidade Brás Cubas (UBC), conta de quem foi a ideia de fazer o time: “Foi minha. Totalmente insano. Sempre fui um apaixonado por futebol.” Antes, porém, ele tentou fazer uma parceria com o União em que não obteve sucesso.

Apesar de ser o fundador, no início Joaquim não conseguiu assumir o cargo de presidente, pois o fato de ser credenciado como um agente da FIFA - uma espécie de “ponte” que fazia a negociação entre jogadores e clube - o impedia de ocupar o posto. Sendo assim, o primeiro presidente da história acabou sendo um dos sócios que ajudou a construir o clube. Em 2009 ele assume, ficando ininterruptamente na gerência do clube.

Fundado no dia 19 de março de 2004 como Mogi

das Cruzes Futebol Limitada, o Caçula, mascote do clube, não pôde estreiar de imediato no futebol profissional. Uma resolução baixada pelo ex-presidente da FPF, Eduardo José Farah, proibiu que dois ou mais clubes de uma cidade participassem da mesma divisão do estadual, exceto a elite. Com isso, a estreia nos gramados teve de ser adiada em um ano.

Ainda em 2004, Joaquim fez uma apresentação sobre o time na sede da Federação Paulista de Futebol (FPF), no bairro da Barra Funda, em São Paulo. Por causa da resolução, a federação acabou não permitindo o clube participar de campeonatos. Mas, no mesmo dia, a sorte sorriu para Joaquim: “Estou vindo de São Paulo, ainda estava na Marginal (Tietê) e me ligam. Um dos conselheiros disse que o presidente viu o projeto e gostou. E nós voltamos na semana seguinte.”, recorda. A intenção inicial era estreiar na Copa São Paulo de Juniores de 2005, todavia o prazo para inscrição havia encerrado. Mas, existia a possibilidade de ingressar no profissional. Depois de a duras penas conseguir pagar a taxa de filiação, que era de 60 mil reais à época (hoje, segundo Joaquim, essa taxa varia na casa dos 800 mil reais), o time estava apto a jogar um campeonato a nível estadual.

### HISTÓRICO DAS CAMPANHAS DO ATLÉTICO

A edição de 2005 do Campeonato Paulista da Segunda Divisão, na realidade equivalente a quarta, contou com a participação de 40 clubes. O time ficou no grupo 5 com outros sete, entre eles o União Mogi. A estreia ocorreu no dia 10 de abril de 2005, um domingo, contra o Força Esporte Clube, clube ligado à Força Sindical, no Estádio Carlos Ferracini, em Caieiras, com derrota por 4 a 0. Na partida seguinte, contra o A.D. Guarulhos em Mogi, empate por 3 a 3. O presidente Joaquim lembra bem daquele jogo: “A gente estava ganhando de 3 a 1 e acabamos cedendo o empate”. O autor do primeiro gol da história do então Mogi Futebol foi Juninho. A primeira vitória viria no dia 22 de maio de 2005, depois de três rodadas, contra nada menos que o União por 2 a 1. Apesar disso, o Mogi Futebol não fez uma boa campanha ficando em último do grupo com 6 pontos.

aos 30 do primeiro tempo, em uma cobrança de escanteio, o Cubatense faz um a zero com Rapahel. O União pressiona, porém o primeiro tempo termina com um a zero para os visitantes. No segundo, o predomínio do alvirrubro era maior. Os minutos passavam e a classificação ficava distante. Nos instantes finais, surge a redenção. Aos 43 do segundo tempo, Anderson de bola parada fez o gol de empate, resultado já suficiente para o União se classificar e nos acréscimos, aos 48 minutos, Ninão selou a classificação para a segunda etapa do campeonato. Final, União 2, Real Cubatense 1.

Na segunda fase, o União caiu no “grupo da morte” com outros times sérios candidatos na luta pelo acesso. Estavam o Mauaense e dois equipes de enorme trajetória no futebol do interior paulista: o América de São José do Rio Preto e o XV de Novembro de Jaú, principal candidato por uma vaga à A3 de 2018. O União, que entrou como azarão na disputa, surpreendeu a todos, terminando como líder da chave com onze pontos conquistados em três vitórias, incluindo duas contra o XV de Jaú, dois empates e uma derrota.



Equipe contra o Manthiqueira de Guaratinguetá em 10/09/2017.

Classificado para as quartas de final, o próximo adversário da Serpente seria mais um clube que o União tinha enfrentado na primeira fase: o São José, também favorito para a subir de divisão. Em Mogi, no jogo de ida, um suado 4 a 3 e na volta no Estádio Martins Pereira, em São José dos Campos, vitória por 2 a 0. Nunca o sonho do acesso estava tão perto. Era a melhor campanha da equipe desde o título de 2006.

Mais um adversário dos alvirrubros na primeira fase estaria no caminho do União, dessa vez na semifinal era a Associação Desportiva Manthiqueira de Guaratinguetá. Se o União vencesse, ele garantiria uma vaga para a Série

A3 em 2018. Dias antes do jogo, o presidente Osmar Ferreira em entrevista a esse escritor, estava extremamente otimista, chegando a vaticinar: “Isso já está determinado. Eu vou ser campeão, eu garanto que nós vamos ser. Eu tenho um Deus comigo e ele vai mostrar para as pessoas que se pode fazer um bom trabalho sem roubo, sem desvio. Com honestidade.”

No dia 10 de setembro, a torcida foi em peso ao Nogueirão, graças a uma parceria do clube com a FPF em que os torcedores poderiam trocar garrafas PET por ingressos. Em jogo disputado, o placar final foi de zero a zero. A decisão estaria marcada para o sábado, dia 16 de setembro, no Estádio Dario Rodrigues Leite, o Ninho da Garça, em Guaratinguetá. O jogo seguiu disputado na primeira etapa, até que aos 47 do segundo tempo, Filipe Pinguim, a revelação do time, fez um a zero para o União. Faltava pouco para o acesso. Só que no segundo tempo, o time do União sofre um apagão e por infelicidade do destino, logo aos seis minutos da segunda etapa, o Manthiqueira empata.

O time da casa vira aos 30 e amplia aos 36 minutos. Era um duro golpe. Fim de jogo, fim do sonho. O União, que estava há um pequeno passo do acesso foi eliminado. Adia por mais um ano a tentativa de sair de uma situação vexatória para um clube de tamanha história e importância para o futebol regional e estadual. Apesar de todos praguejarem pelo seu fim, a campanha de 2017 só veio a confirmar que muitas páginas de alegrias ainda poderão ser escritas. Um time que nasceu de gente simples, liderados por Alfredão, motivado pelo sonho de ter um clube forte na cidade, jamais deixará de ser o orgulho do futebol de Mogi das Cruzes, esteja em qual situação. Que a história alvirrubra não tenha um ponto final, mas cada vez mais uma vírgula. Avante União !!!



Novo escudo da equipe



Orlando Lacanna / Site Jogos Perdidos



Imagem do primeiro gol do Força E.C. sobre o então Mogi Futebol Ltda., na primeira partida da história do clube, em 10/04/2005

CAMPANHA DO MOGI FUTEBOL LTDA. EM 2005

- Turno**  
10/04/2005 - Força (Caieiras) 4x0 Mogi  
16/04/2005 - Mogi 3x3 A.D. Guarulhos  
23/04/2005 - Joseense (São José dos Campos) 3x2 Mogi  
30/04/2005 - Mogi 1x2 Jacareí  
14/05/2005 - Mogi 0x4 Campinas  
22/05/2005 - União 1x2 Mogi  
28/05/2005 - Mogi 1x1 XV de Novembro (Caragatatuba)

- Retorno**  
04/06/2005 - Mogi 0x2 Força  
12/06/2005 - A.D. Guarulhos 4x1 Mogi  
18/06/2005 - Mogi 1x1 Joseense  
26/06/2005 - Jacareí 3x0 Mogi  
03/07/2005 - Campinas 6x0 Mogi  
09/07/2005 - Mogi 1x2 União  
17/07/2005 - XV de Novembro (Caraguatatuba) 3x0 Mogi

DESEMPENHO DO MOGI FUTEBOL NO CAMPEONATO

	TURNO	RETURNO	GERAL
Jogos	7	7	14
Vitórias	1	0	1
Empates	2	1	3
Derrotas	4	6	10
Gols pró	9	3	12
Gols contra	18	21	39
Saldo de Gols	-9	-9	-27

No ano seguinte, ainda sob o nome de Mogi Futebol, cai no grupo 6, fazendo uma campanha bem melhor do que o ano de estreia, ficando com a terceira e última vaga da chave para a segunda fase, mas faz uma campanha irregular, sendo eliminado em seguida. Não bastasse isso, veria o União ser o campeão daquela edição. Em 2007, ainda disputando a quarta divisão, vai bem mais uma vez, mas por uma diferença de dois pontos, não passa da primeira fase, ficando em quinto do grupo 5, que dava quatro vagas.

Por falta de verba, a equipe alvi-anil não disputa nenhuma competição no ano de 2008. Em 2009, repetiria outra boa campanha, somando 19 pontos em 12 jogos, com cinco vitórias, quatro empates e três derrotas, sendo o terceiro lugar do grupo 5. Com isso, conquista uma das quatro vagas para a segunda etapa da quarta divisão paulista. Na segunda fase, outra boa campanha. No grupo 9, junto com C.A. Lemense (Leme), S.C. Atibaia e A.D. Guarulhos, o Mogi termina líder com nove pontos e apenas uma derrota. A boa campanha não se repete na terceira fase. O Mogi fica na última posição de uma chave também com quatro times, somando só um ponto em nove jogos. Apesar disso, a campanha de 2009 é até agora, a melhor feita pelo time em sua curta vida.

A década de 2010 iniciaria com mudanças no clube. A começar pelo nome, que em vez de Mogi das Cruzes Futebol Ltda., iria se chamar Clube Atlético Mogi das Cruzes de Futebol, nome que mantém até hoje. O fundador-presidente Joaquim Paixão explica que a mudança foi por pura conveniência. Os veículos de imprensa sempre se referiam ao clube como “Mogi Ltda.”, nome semelhante a de uma empresa de ônibus da cidade, que entrou em falência após se envolver em um escândalo de corrupção nos anos 1980. O desenho, que até pouco tempo atrás aparecia no símbolo do clube, era de uma cruz vazada, uma referência a crucificação de Jesus Cristo.

Após um hiato de três anos, volta a enfrentar o União no “dérbi” mogiano. O alvirrubro tinha acabado de ser rebaixado após uma pífia campanha na terceira divisão estadual de 2009. O agora Atlético Mogi consegue vencer a partida de ida (2 a 0) quanto a de volta (3 a 2). Contudo, incrivelmente perde a última vaga para a segunda fase justamente para o União. Os dois times empataram em número de pontos (24), mas a Serpente levou a melhor pelo número de vitórias (sete para o União e seis para o Atlético).

Site Atlético Mogi



Apresentação da equipe para a temporada de 2016. O clube, ao lado do União, voltaria depois de um ano devido reformas no Nogueirão.

Assim como em 2008, por uma decisão do presidente, o time fica parado em 2011 por falta de verbas. Voltaria em 2012, “vingando” a eliminação do União. Dessa vez, quem herdaria a quarta vaga para a segunda fase da quarta divisão paulista de 2012 era o Atlético, seguido do União em quinto, com uma diferença de três pontos entre os dois, mas com seis derrotas em seis jogos, o Caçula fica em último lugar em sua chave sem somar pontos.

Em 2013, ainda pela quarta divisão paulista, o clube não vai bem. Ficando em último lugar do grupo 7 da primeira fase, com cinco pontos, campanha idêntica à de 2014 só que pelo grupo 5. Devido as reformas no Estádio Nogueirão, os dois clubes profissionais da cidade, Atlético e União não disputam campeonatos em 2015. No retorno, em 2016, outra campanha ruim. É o lanterna do grupo 4 com sete pontos, atrás do União que ficou em penúltimo com oito. Na última participação em 2017, mais uma campanha para esquecer. Novamente fica na lanterna somando só quatro pontos em 12 jogos, entre eles uma goleada sofrida contra o União por 5 a 0, no dia 1º de julho de 2017.

DESAFIOS E FUTURO DO ATLÉTICO

O Atlético, assim como outros times que surgiram no país a partir dos anos 2000, é considerado como um clube-empresa, ou seja, quer gerar lucros através do futebol. A grande diferença dele para uma agremiação tradicional, com estatuto e rotatividade nos cargos da diretoria, é o fato de ser constituído por sócios e não por diretores. E, assim como Joaquim, quem assume a presidência do clube é aqueles que somente fazem parte dessa sociedade, podendo ficar no cargo por tempo

indeterminado.

Uma das principais funções de um clube-empresa, talvez a única, seja a formação de jogadores, que posteriormente são vendidos para clubes do Brasil e de todas as partes do mundo. No caso do Atlético, o presidente-fundador, Joaquim Paixão, pode destacar dois que tiveram destaque em quase uma década e meia de existência: Pedro Krauss, que veio da base do São Paulo Futebol Clube e depois jogou por inúmeros clubes pequenos Brasil afora e Maicon Oliveira.

Maicon nasceu no Rio de Janeiro em 8 de maio de 1988. Começou nas categorias de base do Fluminense, indo posteriormente para o Flamengo. Do rubro-negro carioca, veio para o Atlético. Joaquim conta das dificuldades do jovem logo na chegada ao time: “chegou com documentação irregular e demorou um bom tempo para regularizar, o treinador queria manda-lo embora e a gente continuava insistindo nele.”.

O time conseguiu vendê-lo para o Volyn, um clube pequeno da Ucrânia, na qual chegou a ser artilheiro do campeonato nacional da temporada 2011/2012 com 16 gols e da Copa da Ucrânia também de 2011/2012, com dez gols. Depois, teve uma breve passagem pelo Steaua Bucareste, time mais popular da Romênia. Na temporada seguinte, ele foi vendido para o Shakhtar Donetsk, principal clube do país, que já contava com uma série de jogadores brasileiros conhecidos. “Foi um símbolo de que era um negócio factível de se fazer, revelar bons jogadores para os clubes do mundo.”, disse Joaquim.

No time de Donetsk, cidade a leste do país, fez seis jogos marcando apenas um gol, sendo logo emprestado para mais dois clubes: o Zorya Luhansk e o Illichivets, ambos também da Ucrânia. No dia 8 de fevereiro de 2014, ele sofre um grave acidente em uma avenida do distrito de Kalinin, perto de Donetsk vindo a óbito na hora. O carro de Maicon teria invadido a faixa contrária acertando um outro veículo, cujo o único ocupante nada sofreu.

Mesmo sendo uma empresa, gerir um clube pequeno como o Atlético têm as suas dificuldades. Uma delas, é sofrer preconceito dos que pregam “ódio ao futebol moderno”, execrando todos os times que encontram no esporte uma forma de apenas ganhar dinheiro. Joaquim disse que o preconceito era maior, diminuindo com o passar do tempo. Isso também gera uma certa resistência na formação de torcedores, mas ele garante que a medida que bons resultados aparecerem, o apoio



do povo mogiano ao time será natural.

Uma outra dificuldade, a principal de acordo com Paixão, é a parte financeira. O clube, que não tem nenhum patrocínio, sobrevive das ajudas diretas dos sócios e da doação espontânea de algumas pessoas. A FPF também auxilia com cotas de participação e em outras coisas como a confecção de uniformes de jogo. Ele ainda é contra o poder público investir em um time de futebol, mas acredita que a prefeitura deveria ser uma espécie de “captadora” de novos patrocinadores.

Já em relação a dívidas, pedra no sapato de vários clubes, dentre eles o União, é uma dor de cabeça a menos. Joaquim Paixão afirma que os poucos débitos que o Atlético possui são de ordem trabalhista, de “ex-jogadores que não deram um chute na bola”, como ele diz, mas que são amparados pelas leis trabalhistas.

Ele ainda acredita que a um longo prazo, o time esteja pelo menos na segunda divisão do estadual ou mesmo em uma divisão inferior do Campeonato Brasileiro, atraindo a atenção de toda a população da cidade e da região. Sonhos típicos de alguém que um dia queria ter um clube só seu, e que quando realizam, dão de cara com as enormes dificuldades do cruel mundo do futebol, tentando manter o seu sonho vivo.



Escudo com o novo nome de Clube Atlético Mogi.

# CAPÍTULO 5

## DEMAIS CLUBES MOGIANOS



### VILA SANTISTA FUTEBOL CLUBE

Era uma segunda-feira, dia 14 de julho de 1919. Há quase um século, amigos que se reuniam com frequência resolvem criar mais um clube de futebol na cidade. Capitaneados por Ângelo Pereira Bastos, fundam naquele dia o Vila Santista Futebol Clube, em homenagem ao bairro próximo do centro da cidade.

Assim como o principal time da cidade, o União, que viria a ser o seu grande rival histórico, no início só se dedica a jogos amistosos com diversos times da cidade, da região e até da capital paulista. Tanto que a primeira partida do clube seria fora de Mogi, contra um clube do bairro paulistano do Ipiranga, o Estrela do Brasil. E o Vila já começa com o pé direito, vencendo por 3 gols a 1.

Mas, seria a partir dos anos 1920 que a fama dos auriverdes iria crescer, juntamente com a evolução do patrimônio. No ano de 1922, no dia 23 de abril é inaugurado o campo do time na atual Rua Francisco Franco. O presidente do clube era Ângelo Pereira Passos, que depois viria a dar o nome ao campo. A fita de inauguração foi cortada por Deodato Wertheimer (que dá

nome a uma importante via da área central próxima ao antigo estádio), que tinha acabado de deixar o cargo de prefeito da cidade.

O campo da então Rua Santo Ângelo seria testemunha de confrontos épicos e inesquecíveis travados pelo Vila, como a série de partidas contra um “time B” do Vasco da Gama em 1926, descrita no capítulo “As Rivalidades”. E assim foi a vida do clube até os anos 1940.

Com a criação da Federação Paulista de Futebol (FPF) em 1941, o Vila disputa algumas edições do Campeonato Paulista do Interior, competição voltada para os clubes das demais regiões do estado que não podiam subir para a elite. O time joga entre os anos de 1942 e 1945 ao lado de outros times de Mogi, do Vale do Paraíba e da Baixada Santista, mas não consegue ir muito longe. Na década de 1950, cresce o desejo de disputar campeonatos profissionais de São Paulo, algo que só viria a acontecer em 1957. Além disso, em 1954 seria assinada a escritura do terreno da futura sede do clube no Jardim Aracy, onde se estabeleceu até hoje.

### O VILA SANTISTA NO PROFISSIONALISMO

O primeiro clube mogiano a disputar o Campeonato Paulista foi o União em 1951, quando joga a segunda divisão do estado. Após uma pequena interrupção, ele voltaria em 1955, disputando somente a segunda divisão até 1959. Antes, em 1957, é a vez do Vila Santista entrar em uma competição da FPF. O auriverde começou na terceira divisão daquele ano.

O Campeonato Paulista da terceira divisão de 1957 foi disputado por 38 equipes. Elas foram divididas em oito chaves de acordo com a proximidade geográfica. O Vila esteve no grupo 6 com outros dois clubes: o E.C. São José e o Elvira de Jacaré. Na relação dos participantes, há também o Corinthians de Santo André, mas não se sabe se iria ficar no mesmo grupo, pois acabou não jogando. De cada grupo, saíam dois para a fase posterior. As dezesseis equipes restantes seriam novamente divididas em duas chaves com oito times, passando para a final apenas a primeira colocada. Os jogos

em todas as fases seriam disputados em ida e volta.

A estreia do Vila Santista aconteceu no dia 14 de julho de 1957. Em Mogi, a equipe derrota o Elvira por um gol a zero. Em 11 de agosto, sofre uma goleada impiedosa do E.C. São José por 5 a 2 fora de casa. Não se tem conhecimento se pelo fato da chave do Vila ter apenas três clubes houve os jogos de volta, ou se os jornais na época não publicaram os resultados. O fato é que mesmo assim, o Vila consegue se classificar para a segunda fase.

No grupo 1 da segunda fase estava composto por: Velo Clube (Rio Claro) e Expresso São Carlos (São Carlos), vindos do grupo 4 da primeira fase; Guarani Saltense (Salto) e Legionário (Bragança Paulista), do grupo 5; Vila Santista e São José, do grupo 6; Ferroviária (Pindamonhangaba) e o E.C. Aparecida, equipes vindas do grupo 7. Apenas o primeiro ia para a final.

A primeira partida do Vila é contra a Ferroviária de Pinda, no Vale do Paraíba. O jogo termina em 1 a 1, mas no primeiro turno só venceria uma partida, goleando o Legionário de Bragança por 5 a 0. Nos outros jogos, sofreu três empates e duas derrotas. Porém, a situação inverteria no segundo turno, com quatro vitórias, dois empates e duas derrotas. Com esse desmpenho, fica em segundo lugar no grupo, só a frente do Expresso São Carlos, que vai à final, além de conquistar o acesso para a segunda divisão do ano seguinte.

A decisão é contra o Grêmio Monte Aprazível entre o fim de janeiro e início de fevereiro de 1958. Na primeira partida, 3 a 1 Expresso em São Carlos. Em Monte Aprazível, vitória do time da casa por 2 a 1. Com isso, um terceiro jogo é realizado em campo neutro na cidade de Pindorama, com vitória do Expresso São Carlos por 3 a 2, que ganha o título da terceira divisão estadual de 1957.

O Expresso São Carlos foi fundado em 1953 por funcionários da transportadora que dava nome ao clube. Após uma partida entre “casados e solteiros” entre eles, surgiu a proposta de criar um time de futebol. Depois de disputar por alguns anos o campeonato amador da cidade, estreia, junto com o Vila Santista, na terceira divisão de 1957, conseguindo vencer o torneio. Mas, mesmo com a vaga assegurada para a segunda divisão, o clube decide encerrar suas atividades. O último jogo que se tem registro do time, ocorreu em março de 1958. Como consequência, a vaga seria herdada para o segundo colocado do grupo 1 da segunda fase. E esse clube

era o Vila Santista.

**JOGOS VILA SANTISTA CAMPEONATO PAULISTA TERCEIRA DIVISÃO 1957**

**Primeira Fase**

**Grupo 6**

14/07/1957 - Vila Santista 1x0 Elvira

11/08/1957 - E.C. São José 5x2 Vila Santista

Nota: não se sabe se houve jogos de volta entre as equipes ou se os jornais não publicaram os resultados.

**Segunda Fase**

**Grupo 2**

**Turno**

29/09/1957 - Ferroviária (Pindamonhangaba) 1x1 Vila Santista

06/10/1957 - Vila Santista 1x1 Guarani Saltense

13/10/1957 - E.C. Aparecida 2x0 Vila Santista

20/10/1957 -Velo Clube 0x0 Vila Santista

27/10/1957 - Vila Santista 1x1 E.C. São José

03/11/1957 - Vila Santista 5x0 Legionários

10/11/1957 - Expresso São Carlos 2x1 Vila Santista

**Retorno**

17/11/1957 - Vila Santista 3x1 Ferroviária (Pindamonhangaba)

24/11/1957 - Guarani Saltense 2x3 Vila Santista

01/12/1957 - Vila Santista 3x0 E.C. Aparecida

08/12/1957 - Vila Santista 0x1 Velo Clube

15/12/1957 - E.C. São José 0x0 Vila Santista

22/12/1957 - Legionários 2x1 Vila Santista

29/12/1957 - Vila Santista 4x1 Expresso São Carlos



Facebook “Mogi por Chico Ornellas”

Foto aérea do estádio do clube na década de 1960, que ficava entre as ruas Francisco Franco e Santana.

**DESEMPENHO DO VILA SANTISTA NO CAMPEONATO**

	1ª FASE	2ª FASE		GERAL
		1º TURNO	2º TURNO	
Jogos	2	7	7	16
Vitórias	1	1	4	6
Empates	-	4	1	5
Derrotas	1	2	2	5
Gols pró	3	9	14	26
Gols contra	5	7	7	19
Saldo de Gols	-2	2	7	7

**BREVE ESTÁGIO NA SEGUNDA DIVISÃO**

O campeonato estadual da segunda divisão de 1958 teve a participação de 38 equipes. A primeira fase teria quatro chaves (Branco, Verde, Amarelo e Azul) em que se classificavam três equipes de cada uma para a segunda fase. O Vila ficou no grupo Azul que tinha também o União Mogi, o E.C. Aparecida, o Bragantino, o Elvira de Jacareí, a Esportiva de Guaratinguetá, o Estrela da Saúde de São Paulo, a Ferroviária de Pindamonhangaba, o Radium de Mococa e o São Caetano E.C.

A equipe faz uma ótima campanha, conquistando uma das vagas para a segunda fase, ficando em terceiro com 23 pontos ganhos. O União terminou em oitavo com quatorze pontos. Como forma de homenagem a dois grandes dirigentes responsáveis pela conquista da primeira Copa do Mundo pela seleção brasileira na Suécia no mesmo ano, as duas chaves da segunda fase foram batizadas de “Paulo Machado de Carvalho”, chefe da delegação do Brasil e proprietário da Rádio e TV Record, e de “João Havelange”, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade máxima do esporte brasileiro à época.

Nestas duas chaves, apenas o primeiro colocado faria a final do campeonato. O Vila estava no grupo “Paulo Machado de Carvalho”, com outras cinco equipes, mas acaba ficando em último lugar com apenas três pontos. No ano seguinte, mais uma tentativa na segunda divisão.

Similar a edição passada, os grupos da primeira fase da segunda divisão de 1959 tiveram nomes de pessoas ligadas a conquista do mundial de 1958 na Suécia. O Vila, ao lado do União, esteve no grupo “João Havelange”. Apenas dois se classificavam. Mas o Vila não conseguiu, terminando em quarto lugar com 21 pontos, à frente do União, que ficou em sexto com 17.

Talvez por uma nova reestruturação feita pela fe-

deração paulista, o Vila volta a jogar a terceira divisão em 1960. Em um grupo chamado de “Juscelino Kubitschek”, homenagem ao então presidente que saíria naquele ano, o auriverde, junto de outros sete clubes, terminaria em penúltimo, com onze pontos em quatorze jogos, conquistando cinco vitórias, um empate e oito derrotas o que acaba por levar a equipe a ser rebaixada para a quarta divisão em 1961. Seria a última experiência do clube no futebol profissional.

Ainda homenageando autoridades, a quarta divisão paulista de 1961 teve a participação de somente oito times. Desses, seis fariam parte da “Série Jânio Quadros”, sucessor de JK na presidência, mas que ficaria até agosto de 1961, quando decide renunciar. O Vila Santista estava junto com as equipes do Usina Santa Bárbara (Santa Bárbara d’Oeste), Sorocabana (Mairinque), Portofelicense (Porto Feliz), Capivariano (Capivari) e Rafard (Rafard). Mas o Vila infelizmente se despede do profissionalismo ficando na lanterna da chave com apenas oito pontos em dez jogos. A última partida acontece contra o Sorocabana de Mairinque, fora de casa, no dia 12 de novembro de 1961. O auriverde acaba derrotado por 4 a 1.

Depois da participação, o time resolve fechar o departamento profissional de futebol. Dedicar-se somente a prática de outros esportes, além da parte social, em sua sede no bairro do Jardim Aracy. Não existe nenhuma pretensão do clube voltar um dia. Porém, as páginas gloriosas escritas pelo clube em outros tempos, jamais se perderão.

**CLUBE ATLÉTICO YPIRANGA, O “CLUBE-FANTASMA”**

Muito pouco ou quase nada se sabe do Clube Atlético Ypiranga. As únicas informações conhecidas, dão



Acervo Glauro Ricciole



Time do Vila aproximadamente na década de 1950. Teve vida curta no profissionalismo, parando em 1960.

dos mais variados ramos acabaram aparecendo, como por exemplo o Expresso São Carlos E.C. (transportadora de São Carlos), o Mouran F.C. (frigorífico da cidade de Adamantina), Minister Clube (famosa marca de cigarros do bairro paulistano de Santo Amaro) e o E.C. Produtos Cachoeira (fábrica de refrigerantes de Itu), entre vários outros.

O Ypiranga, que ficou em um grupo chamado de “6ª Série”, também teve de enfrentar clubes oriundos de empresas: o General Motors E.C. (São Caetano do Sul), o C.A. Pirelli (Santo André) e o Expulancex F.C., de Cruzeiro, que produzia peças para indústrias têxteis. Além deles havia o Atlético Vila Alpina, que hoje pertence a São Paulo, mas ficava em São Caetano do Sul e do E.C. São José, de São José dos Campos.

O primeiro jogo do time aconteceu no dia 9 de agosto de 1964, derrota para o São José por dois a um, fora de casa. Na rodada seguinte, empate em Mogi contra o Pirelli de Santo André por um a um. A primeira vitória

só viria depois de duas rodadas, quando derrota o General Motors por 2 a 1, em casa.

As campanhas tanto no turno e no retorno foram irregulares, conquistando somente duas vitórias em dez jogos, entre eles, uma virada contra o São José em 4 de outubro, em Mogi por quatro a três. No final, o Ypiranga acaba ficando em penúltimo lugar, somando apenas sete pontos. Foi a única tentativa do clube na era profissional, depois, seria extinto.



JOGOS DO YPIRANGA NO CAMPEONATO PAULISTA QUARTA DIVISÃO 1964

Turno
09/08/1964 - São José 2x1 Ypiranga
16/08/1964 - Ypiranga 1x1 Pirelli
30/08/1964 - Expulancex 4x1 Ypiranga
06/09/1964 - Ypiranga 2x1 General Motors
20/09/1964 - Ypiranga 1x1 Vila Alpina
Retorno
04/10/1964 - Ypiranga 4x3 São José
11/10/1964 - Pirelli 4x0 Ypiranga
25/10/1964 - Ypiranga 2x2 Expulancex
01/11/1964 - General Motors 5x0 Ypiranga
15/11/1964 - Vila Alpina 3x2 Ypiranga

DESEMPENHO DO YPIRANGA NO CAMPEONATO

	TURNO	RETORNO	GERAL
Jogos	5	5	10
Vitórias	1	1	2
Empates	2	1	3
Derrotas	2	3	5
Gols pró	6	8	14
Gols contra	9	17	26
Saldo de Gols	-3	-9	-12



OUTROS CLUBES

Como dito anteriormente, diversos outros times surgiram na cidade, mas que não tiveram o mesmo protagonismo dos demais que militaram no profissionalismo. Esses times, alguns deles fundados nos primeiros anos de prática do futebol em Mogi, jogaram em sua maioria campeonatos amadores da cidade ou da região.

A partir dos anos 1940, com a chegada da Mineração Geral do Brasil (MGB), muitos clubes ligados a empresas começam a surgir, chegando em algumas oportunidades, a disputar o campeonato amador do estado, principal competição dos clubes do interior paulista, antes da criação da Lei do Acesso, no ano de 1947, que permitia a entrada de novos times na elite do Campeonato Paulista.

Os clubes davam vantagens para funcionários que de alguma forma fizessem parte das equipes dessas empresas, caso de Valdir Bueno, o Tesoura: “Eu tinha emprego em todas as empresas que investiam em futebol, eu trabalhei em sete empresas, tudo por causa do futebol. Eu era contratado para montar equipe jogar futebol para a empresa. ”, recorda.

Pela carência, total ou imparcial, de dados confiáveis, muitas informações de clubes acabam ficando desconstruídas. A falta de registro chega a tal ponto, que

Acervo Glauro Ricciole



Time do Vila em partida contra o União, válida pelo Campeonato Paulista da Segunda Divisão, em 10/08/1958, no campo da Rua Francisco Franco.

em muitos casos não se conhece informações básicas, como o escudo da equipe e a data de fundação. Abaixo, segue relacionadas as outras equipes que de alguma maneira ajudaram a construir a história do esporte na cidade:

Sociedade Sportiva Mogiana - Fundado em 4 de fevereiro de 1914, se dedicava a outros esportes, casos do ciclismo e da patinação. O primeiro presidente é o Sr. Alexandre Rillos e o Presidente esportivo, o Cel. João Batista dos Santos Cardoso;

Estrela do Norte Football Club - Foi fundado em 29 de outubro de 1919. A única informação disponível é que mandava seus jogos na Rua Campo Santo;

São João Futebol Clube - Criado no dia 7 de setembro de 1930, no bairro do mesmo nome, foi um dos grandes nomes do futebol na cidade. O estádio da equipe era conhecido como o “Maracanã dos pobres”, tamanha era a quantidade de gente que acompanhava os jogos que aconteciam a cada fim de semana. Chegou a disputar as edições do Campeonato Paulista de Amadores nos anos de 1942, 1944 e 1945;

Associação Atlética Comercial - A data de fundação é 14 de abril de 1931. Foi mais um clube que fez fama no futebol da cidade, chegando a rivalizar com grandes potências da cidade, como o União e o Vila Santista. O clube ainda mantém um campo próximo ao Terminal Rodoviário Geraldo Scavone e da estação Estudantes da CPTM. Chegou a disputar o Campeonato Paulista de Amadores em três oportunidades: 1942, 1944 e 1945;

Tietê Futebol Clube - Outro grande clube da era amadora. Fundado em 30 de julho de 1938. Disputou os campeonatos estaduais amadores entre 1948 e 1950. Em 1952, no dia 28 de dezembro, foi inaugurado o campo que ficava no bairro do Mogilar;

Mogitex Futebol Clube - Equipe da antiga fábrica de tecidos de mesmo nome que ficava no bairro do Shanghai. Disputou o paulista amador de 1942;

Santo Ângelo Futebol Clube - O clube que tinha as cores vermelho e branco jogou por três anos o paulista amador: 1942, 1944 e 1945;

Ouro Fino Futebol Clube - Disputa o estadual amador de 1944 com o nome de Ouro Fino Atlético Clube, mudando de nome no campeonato do ano seguinte;

Sociedade Esportiva Minerasil - Clube que pertencia a portentosa Mineração Geral do Brasil (MGB), indústria de vital importância na cidade por quase vinte anos. Representa a cidade em três edições do Campeonato Paulista Amador em 1944, 1945 e 1949.

# CAPÍTULO 6

## O FUTURO

Nada melhor do que abrir esse capítulo, com os versos de um famoso samba-enredo: “Como será o amanhã/Responda a quem puder”. Diante das pífias campanhas dos últimos anos dos clubes da cidade nos torneios profissionais, a resposta sobre o futuro é totalmente desanimadora. Ninguém vê um futuro a curto ou longo prazo,

O mais categórico no diagnóstico da atual situação do futebol profissional na cidade de Mogi, é Pedro Vieira: “Péssima. Futebol aqui é uma várzea melhorada. Infelizmente. ” Mineiro, formado em jornalismo, está na cidade desde 2001. Ele é editor-chefe e apresentador do programa “Esporte D”, versão local do “Globo Esporte”, exibido pela TV Diário, afiliada da Rede Globo no Alto Tietê. Pedro faz um comparativo com a cidade de Suzano, outra cidade da região com dois clubes profissionais (ECUS e União Suzano), que, mesmo em uma situação parecida com a de Mogi, encontram alternativas para sua sobrevivência. Uma das citadas por ele, é a de disputar campeonatos semiamadores, como a Taça Paulista, torneio não-oficial que reúne clubes que já foram profissionais, além de alguns que tentaram se filiar as federações, mas acabaram não conseguindo.

Uma proposta recente dos dois clubes suzanenses, eram se unir, originando o Suzano Sport Clube, que representaria a cidade em campeonatos. Pedro destaca que confia nessa parceria, desde que, os que venham a gerir o clube tratem os recursos que o futuro clube venha a ganhar, de forma correta.

Outro fator que contribui para o cenário, é a falta de credibilidade que tanto União, tanto Atlético conseguiram ao longo dos últimos anos. Além das más parcerias com empresas, que teriam a missão de gerir o futebol, pesam na conta casos mais graves, como atrasos contumazes de salários, péssimas instalações de acomodação de atletas e até suspeitas de abuso sexual. Motivos que fazem qualquer time de futebol sair das páginas esportivas e ir para as páginas policiais dos jornais.

Isso acaba, como grande consequência, afastando o interesse dos empresários em investir em um clube de futebol local. Essa é uma das missões do atual presiden-

te do União, Osmar Novais Ferreira, garantindo que a boa índole que possui junto à sociedade, possa já ser um fator na captação de parceiros: “Resgatar a marca União com credibilidade, com transparência, porque a maioria das pessoas que me conhecem sabem quem sou eu. Isso já é um ponto favorável. ”. Dificuldade semelhante encontrada por Joaquim Paixão Filho, presidente do Atlético Mogi, clube mais novo da cidade. Ele já foi em praticamente todas as empresas da cidade, mas não obteve sucesso. Outro motivo apontado por Pedro Vieira, é o fato de muitas empresas de Mogi, serem de grande porte, meras revendedoras para demais empresas de médio e pequeno porte. Esse motivo torna desinteressante o interesses dessas organizações em bancar um time da cidade.

Muitos podem acreditar também que outro motivo para a forte decadência do futebol na cidade, seja a presença do time de basquete, o Mogi das Cruzes Basquete. Fundado em 1995, sendo campeão paulista no ano seguinte, viveria seu grande auge a partir da retomada das práticas, o que aconteceu em 2011. Até agora, a equipe, financiada em grande parte por uma grande construtora da cidade, conseguiu chegar à NBB (Novo Basquete Brasil), categoria de elite do esporte nacional, além de conquistar em 2016 o segundo título paulista e o campeonato sul-americano da modalidade. Porém, todos por unanimidade, garantem que isso não passa de lenda.

“O público do basquete é o público do resultado”, afirma Joaquim Paixão, presidente do Atlético Mogi. Pedro tem outra teoria para dizer o motivo de o basquete fazer mais sucesso, atraindo mais patrocínios que o futebol: “ O basquete você precisa de doze jogadores para disputar uma temporada. O futebol precisa de um elenco de no mínimo vinte e cinco, vinte e sete jogadores. É o dobro de gasto com alojamento, alimentação, água, material de treinamento, lavanderia, transporte, é tudo o dobro. ”

E quais seriam as alternativas que os clubes poderiam encontrar? Uma das formas encontradas por Pedro Vieira é tomar uma iniciativa simples, que é adotada por muitos clubes, sobretudo os de baixo investimento,

## O futuro

quando se trata da cidade berço do maior jogador do país nos últimos tempos, Neymar Júnior.

Inúmeros são os motivos que fazem o povo de Mogi das Cruzes deixar de acreditar no potencial que o futebol tem e desperta na cidade. Contudo, bastaria apenas uma pequena ajuda, um pequeno esforço da comunidade local para a situação ser um pouquinho diferente. O título conquistado pelo União em 2006, talvez tenha sido a última prova do enorme poder do futebol local. É possível sim, que os clubes daqui continuem revelando atletas e alçando voos maiores, até inimagináveis. Mais, uma vez, bastaria uma receita simples para a mudança de cenário: boa vontade da sociedade mogiana, seja dos que ainda, bravamente, torcem pelos times da cidade, seja da parte comercial e industrial e até do poder público, que poderia ajudar de alguma forma.

Verdade seja dita, a cidade de Mogi das Cruzes pode se considerar uma potência e uma referência no campo esportivo, não se restringindo ao basquete, mas aos esportes individuais, quaisquer que sejam e o coletivo, sobretudo o futebol. É algo que, primeiramente, precisa de incentivo e depois, de outro ingrediente fundamental: tempo. Tempo para os resultados trazerem frutos satisfatórios. E uma coisa é certa: o futebol na cidade de Mogi das Cruzes continuará a escrever páginas e mais páginas de glória por muito tempo.

## DESAFIADOR, ORGULHOSO E GRATIFICANTE

Talvez o maior, o principal desafio no decorrer da confecção deste livro foi a de falar de um ambiente pouco familiar do autor da obra. Desde quando acompanho futebol, já tinha ouvido falar do União e depois do Atlético. Só após adquirir a obra-prima “Almanaque do Futebol Paulista”, de autoria de Rodolfo Kussarev Jr. e José Jorge Farah Neto, soube que a cidade teve mais dois clubes na era profissional. Também fiquei espantado ao saber dos demais que existiram aqui durante a era amadora.

Lembro do dia 19 de novembro de 2006, quando em um domingo nublado, vi alguns instantes da final do Campeonato Paulista da quarta divisão conquistada pelo União, através de uma transmissão feita por um canal de TV católico que transmitia as partidas. Assim como vi seu auge, acompanhei sua decadência através da matéria exibida no “Esporte Espetacular”, três anos depois, diagnosticando o pari passu para a desastrosa campanha do alvirrubro na terceira divisão paulista, sendo considerado o “pior time do Brasil em 2009”.



Mesmo tendo algum conhecimento, eu não era aprofundado no tema. Um dos fatores, foi o fato de residir na cidade vizinha da Arujá, que nunca teve um clube profissional, como já tiveram outras cidades da região como Itaquaquecetuba, Suzano e até Guarulhos (que, gostem ou não, também pertence ao Alto Tietê).

A medida que fui ficando a par do tema, me deparei com a triste realidade brasileira: a de desprezar completamente tudo aquilo que é velho. Do que restou da história do futebol da cidade, muita coisa ou é desconhecida, ou não teve o devido registro, dificultando sua preservação. Certamente, pessoas mais familiarizadas com o tema e que porventura leram essas páginas, se deram conta de que alguma informação foi omitida ou foi exposta de forma errada.

Tratar de um tema, ao mesmo tempo tão trabalhoso e tão delicioso, foi a mesma coisa que juntar penas de travesseiro de ganso jogadas do alto de um prédio. Pois é disso que se trata a memória futebolística de Mogi das Cruzes, um punhado de pequenas coisas que se perderam com o tempo e que eram necessários que se juntassem uma parte do que restou.

A experiência de narrar algo inédito e desconhecido foi totalmente gratificante. Me fez ver um outro lado do futebol que pouco conhecia, distante dos holofotes da grande mídia e castigada pela cruenta realidade de campeonatos de baixo apelo de público e de clubes, que se viram como podem para pagar um salário mínimo, ou até menos que isso, para não desaparecer de vez do cenário futebolístico.

Mas mais do que isso, o livro deu a oportunidade de ex-artistas da bola, um entre milhões que o “país do futebol” produziu em mais de um século. Muitos fizeram fama e deixaram sua marca registrada na história de clubes e até da equipe nacional de futebol. Outros, a maioria mais que absoluta deles, ficaram no completo ostracismo. Tentando através do esporte, buscar com uma fama que foi em vão, um sonho que durou menos que uma bola de sabão. Um desses casos foi Valdir Bueno, mais conhecido como Tesoura.

Filho de família pobre, Tesoura sempre teve contato com o futebol desde que nasceu. O pai, Atílio, era jogador amador, que frequentava o “Maracanã dos Pobres”, estádio do São João Futebol Clube, do bairro de mesmo nome. Além do gosto pelo futebol, Valdir herdou do pai o apelido Tesoura, que tinha uma semelhança física com Tesourinha, grande jogador de Inter e Grêmio de Porto Alegre, entre os anos 1940 e 1950.

No ano de 1958, quando o Brasil ganhou seu primeiro mundial de futebol, na Suécia, o pai de Tesoura se relacionou com a mulher de um amigo e o abandonou, morando em outra cidade. Anos depois, tentou ser juvenil no tempo do Santos de Gilmar; Lima, Mauro, Dalmo, Zito e Calvet; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe faziam miséria com os adversários. Contudo, com a negativa da mãe, muito em função do apoio do abandono do pai, o sonho foi interrompido.

Porém, nada, absolutamente nada nessa vida, acontece por um acaso. Tudo tem um porquê um propósito. Quis Deus, que rabisca certo nas linhas tortas da vida, que os dois se reencontrassem em uma zona eleitoral em que os dois votavam. Depois, em uma pizzeria, no mesmo dia, colocaram os pingos nos is, se reconciliando. Depois, nos juvenis da Portuguesa de Desportos, jogou ao lado de futuros craques da Lusa como Enéas e Cabinho. Por diversos problemas, teve que sair.

Uma participação da equipe de futebol da cidade nos Jogos Regionais, na qual acabariam vencendo uma edição, foi o trampolim para jogar pelo União, em sua retomada ao profissionalismo entre o fim dos anos 1970 e início de 1980. Depois, resolveu se aposentar do futebol. Atualmente, é instrutor em um centro esportivo no distrito de César de Souza.

O que impressionou naquele homem simples e discreto, foi a memória impressionante sobre os fatos, não só do futebol local, mas do futebol regional. Na conversa gravada que foi usada nesse trabalho, foram mais de uma hora e meia de histórias que deixariam qualquer um apaixonado pelo esporte bretão embasbacado com tamanho conhecimento. Tivemos outra oportunidade para conversarmos, com um tempo igual ou parecido com a do nosso primeiro encontro. Sinto certo orgulho de ter dado voz a alguém que quase ninguém conhecia.

Quase ninguém, exceto por aqueles que guardam saudades do tempo de Tesoura como jogador. Ele não fez fortuna com o esporte, mas ele se orgulha de dizer que o reconhecimento dos mogianos por tudo que fez no esporte, vale mais do que qualquer título de Copa do Mundo. Fato impressionante em tempos em que os astros do espetáculo correm desesperadamente por aparecer na mídia, aumentando sua popularidade e consequentemente a conta bancária e o número de mulheres atraídas pelo feromônio do glamour e do status.

E o que dizer de Osmar Novais Ferreira, presidente do já centenário União Futebol Clube? Mesmo vivendo de migalhas, com todos os bens bloqueados do clube

pela justiça para pagamento de dívidas, é um exemplo de perseverança e sobretudo de fé de dias melhores. Se contarmos as palavras ditas durante nossa conversa, não será surpresa se ele tiver citado mais vezes a palavra Deus do que União. Osmar pode ser considerado aquele velho exemplo de clichê: “sou brasileiro e não desisto nunca”. Por mais que tudo esteja contra, que a situação não melhore de maneira alguma, ele tira foças, sabe-se lá de onde, para que a chama da esperança jamais se dissipe.

Outra figura que merece destaque aqui, é Joaquim Carlos Paixão Filho. Esse, que era louco por futebol como muitos garotos, assim como esse escriba, ousou e em vez de tentar ir para o mundo do futebol como um atleta, resolveu criar um clube. Muitos criticam o fato de o time que ele concebeu e comanda, o Atlético Mogi, como um mero clube-empresa, que serve apenas para duas coisas: ganhar dinheiro com o esporte e vender algum jogador para qualquer lugar do mundo, nem que seja onde Judas perdeu as botas. Mas, poucos sabem como ele, a duras penas, também luta para manter a chama da esperança viva e ver o seu time chegar a lugares que nem ele imaginou. Aquele rapaz, que despacha em uma casa adaptada para receber uma imobiliária, fez mudar um pouco o meu conceito desses times que disseminam a praga do “futebol moderno”. Não que ainda tenho mudado, todavia só de perceber o gosto dele pelo seu “brinquedo” me fez acreditar que tudo na vida tenha a sua exceção. Não bastasse isso, ainda tive a oportunidade de ser mais um “reforço” do clube para a próxima temporada, caso o Jornalismo não renda.

Pedro e Cairo, a dupla da Globo altotieteense, foram solícitos ao extremo. Deram seu parecer e sua visão sobre a dura e triste realidade a qual sofre o esporte na cidade. Pedro, que acompanha a mais tempo a realidade esportiva, foi duro nas palavras, direto, sem deixar de acreditar que nem tudo está perdido. Já Cairo, que acompanha com certa regularidade a Francana, de sua terra natal, indo de vez em quando no Estádio José Lancha Filho, fez também pontuações pertinentes ao tema, chegando em alguns momentos a fazer analogias ao time da Veterana Aliverde de Franca.

Além dessas pessoas que me ajudaram diretamente, reservei essas linhas para agradecer a todos aqueles que, diretamente ou não, me ajudaram a não desistir desse trabalho. Ao Auro Malaquias, bibliotecário da cidade de Mogi que sempre confiou no potencial de uma obra sobre o tema, aos professores da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), em especial a Hércules Moreira,

Sérsi Bardari, Agnes Arruda e Elizeu Silva, também por sempre me incentivarem a ir mais além, a voar mais alto, a acreditar que o trabalho, não era apenas um requisito para sair das portas da faculdade com o diploma no braço e correr atrás do meu lugar ao sol, mas de que poderia - e espero - que me leve a lugares que jamais ousei em imaginar.

Obrigado a todas as demais pessoas, que de uma forma ou de outra, me dão motivos para levantar a cada dia e acreditar que jamais devo desistir dos meus sonhos, por mais que a probabilidade de realizá-los seja mais ínfimo que um grão de areia. Sempre tenho em mente que nada nessa vida seja por acaso. Que tempestades que atravessamos em nossa vida, sempre tem um fim e sempre levam a um fim, passe o tempo que for.

E, para finalizar, que a história do futebol mogiano nunca tenha um ponto final, mas sempre uma vírgula. Que o conteúdo aqui apresentado ajude futuramente a novos pesquisadores a descobrir a tamanha riqueza a qual tem a cidade no que se trata de futebol, mesmo nunca alcançando a elite do esporte, quer a nível nacional, quer a nível estadual. Sem dúvida nenhuma, mais páginas serão escritas no futuro, seja por mim ou por outro afortunado. O tempo não para e a história nunca tem um fim.

## FIM



Apresentação do novo "reforço" do Atlético Mogi para 2018.

Instagram "História do Futebol em Mogi das Cruzes"

# REFERÊNCIAS

## LIVROS

CASTRO, Ruy. Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIÁRIO LANCE. Enciclopédia do Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: Areté Editorial, 2001.

FARAH NETO, José Jorge; KUSSAREV JUNIOR, Rodolfo. Almanaque do Futebol Paulista 2001. Osasco: Panini Brasil, 2001.

GRINBERG, Isaac. História de Mogi das Cruzes. São Paulo: Saraiva, 1961.

\_\_\_\_\_. Mogi das Cruzes de Antigamente. São Paulo: Saraiva, 1964.

KUSSAREV JUNIOR, Rodolfo. Os Esquecidos - Arquivos do Futebol Paulista. Campinas: DataToro, 2016.

RIBEIRO, Rubens. O Caminho da Bola - 100 anos da FPF. São Paulo: BPS Produções, 2008

UNZELTE, Celso. O livro de ouro do futebol. São Paulo: Ediouro, 2002.

O DIÁRIO DE MOGI (org.). Entrevistas de Domingo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

## JORNAIS E REVISTAS

A Gazeta (SP)

Correio Paulistano

Diário Nacional

Folha de S. Paulo

Jornal do Commercio (RJ)

Mundo Esportivo

O Diário de Mogi

O Estado de S. Paulo

O Imparcial (RJ)

Revista Alvi-Rubro

Revista Placar

## SITES

Portal G1

Globoesporte.com

Blog “História do Futebol”

Federação Paulista de Futebol (FPF)

Sites de Clubes

Jogos Perdidos

Clube Atlético Mogi das Cruzes

Facebook “União Futebol Clube”

## FOTOS

Acervo Glauco Ricciele

Blog “Redescobrimdo do Alto Tietê”

Site “Estações Ferroviárias”

Facebook “Mogi por Chico Ornellas”

Pinterest



João Renato Leandro Amorim, nasceu em 23/10/1993, na cidade de Guarulhos (SP). Desde os cinco anos de idade mora na vizinha Arujá (SP), onde teve toda a sua formação escolar. É estudante de graduação de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). O futebol é uma de suas grandes paixões.